

UNIVERSIDADE DE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**DINÂMICAS CULTURAIS NA BARRA DO JUCU: O PAPEL DA
IDENTIDADE E DA COMUNIDADE NAS ORGANIZAÇÕES
CULTURAIS LOCAIS**

KARINA SOLAR DE ALMEIDA GOMES BERGMANN

VILA VELHA
JULHO / 2023

UNIVERSIDADE DE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**DINÂMICAS CULTURAIS NA BARRA DO JUCU: O PAPEL DA
IDENTIDADE E DA COMUNIDADE NAS ORGANIZAÇÕES
CULTURAIS LOCAIS**

Dissertação apresentada a Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestra em Sociologia Política.

KARINA SOLAR DE ALMEIDA GOMES BERGMANN

VILA VELHA
JULHO / 2023

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

B499d

Bergmann, Karina Solar.

Dinâmicas culturais na barra do jucu : o papel da identidade e da comunidade nas organizações culturais locais / Karina Solar Bergmann. – 2023

118 f.: il.

Orientadora: Viviane Mozine Rodrigues.

Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Identidade. 3. Cultura.
4. Barra do Jucu (Vila Velha, ES). I. Rodrigues, Viviane Mozine. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.2

KARINA SOLAR DE ALMEIDA GOMES BERGMANN

**DINÂMICAS CULTURAIS NA BARRA DO JUCU: O PAPEL DA
IDENTIDADE E DA COMUNIDADE NAS ORGANIZAÇÕES
CULTURAIS LOCAIS**

Dissertação apresentada a Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestra em Sociologia Política.

Aprovada em 26 de julho de 2023,

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

EDUARDO GEORJAO FERNANDES

Data: 20/02/2024 10:44:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Georjão Fernandes (UVV)



Documento assinado digitalmente

MARIA CRISTINA DADALTO

Data: 26/02/2024 17:18:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Cristina Dadalto (UFES)



Documento assinado digitalmente

VIVIANE MOZINE RODRIGUES

Data: 16/02/2024 09:56:52-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Viviane Mozine Rodrigues (UVV)

Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que participaram da pesquisa, especialmente aos entrevistados, cuja contribuição foi fundamental para a realização deste estudo. Agradeço pelo tempo, pela abertura e pela disposição em compartilhar suas experiências, enriquecendo assim o conhecimento sobre o tema abordado.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização desta dissertação. Seus apoios, orientações e incentivos foram fundamentais para o término deste trabalho.

Primeiramente, gostaria de agradecer minha orientadora, Viviane Mozine, pelo seu comprometimento, paciência e orientações valiosas ao longo de todo o processo de pesquisa. Sua expertise e feedback construtivo foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo, e sou grata por sua dedicação em me orientar da melhor maneira possível.

Aos meus professores e colegas de curso, meu sincero agradecimento. O ambiente acadêmico enriquecedor em que estive imerso não apenas estimulou meu aprendizado, mas também proporcionou valiosas trocas de conhecimento e experiências. Suas contribuições e debates foram essenciais para o aprimoramento das minhas ideias e argumentos.

À minha família, expresso minha gratidão por seu amor, apoio e compreensão ao longo dessa jornada. Vocês sempre acreditaram em mim e me motivaram a perseguir meus sonhos acadêmicos. Obrigado por me encorajar, por estar presente e por entender as demandas e desafios que enfrentei durante a realização desta dissertação.

Aos participantes da pesquisa, que generosamente compartilharam seu tempo e conhecimento, agradeço imensamente por sua colaboração. Sem a sua participação, este estudo não teria sido possível. Suas contribuições foram valiosas para o desenvolvimento dos resultados e conclusões apresentados neste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os amigos e pessoas queridas que me apoiaram ao longo desta jornada. Suas palavras de encorajamento, gestos de carinho e momentos de descontração foram essenciais para manter minha motivação e inspiração durante os desafios enfrentados. Sou grata por ter vocês ao meu lado.

Expresso minha sincera gratidão a todos os mencionados e a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação. Seu apoio foi inestimável e sou extremamente grata por cada contribuição.

EPÍGRAFE

“A resistência se manifesta nos movimentos sociais, onde a tradição se entrelaça com a criatividade, criando uma sinfonia de expressões que desafiam a ordem estabelecida.”

Karina Solar

PREFÁCIO

Barra do Jucu – sua insólita singularidade!

Marilena Soneghet

Inicialmente uma comunidade de pescadores, a Barra do Jucu vem se expandindo e crescendo moderadamente (o que vem de encontro ao desejo da maioria de mantê-la simples e bucólica – um reduto de paz).

A Barra do Jucu vem se destacando há anos, de modo ímpar em seu aspecto de compartilhamento, união de ideias e interesses comuns. Mesmo um visitante esporádico, mais sensível, percebe um sutil clima gentil que, como brisa amena perpassa entre os moradores. Pequenos gestos e palavras como “bom dia”, “boa tarde”, um sorriso, um olhar amistoso... são, não apenas usuais, mas estão intrínsecos no dia-a-dia. Há uma interação sadia entre as pretensas ‘classes sociais’ - aqui quase inexistentes – a dignidade e o respeito pelo ‘ser humano’ em si, independe da posição que ocupa na comunidade. Não há discriminação social, de credo ou etnias. Com a mesma simplicidade o pescador, o médico local, os professores, artistas, surfistas, a lavadeira, cozinheiras e faxineiras são amigos entre si; todos de alguma forma, se conhecem, se relacionam e frequentam as mesmas atividades. É um ambiente democrático e amigo.

O trabalho em questão desenvolvido com atenta sensibilidade por Karina Solar - aprofunda e estuda as questões necessárias à manutenção dessa identidade única e das soluções que se fazem necessárias ao desenvolvimento - infraestrutura exigidos pelo progresso em si – sempre com o cuidado de preservar esse caráter de uma comunidade coesa e tranquila. Ela enfatiza e deixa transparecer o quanto essa particularidade influencia e está presente na trajetória e na história da pequena vila de pescadores que vem se transformando ao longo dos anos e assumindo foros de um centro cultural vivo, em constante crescimento e mesmo em ebulição, dada a variedade de manifestações e interesses que movem seus moradores e líderes naturais. Já se percebem claramente os indícios da identidade própria que vem se solidificando.

Essa condição única vem atraindo novos moradores que aqui têm um perfil em comum; são, em sua maioria, jornalistas, artistas, poetas, produtores de teatro, pessoas, enfim, mais ligadas à cultura.

A Casa da Cultura, inaugurada há alguns anos, era o ponto de encontro para eventos diversos e oficinas culturais. Enquanto existiu, foi um sucesso total fomentando e atraindo os amantes das artes de todas as idades e de variadas procedências. Teatro, música, congada, saraus de poesia, canto coral, encontros da terceira idade, aulas de capoeira, de violão, de dança, mostra de vídeos ou de cinema... Nós os moradores lamentamos profundamente sua extinção e aguardamos a promessa sempre reiterada de 'ressuscitá-la'. Felizmente a criatividade é outra forte característica, que se evidencia quando a falta de recursos afeta a execução de algum projeto sócio/cultural. A comunidade se une, reinventa soluções, improvisa, recicla... e executa o projeto com os meios que consegue, com surpreendentes resultados.

As crianças e adolescentes das famílias nativas frequentam a escola pública local; as outras que chegaram depois, em sua maioria, vão às escolas de Vila Velha, quase sempre particulares. Brincam juntos, no entanto e há uma boa interação entre elas. Porém, a criança barrense necessita de incentivo. Há uma tendência ao comodismo, propiciada pelo próprio meio ambiente. Deixar-se levar pela vida despreocupada de praia. Pouco interesse tem pela leitura, por exemplo, ou pouca ambição quanto ao crescimento cultural, ao estudo, a buscar uma formação melhor (embora, claro, haja muitas exceções).

Arrebanhar essa meninada e inseri-la no mundo cultural por meio da leitura, artes, esporte incentivando o sonho de melhorar o padrão de vida, de crescer profissionalmente, adquirindo mais ampla visão de mundo, almejar novos rumos seria um projeto maravilhoso a ser abraçado por nossos governantes.

Como diz o educador e escritor, Paulo Freire "*o ser humano precisa de uma formação ampla*", ou seja, de um processo educativo que ultrapasse o ler e escrever palavras [...] e que possibilite também a leitura do mundo.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 15 |
| 1.1 CONTEXTUALIZANDO O BAIRRO: BARRA DO JUCU..... | 16 |
| 1.2 EXPLORANDO O BAIRRO: CONHECENDO SUA HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS | 24 |
| 1.3 OBJETIVOS DO TRABALHO..... | 34 |
| 1.4 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO..... | 36 |
| 1.5 PERFIL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS | 42 |
| 1.6 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO..... | 44 |
| 2. TEORIA, MÉTODO E PRÁTICA: A COMPREENSÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS AO LONGO DA HISTÓRIA | 46 |
| 2.1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS..... | 49 |
| 2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS: DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO | 52 |
| i. Teoria da Mobilização de Recursos | 56 |
| ii. Teoria do Processo Político | 59 |
| iii. Novos Movimentos Sociais | 62 |
| 2.3 UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS..... | 66 |
| 2.4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: UM PANORAMA HISTÓRICO DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS..... | 70 |
| 2.5 ATORES SOCIAIS E SUA METODOLOGIA DE ATUAÇÃO: CONCEITO E PRÁTICA | 75 |
| 3. COMPREENDENDO AS INTERCONEXÕES ENTRE COMUNIDADE, IDENTIDADE E CULTURA | 78 |
| 3.1 SOBRE COMUNIDADE..... | 79 |
| 3.2 SOBRE IDENTIDADE | 81 |
| 3.3 SOBRE CULTURA | 86 |
| 4. ANÁLISE DA INTERCONEXÃO ENTRE O MOVIMENTO CULTURAL, IDENTIDADE, TRADIÇÃO E MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA BARRA DO JUCU | 91 |
| 4.1 RASTREANDO A EFERVESCÊNCIA CULTURAL NA BARRA DO JUCU: UM LEVANTAMENTO DOS MOVIMENTOS CULTURAIS | 91 |
| 4.2 ANÁLISE DO MOVIMENTO CULTURAL NA REGIÃO DA BARRA DO JUCU: MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS VOLTADOS PARA A CULTURA | 91 |
| 4.3 TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS ATORES SOCIAIS: HISTÓRIAS QUE INSPIRARAM TRANSFORMAÇÕES | 98 |
| CONSIDERAÇÕES GERAIS | 105 |
| BIBLIOGRAFIA | 111 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1- Festa de São Benedito - fincada de mastro | 19 |
| Figura 2 - Praia do Barrão | 22 |
| Figura 3- Produção de casacas, Mestre Vitalino | 22 |
| Figura 4 - Ruína da Fazenda Jesuítica de Araçatiba, localizada no Rancho Forte - Barra do Jucu | 25 |
| Figura 5 - Praia do Barrão | 26 |
| Figura 6- Foz do Rio Jucu - Parque Municipal de Jacarenema..... | 27 |
| Figura 7 - Praia da Barra do Jucu | 28 |
| Figura 8 - Ponte da Madalena 2017 | 28 |
| Figura 9 - Igreja Nossa Senhora da Glória, Praça Pedro Valadares | 30 |
| Figura 10 - Banda de congo Mestre Honório..... | 33 |
| Figura 11 - Modelo relacional da identidade individual militante | 74 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Quadro organizacional das organizações culturais selecionadas | 44 |
|--|----|

RESUMO

BERGMANN, Karina Solar de Almeida Gomes, M.Sc., Universidade de Vila Velha-ES, julho de 2023. **Dinâmicas Culturais na Barra do Jucu: O papel da identidade e da comunidade nas organizações culturais locais.** Orientadora: Viviane Mozine.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o papel desempenhado pela identidade, comunidade e cultura na formação do engajamento e participação comunitária no movimento cultural da Barra do Jucu, em Vila Velha, Estado do Espírito Santo (Brasil). Para isso, traz o paradigma dos movimentos sociais contemporâneos e busca, por meio de entrevistas em profundidade com oito organizações (formais e informais) compreender a dinâmica dos movimentos sociais na construção das organizações culturais num bairro bucólico. Os conceitos de comunidade, identidade e cultura são fundamentais no arcabouço teórico para a compreensão das dinâmicas sociais presentes no bairro. Como resultado, as organizações culturais do local apontam que o fortalecimento e a participação dos atores sociais na comunidade podem contribuir para a manutenção da identidade cultural, além de incentivar a participação social na construção de uma comunidade unida e atuante. Entretanto, esses grupos passam por alguns desafios, tais como: carência de um espaço comum, divergências ideológicas, desigualdades recursos e a possibilidade de cooptação por parte de setores contrários.

Palavras-chave: Barra do Jucu, identidade, cultura, organizações culturais, protagonismo comunitário.

ABSTRACT

BERGMANN, Karina Solar de Almeida Gomes, M.Sc., University of Vila Velha – ES, July 2023. **Cultural Dynamics in Barra Do Jucu: The Role of Identity and Community in Local Cultural Organizations.** Advisor: Viviane Mozine.

This research aims to understand the role played by identity, community, and culture in shaping engagement and community participation in the cultural movement of Barra do Jucu, in Vila Velha, Espírito Santo State (Brazil). To achieve this, it adopts the paradigm of contemporary social movements and seeks to comprehend the dynamics of social movements in the formation of cultural organizations in a bucolic neighborhood through in-depth interviews with eight organizations (both formal and informal). The concepts of community, identity, and culture are fundamental in the theoretical framework for understanding the social dynamics present in the neighborhood. As a result, local cultural organizations indicate that strengthening and the participation of social actors in the community can contribute to the preservation of cultural identity while encouraging social participation in building a united and active community. However, these groups face several challenges, such as the lack of a common space, ideological divergences, resource inequalities, and the possibility of co-optation by opposing sectors.

Keywords: Barra do Jucu, identity, culture, cultural organizations, community empowerment.

1. INTRODUÇÃO

Os Movimentos Sociais contemporâneos, expressando uma manifestação significativa diante das problemáticas modernas, surgem em um contexto de relações marcadas por experiências afetivas e conflituosas. Essas experiências precipitam novas reivindicações, abrangendo desde a busca por reconhecimento e proteção até demandas por direitos civis. Essa dinâmica, influenciada pelas transformações sociais globais ao longo do último século, delineia um intrincado tecido social que caracteriza a contemporaneidade.

Nesse cenário complexo, as instituições contemporâneas cada vez mais se envolvem em debates éticos e questões relacionadas aos valores humanos. À medida que a evolução histórica se desenrola, os efeitos de eventos passados e os conflitos sociais em curso promovem transformações estruturais nas sociedades atuais. A busca por proteção, validação e reconhecimento em lutas e conquistas torna-se uma ênfase crescente para as pessoas, demonstrando um engajamento constante com as dinâmicas sociais (ALONSO, 2009).

Este estudo tem como objetivo analisar o papel desempenhado pela identidade, comunidade e cultura na formação do engajamento e da participação comunitária no movimento cultural da Barra do Jucu. Conforme conceituado por Sawicki e Siméant (2011), o termo "engajamento" abrange todas as formas de participação contínua em ações coletivas direcionadas à defesa ou promoção de uma causa. No âmbito deste estudo, o termo é especificamente aplicado aos indivíduos que atuam de maneira efetiva na organização e impulsionamento do referido movimento cultural. Já a compreensão da participação comunitária é delineada por uma dicotomia, caracterizada pela participação ativa, na qual os indivíduos se engajam diretamente nas atividades das organizações, e pela participação passiva, na qual os indivíduos se limitam a usufruir dos benefícios e serviços providos. Nesse contexto, ao nos referirmos à participação comunitária, fazemos menção à participação passiva, na qual a comunidade beneficia-se das ações desenvolvidas pelo movimento cultural no âmbito local.

Nesse sentido, a pesquisa investiga o papel das organizações culturais contemporâneas presentes na comunidade da Barra do Jucu como meio de expressão, identidade e transformação das demandas culturais.

Ao acompanhar¹ o movimento social do bairro, principalmente as organizações culturais e suas respectivas ações, observamos que o fortalecimento e o engajamento de atores sociais no ambiente comunitário podem consolidar a identidade cultural, além de incentivar a participação comunitária na construção de uma comunidade unida e protagonista. Este fenômeno pode ser interpretado como um processo de empoderamento comunitário, no qual os indivíduos se tornam conscientes de seu papel como agentes de mudança, participando ativamente na construção de suas próprias narrativas culturais e sociais (MELUCCI, 1995).

“[...] Então foi isso, é uma questão de confiança, é por isso que o movimento se sustenta, porque afinal não se sustentaria. Porque a comunidade é arraigada nas suas questões culturais. Eles tomam conta, eles são guardiões mesmo, então é isso que faz essa comunidade tão especial, tão diferente”. (RUSCHI, Regina. 2023)².

Tal processo contribui para o fortalecimento da comunidade como ela quer ser. Principalmente ao fomentar a participação cidadã na vida pública e na tomada de decisões que afetam diretamente a qualidade de vida dos membros da comunidade. Nesse sentido, a valorização cultural por meio da promoção do engajamento e da participação comunitária podem ser vistas como elementos fundamentais para a manutenção de comunidades tradicionais.

1.1 CONTEXTUALIZANDO O BAIRRO: BARRA DO JUCU

A Barra do Jucu, é um bairro situado no município de Vila Velha, Espírito Santo, destaca-se por sua relevância histórica e cultural. Sob o prisma histórico, a região desempenhou uma função importante durante o período colonial, no qual desempenhava o papel de rota estratégica para o escoamento de produtos agrícolas produzidos nas fazendas jesuíticas que dominavam a região (Homero Galvêas, 2005). A preservação dessas raízes históricas é visível na arquitetura local, a qual ainda conserva traços de uma típica vila de pescadores. No âmbito cultural, a Barra do Jucu

¹ Minha participação no movimento social do bairro ocorre por meio da coordenação de duas importantes organizações. Em 2018, assumi a posição de coordenadora geral na ABECA - Associação Beneficente da Criança e do Adolescente na Barra do Jucu. Recentemente, em 2021, iniciei minha atuação como coordenadora de ação social na AMORABARRA - Associação de Moradores na Barra do Jucu. Essas responsabilidades têm me permitido contribuir ativamente para o desenvolvimento e fortalecimento das ações comunitárias no bairro.

² Entrevista concedida por RUSCHI, Regina. [abril. 2023]. Líder do grupo Barra de Renda. Entrevistador: Karina Solar Bergmann. Barra do Jucu, 2023.

é amplamente reconhecida por suas festividades populares e expressões artísticas tradicionais.

Dentre essas manifestações, merecem destaque as apresentações realizadas pelas bandas de congo³, os quais perpetuam as raízes culturais da localidade, assim como a galeria de arte a céu aberto, onde muros e postes são adornados com pinturas artísticas. Além disso, as rendeiras de bilro mantêm a tradição portuguesa no bairro, enquanto as festividades juninas são celebradas de forma autêntica e reverenciam a cultura local.

A comunidade da Barra do Jucu se diferencia de outros bairros do município por sua identidade singular e pela coesão comunitária que a permeia, resultando em uma herança cultural profundamente enraizada. Além disso, as características ambientais e arquitetônicas, exercem um papel significativo tanto na atração de turistas como no estabelecimento de novos residentes. Esses aspectos constituem temas de interesse acadêmico, oferecendo oportunidades para estudos sobre identidade, cultura e as dinâmicas sociais presentes nessa comunidade.

Parte da história do bairro tem destaque numa tradição sólida de barqueiros e pescadores, trazendo ao local uma mistura de conhecimentos e saberes herdados dos indígenas, africanos e portugueses. Por um longo período, a atividade pesqueira foi a principal fonte econômica da região, isso acontece até aproximadamente a década de 70. O bairro experimentou um crescimento gradual, mantendo uma atmosfera característica de vila interiorana, rodeada por mata de restinga e manguezais. Essa configuração atraiu indivíduos em busca de um estilo de vida mais tranquilo (GALVÊAS, 2005).

Dessa forma, no final do século passado, a comunidade local passa acolher uma diversidade de moradores, que além dos atrativos ambientais, buscavam um local de convivência comunitária ativa, isso inclui ambientalistas, políticos, poetas, músicos, artistas e atletas, cujo engajamento tem sido a base para vários movimentos sociais comunitários, dedicados à preservação do meio ambiente, promoção da cultura, promoção social, prática esportiva, entre outros.

³ As Bandas de Congo são grupos musicais da cultura popular Capixaba, que ao apresentar seus "jongos" tradicionais os intercalam com versos improvisados no momento, que geralmente comentam fatos do cotidiano dos participantes. Elas são manifestações culturais que se exprimem através da música, poesia, ritmo, dança, canto e religiosidade.

A coexistência de moradores locais com os recém-chegados resulta na percepção da necessidade de proteção da identidade cultural local, levando ao surgimento das organizações sociais e das ações coletivas no bairro. Nesse contexto, as manifestações culturais emergem como um meio de reivindicação social, desempenhando um papel fundamental na compreensão dos elementos constituintes da formação sociocultural do bairro.

Ao longo dos anos, a comunidade da Barra do Jucu tem testemunhado a presença de diversas organizações sociais, engajadas em áreas como assistência social, meio ambiente e esporte. No entanto, no escopo deste estudo, direcionamos nossa análise especificamente às organizações culturais contemporâneas presentes nessa localidade.

A presente pesquisa usa as concepções da sociologia contemporânea, valendo-se de referências de autores nacionais e internacionais, com o propósito de conceituar as ações sociais na sociedade do século XXI. Nesse contexto, observa-se que a articulação comunitária se manifesta por meio dos movimentos sociais, os quais desempenham um papel cada vez mais relevante no âmbito político do bairro, ao buscar soluções para questões sociais como cultura, meio ambiente, esporte e assistência social.

As teorias contemporâneas dos movimentos sociais fornecem uma base conceitual valiosa para a análise das organizações culturais. Essas teorias têm se desenvolvido ao longo do tempo e incorporam uma compreensão mais abrangente dos processos de mobilização social, incluindo as dimensões culturais e identitárias presentes nos movimentos sociais. A análise das organizações culturais dentro do contexto dos movimentos sociais requer uma abordagem teórica atualizada e relevante (MELUCCI, 1989).

As teorias contemporâneas dos movimentos sociais, notadamente a Teoria do Processo Político e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais, têm-se revelado pertinentes para a apreensão das dinâmicas de engajamento, construção de identidades coletivas e a influência da cultura nas operações dos movimentos sociais. A aplicação destas teorias na análise de organizações culturais propicia uma compreensão mais aprofundada acerca de suas motivações, estratégias de ação e impactos na sociedade, temas estes que serão abordados em maior detalhe a seguir.

[...] O movimento social é a gente ajudar o próximo né. Trazer próximo, aquilo que os governos não chegam perto. Essas são as atividades sociais, aonde o governo não chega.. e a sociedade se organizando, ela consegue ser atrativa (SOARES, Oscar. 2023)⁴.

Efetivamente, a construção da identidade cultural da Barra do Jucu se consolida por meio de sua história marcada por desafios e superações, que têm viabilizado a preservação e a diversidade de múltiplas expressões culturais. Nesse contexto, destaca-se a presença significativa de diversas organizações sociais, as quais desempenham um papel importante na configuração da imagem e da identidade comunitária. Tais instituições têm desempenhado um papel de destaque na promoção, valorização e difusão da cultura local, ao mesmo tempo em que fomentam o desenvolvimento social e artístico da região.



Figura 1- Festa de São Benedito - fincada de mastro
Foto: Inara Novaes - disponível em: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/congo/>

A acumulação de memórias e o valor simbólico atribuído às mesmas pelos indivíduos tornam o lugar um local de memórias, intimamente conectado a um passado vivo que continua a influenciar e fortalecer a identidade do local.

De acordo com Candau (2011), o conceito de memória possui diferentes aspectos. A memória de baixo nível, chamada habitus como experiência incorporada, refere-se

⁴ Entrevista concedida por SOARES, Oscar. [abril. 2023]. Líder da Associação de Moradores da Barra do Jucu - AMORABARRA. Entrevistador: Karina Solar Bergmann. Barra do Jucu, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta dissertação.

a uma presença do passado que está na experiência, não sendo uma memória consciente. Isso ocorre sem que tenhamos consciência dela. Por outro lado, a memória propriamente dita, ou de alto nível, inclui a capacidade de recordar ou reconhecer, envolvendo a evocação consciente ou inconsciente de lembranças pessoais ou de um conjunto de conhecimentos. Além disso, temos a metamemória, que abrange a forma como cada pessoa percebe sua própria memória e o conhecimento que possui sobre ela. Isso inclui a construção explícita da identidade por meio da memória reivindicada e ostensiva. (CANDAU, 2011, p. 23).

Essas memórias servem como um elo entre os indivíduos e sua história, em uma época em que a dinâmica da sociedade contemporânea produz a sensação de um tempo acelerado, no qual as tradições são fragmentadas e o presente parece romper com o passado, deixando o passado em um tempo inacessível (CAMPOS, 2022).

Já a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de representação, uma espécie de metamemória, em que os membros de um grupo produzem enunciados sobre uma memória que se supõe ser compartilhada por todos eles (CANDAU, 2011, p. 24). Dessa forma, a memória coletiva, pode ser vista como operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade (POLLAK, 1989, p 7).

[...] as casas dos menos favorecidos, a cultura dos menos favorecidos, as artes dos menos favorecidos, né, as músicas e tudo se perdia, porque não estavam registrados nos livros, não estavam eternizados em museus e hoje já se tem essa consciência de que a gente precisa resgatar a identidade do povo também. Não tem que contar história só das classes sociais mais privilegiadas, não pode ser assim (RUSCHI, Regina. 2023).

Neste estudo, utilizaremos o conceito de identidade coletiva como uma abordagem fundamental para compreender o sentimento de pertencimento e identidade local. No qual refere-se à representação compartilhada pelos membros de um determinado grupo em relação a eventos passados, valores, tradições e experiências que são consideradas significativas para a coletividade. Ou seja, como as narrativas e lembranças coletivas influenciam a construção e manutenção do sentimento de pertença e identidade coletiva da comunidade em estudo. Dessa forma,

a identidade coletiva compreende a definição dos propósitos, dos significados e do âmbito de atuação, os quais são interpretados de forma coletiva a partir de amplos referenciais culturais (NAUJORKS, 2023).

[...] essa riqueza também nós temos por aqui, culturalmente a maioria das pessoas que vem morar aqui, ela vem com esse intuito de pertencimento a cultura, ela curti mais a cultura, para ela ajudar a fazer cultura. Então esse é o perfil do barrense, não só do barrense nativo, mas o que passou de 10 anos, de uma década pra cá, passa a ser o barrense também com esse intuito. Então existem várias formas de chegar ao ponto da cultura barrense ser diferenciada (MAGNO, Carlos. 2023)⁵.

A representação visual apresentada na imagem abaixo captura de maneira significativa a essência intrínseca da praia da Barra do Jucu, evidenciando a preservação contínua das características distintivas da comunidade pesqueira original dessa localidade. Através dessa imagem, é possível constatar a persistência das características culturais, sociais e ambientais que remetem às raízes históricas e identitárias desse contexto específico. Tal preservação revela-se como um importante objeto de estudo no âmbito acadêmico, uma vez que permite a compreensão das dinâmicas socioespaciais, das práticas culturais e da relação simbiótica entre a comunidade local e o ambiente natural.

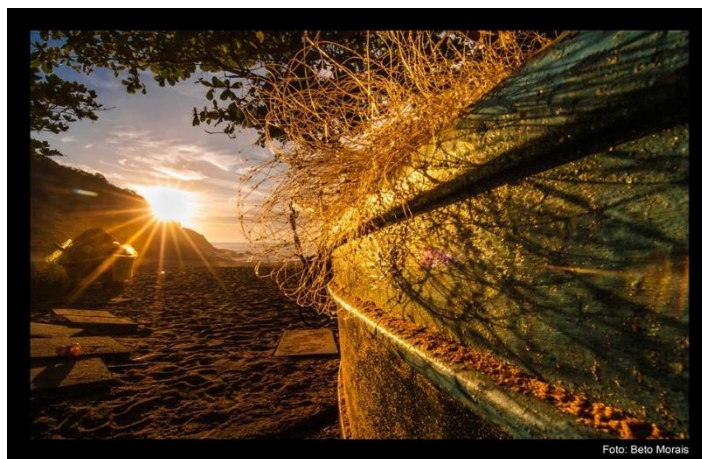


Figura 2 - Praia do Barrão

Fonte: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/caiu-na-rede-e-barra/>

⁵ Entrevista concedida por MAGNO, Carlos. [abril. 2023]. Líder do Bloco Surpresa da Barra do Jucu. Entrevistador: Karina Solar Bergmann. Barra do Jucu, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta dissertação.

Conforme dito anteriormente, o bairro selecionado abriga um conjunto de organizações sociais que desempenham um papel fundamental em diferentes áreas. Essas organizações atuam de forma integrada, colaborando entre si e estabelecendo uma rede de proteção sociocultural. Através da autonomia progressiva de suas instituições, do estreitamento dos laços com a comunidade e da promoção da cultura local do bairro, essas organizações se fortalecem mutuamente. Tal dinâmica contribui para o desenvolvimento cultural da comunidade, impulsionando iniciativas socioeconômicas que valorizam a identidade cultural e fomentam a participação comunitária, ao mesmo tempo em que enriquecem o cenário sociocultural da região.



Figura 3- Produção de casacas, Mestre Vitalino

Fonte: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/instrumentos-tambor-e-casaca/>

A cultura é uma expressão dinâmica e em constante transformação, capaz de se adaptar e se reinventar diante das mudanças e desafios contemporâneos. Nesse sentido, a capacidade de manutenção da cultura está diretamente relacionada com a maneira como seus agentes e sujeitos envolvidos se envolvem com as transformações sociais e as utilizam beneficiando a promoção e manutenção da tradição local.

Isso implica na necessidade de uma constante reflexão crítica e diálogo entre as diversas expressões culturais e os contextos sociopolíticos em que se inserem, de modo a garantir a resiliência e vitalidade das práticas culturais. Além disso, ela se beneficia da divulgação empreendida por meio dos canais midiáticos e dos artistas que a enaltecem, entrando, desse modo, no próprio mercado e se valendo dele (CAMPOS, 2022).

[...] Quem não enxerga isso, não entendo como não enxerga. Possibilidade de geração de renda. Uma economia limpa na cultura. E a gente tem tudo

aqui para isso. Falta apoio para essas coisas poderem ser ainda mais exuberantes (RUSCHI, Regina. 2023).

A inclinação para a padronização da cultura⁶ mundial ainda se depara com inúmeros entraves na comunidade da Barra do Jucu, cuja expressiva criatividade se evidencia como forma de resistência.

[...] A cultura da Barra é a arte. Todo o tipo de arte. Quando eu vim pra cá eu encontrei dançarinos, poetas, eu encontrei artistas de rua. Eu encontrei tudo. Tudo que você puder identificar com arte eu encontrei aqui. E sem você ter conhecimento nenhum sobre a história da Barra do Jucu, colocando o pé aqui, você já consegue sentir a cultura, você sente a cultura dos moradores antigos daqui (SOUZA, Isabele. 2023)⁷.

A Barra do Jucu é uma localidade com características rústicas, casas baixas, bem arborizada, ruas com calçamento ecológico e baixa densidade populacional. Conforme o último Perfil Socioeconômico por Bairros disponibilizado pela prefeitura Municipal de Vila Velha - PMVV, de 2013, ainda que desatualizado são os dados oficiais, a população total da Barra do Jucu marca de 4.125 habitantes, sendo 1.960 do sexo masculino e 2.165 do sexo feminino. A população apresenta uma distribuição etária diversa, com 246 indivíduos na faixa etária de 0 a 4 anos, 584 entre 5 e 14 anos, 2.976 entre 15 e 65 anos, e 319 acima de 65 anos. Com cerca de 70% com domicílio próprio, taxa de alfabetização de 98% e com renda média de R\$ 1.704,48 (hum mil, setecentos e quatro reais e quarenta e oito reais).

Apesar de ser um bairro pequeno com baixa densidade populacional e renda média modesta, a Barra do Jucu se destaca pela sua rica construção cultural. A região possui um ambiente paisagístico e cultural envolvente, o que tem atraído um número crescente de indivíduos engajados com as características locais e comprometidos em preservar a tradição cultural da região.

Ao longo dos anos, a Barra do Jucu foi moldada por influências culturais distintas, provenientes de grupos étnicos variados, entre os quais se destacam em seus

⁶ A padronização da cultura mundial é um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido objeto de estudo e discussão em diversas áreas do conhecimento, como sociologia, antropologia e estudos culturais. Refere-se à homogeneização de práticas culturais, valores, ideias e formas de expressão que ocorre em escala global, principalmente devido aos avanços tecnológicos, à globalização econômica e às redes de comunicação.

⁷ Entrevista concedida por SOUZA, Isabele. [abril. 2023]. Líder do grupo Conscienteazarte. Entrevistador: Karina Solar Bergmann. Barra do Jucu, 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta dissertação.

primórdios com os nativos (Tupinaés, sedentários da região e Botocudos, Puris e Guoítacás, nômades), os africanos e portugueses. (GALVEAS, 2015).

1.2 EXPLORANDO O BAIRRO: CONHECENDO SUA HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

A Barra do Jucu é uma região localizada na foz do Rio Jucu, que cortava a antiga fazenda jesuítica de Araçatiba (1716). Esse rio nasce nas proximidades de Pedra Azul, que atualmente pertence ao município de Domingos Martins, localizado no estado do Espírito Santo. A Fazenda Araçatiba, desempenhou um papel estratégico como moradia e ponto de apoio para os religiosos. Sua localização às margens do Rio Jucu tornou-se ainda mais significativa a partir do século XVIII, quando o rio passou a ser utilizado como atracadouro após ser conectado à Baía de Vitória por meio de um canal, datado de 1740, com extensão de 300 metros. Esse canal, considerado o primeiro construído no Brasil, possibilitava o escoamento das mercadorias da fazenda até a Vila Rubim (município de Vitória-ES). Além disso, há registros de que o Padre Anchieta percorreu por repetidas vezes a Barra do Jucu durante o século XVI, ao fazer o caminho entre Vitória e a aldeia de Reritiba, hoje em dia conhecida como município de Anchieta-ES. Atualmente, as ruínas jesuíticas situadas no Rancho Forte, por sua vez, integram o itinerário cultural da Barra do Jucu (GALVÊAS, 2005).



Figura 4 - Ruína da Fazenda Jesuítica de Araçatiba, localizada no Rancho Forte - Barra do Jucu
Fonte: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/as-ruinas/>

O Rio Jucu sempre exerceu uma significativa importância para a comunidade ribeirinha da região da Grande Barra do Jucu, como era denominada até meados da década de 80. O rio desempenhava um papel crucial como fonte de sustento para essa população, caracterizando-se como fonte de recursos naturais. A localização estratégica da Barra do Jucu, situada na desembocadura do rio, cercada por manguezais e vastas áreas florestais, além do oceano, proporcionava uma diversidade de recursos alimentares, incluindo peixes de diversas espécies e caças de variados portes. Dessa forma, a região também se destacava pela abundância de recursos naturais. Não obstante a exploração desordenada e a consequente degradação do habitat natural ao longo do tempo, ainda é possível observar resquícios dessas características no local (GALVÊAS, 2005, p.62).

[...] Nós temos na parte de história também de cultura e de esporte, nós temos a área de Jacarenema, nós temos o Rio Jucu, nós temos a foz aqui, graças a Deus, que é uma grande riqueza da nossa Barra.. Jacarenema que eu até chamo de o pulmão da Barra, eu tenho muito orgulho de falar eu sou um dos fundadores do Conselho de Jacarenema, se não fosse o conselho nós não teríamos o pulmão da Barra aí (MAGNO, Carlos. 2023).

Neste contexto, a Barra do Jucu é um balneário rústico localizado na região costeira de Vila Velha, no estado do Espírito Santo, no Brasil. Situada entre uma vegetação nativa de restinga e manguezal ao norte e sul, a região é delimitada pela rodovia do Sol a leste e pelo mar Atlântico a oeste. As praias da Barra do Jucu são bastante populares entre os turistas, e suas características de ondas grandes atraem surfistas para a prática desse esporte, no qual a região já foi palco de grandes campeonatos de surf e body board, consolidando-se como um destino procurado por praticantes dessas modalidades.



Figura 5 - Praia do Barrão

Fonte: <https://guia.waves.com.br/waves/guia/picos/barra-do-jucu/>

A Barra do Jucu faz divisa com o Parque Natural Municipal de Jacaranema, criado pelo Decreto Nº 033/03 e ratificado pelo Decreto Nº 026/08, o parque tem uma área de 346,27 hectares e fica localizado na zona costeira do bairro Barra do Jucu (Ministério Público do Espírito Santo - MPES, 2016).

O Parque Natural Municipal de Jacaranema engloba uma área diversificada e única, que compreende a Praia da Barrinha, o costão rochoso do Morro da Concha, o manguezal situado na foz do Rio Jucu, além de diferentes formações de vegetação de restinga e ciliar ao longo das margens do rio. Essa diversidade de paisagens cria um panorama paisagístico atraente, que é de grande importância ecológica para a região. A presença de restingas, manguezais e vegetações ciliares contribuem para a manutenção da biodiversidade local, além de serem cruciais para a proteção da área contra a erosão costeira (Ministério Público do Espírito Santo - MPES, 2016).

[...] a Barra do Jucu me despertou uma grande paixão, porque tudo que eu amo tem aqui. Aqui tem cor, aqui tem arte que já se engloba. Aqui é uma vila que representa uma comunidade que tem paixão pela natureza, é um lugar que tem praia, que tem uma vista maravilhosa (SOUZA, Isabele. 2023).



Figura 6 - Foz do Rio Jucu - Parque Municipal de Jacarenema

Fonte: Prefeitura de Vila Velha. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/vila-velha-reserva-ecologica-de-jacarenema/#!/map=38329&loc=-20.40883700000001,-40.32557899999999,17>

A comunidade sempre foi atuante na defesa da criação do Parque de Jacarenema, entendendo a importância da reserva para o município. Segundo a Ação do Ministério Público do Espírito Santo – MPES (2016), em defesa do Parque Municipal de Vila Velha, relata que face ao valor ambiental e a beleza das paisagens dessa unidade de conservação, o Conselho Estadual de Cultura, por meio da Resolução nº 12/86 do Conselho Estadual de Cultura, efetivou o tombamento do bem natural denominado de “Jacarenema”, onde:

Restingas de Jacarenema - Localizada na foz do rio Jucu, é rica em fauna e flora. Pela sua importância ecológica foi declarada pelo Conselho Estadual de Cultura - CEC - como Bem Natural pela Resolução nº 12/86 de 17/11/86, além de ser Reserva Ecológica pela Resolução CONAMA 04/85. (Ministério Público do Estado do Espírito Santo, 2016, p 10).

Esse panorama paisagístico, juntamente com culturas distintas contribuiu para a composição de uma identidade singular na região, caracterizada por uma rica diversidade cultural. A influência dos diferentes grupos étnicos na construção cultural e histórica da Barra do Jucu refletiu na composição de manifestações culturais e na relação dos moradores com a geografia local, especialmente no que diz respeito às formas de uso e ocupação do solo, bem como na arquitetura urbanística do lugar (CAMPOS, 2022). No entanto, esses espaços precisam de mais proteção.

[...] Não temos o Parque de Jacarenema implementado com uso público para que possamos usufruir da experiência da flora e fauna local. Então essa é a parte da cultura que precisa melhorar. E precisamos de ter as nossas praias despoluídas, precisamos de ter o Rio Jucu despoluído para que a cultura

esportiva, da natação e da balneabilidade seja restabelecida, podendo estar navegando, nadando. Então tudo isso é cultura (VEREZA, Ricardo. 2023)⁸.

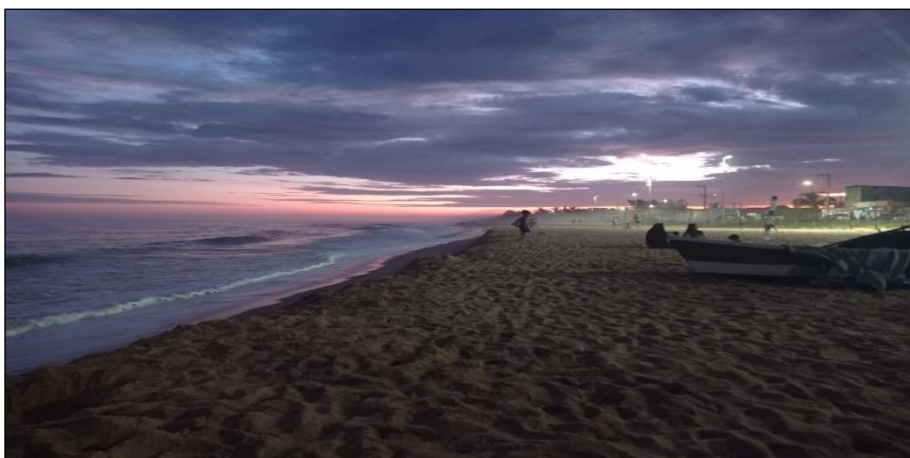


Figura 7 - Praia da Barra do Jucu
Fonte: própria

Um local de grande carinho para os barrenses se localiza na reserva de Jacarenema: a Ponte da Madalena, o qual representa um dos principais elementos identitários da comunidade local. Local que, infelizmente, ainda aguarda a recuperação da ponte juntamente com implementação do Parque.

Em tempos passados, a ponte constituía a conexão entre a Barra do Jucu e a cidade de Vila Velha, com passagem de ônibus e caminhões, sendo originalmente denominada de Ponte Velha. Com o passar dos anos, em uma homenagem ao Congo da Barra do Jucu, a ponte foi rebatizada de Ponte da Madalena.



Figura 8 - Ponte da Madalena 2017
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6332006/>

⁸ Entrevista concedida por VEREZA, Ricardo. [abril. 2023]. Coordenador do Museo Vivo da Barra do Jucu. Entrevistador: Karina Solar Bergmann. Barra do Jucu, 2023.

A ponte foi construída inicialmente em 1896, porém com rompimento do dique na enchente de 1960 a antiga ponte foi levada, sendo reconstruída em 1996 quando já havia a Rodovia ES 060, conhecida como Rodosol exercendo a antiga função da ponte, que a partir daí, cumpria outros papéis importantes, ligando a Barra do Jucu ao Parque de Jacaranema e servindo de percurso para ciclistas e pedestres. (CAMPOS, 2022, p. 37). Em 03 de dezembro de 2017, ocorreu o desabamento da Ponte da Madalena, em virtude de precipitações pluviométricas intensas, resultando em seu estado atual de ruína, que permanece inalterado até o presente momento. Essa condição reflete a morosidade das autoridades governamentais em lidar com a preservação de um patrimônio histórico de relevante importância para o bairro. Apesar dos esforços e das medidas reivindicatórias empreendidas pela comunidade, até o presente momento, constata-se a ineficácia das ações implementadas e a necessidade de mais ações.

[...] Já tem mais de cinco anos que a ponte caiu e não há pressão. Não há movimento da sociedade, nossa mesmo, do morador, pra fazer pressão para que essa ponte retorne, mesmo que seja um ponte rústica, uma ponte de pedestre, como eu defendo, mas é um acesso importante para os ciclistas, para os turistas e é um movimento cultural da Barra, a ponte da Madalena. Então é importante que ela seja reconstruída. Então eu acho que a comunidade precisa se mobilizar mais, fazer mais eventos, mais movimentos para conquistar aquilo que falta pra Barra (VEREZA, Ricardo. 2023).

Outro ponto de referência da comunidade é a Praça Pedro Valadares, que recebe esse nome em homenagem a um importante político local. A praça se transforma em um centro cultural, onde os moradores e visitantes podem apreciar diversas manifestações artísticas e culturais, incluindo apresentações de grupos musicais locais, congo, cinema, feira, teatro e poesia. Mas, não demonstra ser um local adequado para manifestações culturais de modo geral.

[...] Temos uma praça que a gente usa e abusa daquela praça nesse sentido. Mas sim, tem dia que chove. E aí? A atividade. Tem que guardar as almofadas de renda. É muita coisa, é um trambolho. Tem que guardar instrumentos do congo. Nem todo mundo tem uma casa que tem um espaço que possa guardar essas coisas. Teatro da Barra se apresenta onde? Se apresenta num restaurante, num espaço cedido e tal. Mas tem que ter um espaço para essa congregação de cultura de espaço na Barra do Jucu. Tem que fomentar. Por quê que em outros lugares, em outros municípios, em outros estados, tem espaços para exposições, espaços para teatro e a Barra do Jucu que todos insistem que é um celeiro não só do município, mas do estado. Como é que não tem? Então não dá pra dizer que a gente não tem carência. Então a gente se resolve, tem um apoiozinho daqui e dali, mas a

gente está precisando de um investimento real nessa área (RUSCHI, Regina. 2023).

Na praça encontra-se a antiga Igreja Nossa Senhora da Glória, um dos principais patrimônios históricos da região. Construída entre 1900 e 1913, a igreja é um exemplo de arquitetura colonial, com uma fachada bucólica característica de sua época. Alguns populares relatam que a imagem de Nossa Senhora da Glória foi trazida para a comunidade da Barra do Jucu por uma senhora chamada Joaquina, e que orações foram feitas em sua casa diante de um oratório. Por causa disso, sua casa se tornou a primeira capela dedicada à Nossa Senhora da Glória. Em 1913, o padre Bermudes chegou à comunidade e realizou a primeira reforma na capela (GALVÊAS, 2015).



Figura 9 - Igreja Nossa Senhora da Glória, Praça Pedro Valadares
Fonte: <http://www.terracapixaba.com/2016/06/igreja-nossa-senhora-da-gloria-vila.html>

Outra característica singular que desperta a atenção dos visitantes diz respeito à profusão de pinturas que adornam os muros e postes da região. Esse fenômeno artístico teve origem na década de 1990, por intermédio do artista local conhecido como "Natural", e desde então tem sido estimulado por manifestações artísticas tanto de residentes quanto de artistas de outras localidades, bem como por meio de iniciativas promovidas por organizações culturais presentes no bairro. A prática, atualmente reconhecida como "galeria aberta", abrange uma ampla gama de locais no bairro, nos quais são retratados por meio de pinturas a história, a cultura local e personalidades artísticas que se destacam na comunidade.

[...] Eu nunca vi igual. Cada canto que você cutuca tem alguma coisa. Por que eu acho que cultura é a vivência, é a história da pessoa, é a vida, é o dia a dia, entendeu? Eu acho que é isso (REGO, Beatriz. 2023)⁹.

No bairro, uma manifestação cultural popular de grande importância são as Bandas de Congo, que se originaram da mistura das tradições indígena e africana. Considerada uma expressão folclórica, o congo é composto por um grupo musical de estrutura simplificada, com uma dança singular e um regente, conhecido como mestre. É uma manifestação aberta a todos que desejam participar da celebração. A música das Bandas de Congo é marcada pelos sons dos tambores e da casaca, instrumentos típicos das Bandas de Congo do Espírito Santo. As letras retratam histórias locais: de pescadores, sobre mar, os relacionamentos e a religião, são chamados de jongo. Os tambores proporcionam um ritmo forte e são tocados parado, no qual os músicos se sentam em cima deles e formam um círculo. (SETURES, 2023).

[...] Então foi a partir dali que nós entramos na banda e era muito engraçado, porque era assim, as mulheres usavam saias e os homens calça e bermuda. Como nós mulheres sentávamos no tambor, o Seu Honório¹⁰ abriu mão. As meninas vão sentar no tambor, mas não vão usar saia, por que ele achava muito feio, que as mulheres sentavam usando saia. Aí ele permitiu que a gente usasse calça e bermuda. Eu e minhas duas irmãs e mais duas primas que também às vezes tocavam tambor. Então a minha entrada na banda de congo foi a partir daí, quando eu pude sentar no tambor e tocar o tambor. É uma coisa interessante, depois que eu entrei e só fiquei mais quatro ou cinco anos com Seu Honório, por que ele faleceu. Eu entrei em 1988 e ele faleceu em 1993. A gente já sabia tudo sobre o congo e tal. E quando ele faleceu, eu fiquei com aquilo na cabeça, que eu ia fazer um grupo de mulheres, só não sabia como, mas um dia eu ia realizar (REGO, Beatriz. 2023).

Essa manifestação cultural representa um importante legado da história e das tradições do bairro, refletindo a cultura da região, mesmo com as adversidades junto aos grupos do bairro. Segundo o site do Museu Vivo da Barra do Jucu:

Em 1993 a banda de Congo da Barra do Jucu deixou de se chamar assim e passou a se denominar Banda de Congo Mestre Honório, pois neste ano morreu Mestre Honório de Oliveira Amorim, aos 78 anos. As suas cores continuam sendo azul e branco. Na época seus principais componentes eram: Mestre Daniel, Beto Rêgo, Cintia, Juracy, Vitalino, Buchecha, Dona Darcy, Dona Esther, Dona Nadir entre outros. Em 1998 esta banda de congo foi a primeira do estado a gravar em estúdio um CD, chamado Opereta Cabocla. Em uma reunião realizada no ano 2000, para prestação de contas dos CDs gravados, os integrantes não chegaram a um consenso, houve uma divisão, surgindo uma nova banda de congo na Barra do Jucu. Todas as três bandas de congo daqui são originárias da Banda de Congo da Barra do Jucu, que surgiu na década de 1940 e foi a única na região até 1990. Suas cores

⁹ Entrevista concedida por REGO, Beatriz. [maio. 2023]. Líder do grupo de congo Madalenas do Jucu.

¹⁰ Mestre de Congo da banda Mestre Honório.

eram azul e branco. Seus principais componentes eram na década de 1980 Mestre Honório, Presidente Alcides, Coordenadores Carminha e Geraldo Pignaton, Zé Silva, Daniel, Joao Bagaceira. Haroldo Vieira, João Amaral, Chumbinho, Buchecha, Rose, Dona Darcy, Dona Dorinha, Dona Esther, Dona Nadir, Dona Juracy etc. Esta banda foi a única até o episódio da gravação da música Madalena, por Martinho da Vila, em 1989, quando por motivos de discórdias internas houve uma divisão. Além da Banda Mestre Honório, a Barra do Jucu conta ainda com a Banda Mestre Alcides e a Banda Tambores de Jacarenema.¹¹

A história do congo na Barra do Jucu é complexa, atualmente temos mais uma banda de congo, a Raízes da Barra, além do Grupo de congo Madalenas do Jucu. Apesar de se enxergarem como parte de um movimento, se prendem a particularidades e se perdem na unidade. Certamente, o tópico em discussão exige uma análise mais abrangente e aprofundada, sendo prudente adiá-lo para uma investigação mais detalhada em futuras pesquisas acadêmicas.

Uma peculiaridade do congo da Barra do Jucu está relacionada ao ritmo da música, que é tocada em sincronia com o compasso das remadas dos barqueiros e pescadores. Essa característica é mencionada por Homero Galvêas (2005) evidenciando como a música e a religiosidade estão intimamente ligadas na cultura popular local se diferenciando dos outros congos do estado. A presença da junção de características religiosas é notável nas manifestações do congo, principalmente na forma como os santos da igreja católica são referenciados. Na Barra do Jucu, a devoção é feita a São Benedito nas apresentações das bandas de congo.



Figura 10 - Banda de congo Mestre Honório

Fonte: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/congo-banda-mestre-honorio/>

¹¹ Disponível em: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/historia-do-congo/>

O carnaval, uma das festividades mais tradicionais do Brasil, assume uma configuração singular e rica em criatividade no contexto da comunidade local, revelando-se como uma forma expressiva de manifestação cultural. Sua história remonta a meados do século XX, quando o carnaval emergiu como uma celebração de máscaras promovida pelos próprios moradores locais. Ao longo do tempo, essa festividade evoluiu de um simples baile de máscaras para um bloco de mascarados, em que a principal regra era a busca pela feiura estética, pois quanto mais grotesca a aparência, maior era a diversão proporcionada. O evento engloba, ainda, elementos icônicos como a tradicional "vaquinha" e a "mulinha", personagens folclóricos que desfilam pelas ruas, além de rituais pré-bloco que envolvem o esconderijo na mata e a elaboração de fantasias.

[...] Como eu sou um artesão, eu procurei fazer muito carro alegórico do nada, sem ter condição financeira. Às vezes o Bloco não tinha, mas a gente criava, né. E ensinar para que as pessoas aprendam e deem continuidade aqui na Barra do Jucu para que continue esse grande evento que é o carnaval e a criatividade do barrense que tá na cara de cada um (MAGNO, Carlos. 2023).

A transformação do carnaval local, impulsionada pela inventividade dos moradores, assume um significado relevante como uma manifestação cultural que promove a expressão coletiva e a preservação de tradições populares. Nesse contexto, surge o Bloco Surpresa como um desdobramento do crescimento da festa de carnaval, utilizando-se de críticas políticas e acontecimentos do cotidiano local como base para a composição de suas letras e encenações. Por meio de uma abordagem irreverente, o Bloco Surpresa consolida o carnaval como uma forma de resistência e entretenimento. Suas apresentações assumem o papel de representar a cultura popular e proporcionam aos moradores uma oportunidade de diversão e envolvimento com a comunidade.

O Teatro da Barra desempenha um papel de extrema importância para a comunidade da Barra do Jucu. Como uma das instituições culturais mais antigas do bairro, desde sua fundação em 1974, o teatro tem sido um elemento essencial na preservação e promoção da cultura local. Fundado pelo teatrólogo Paulo de Paula, e atualmente sob a liderança de Zeiza Jorge, o Teatro da Barra tem sido um ponto de

encontro para artistas, atores e entusiastas do teatro, proporcionando um espaço para expressão artística, criatividade e intercâmbio cultural.

Ao longo dos anos, o teatro tem promovido peças teatrais, apresentações musicais e participação em eventos culturais, enriquecendo a vida cultural da comunidade. Além disso, o Teatro da Barra tem sido um local de formação e descoberta de talentos locais, incentivando o desenvolvimento artístico e fornecendo oportunidades para os moradores do bairro mostrarem seus talentos no palco. Através de suas produções e atividades, o Teatro da Barra tem contribuído para fortalecer o senso de identidade e pertencimento da comunidade, promovendo a valorização das tradições e dos artistas locais.

[...] Isso é a parte mais gostosa! Porque o teatro.. ele explora as pessoas da comunidade. Então as peças que são feitas pelo teatro da Barra, os atores são os moradores da Barra. Então, não são atores profissionais, são moradores que fazem a experiência do teatro. Então, Paulo conseguiu tirar das pessoas essa coisa da arte de cada um, né. Toda vez que a gente teve que fazer alguma peça, alguma coisa, a gente chamou a comunidade para vir junto (JORGE, Zeiza. 2023)¹².

Portanto, compreender a importância dessas expressões culturais para composição das organizações culturais na Barra do Jucu é de suma relevância para o campo acadêmico, pois ao investigarmos o papel vital desempenhado por essas manifestações na preservação da identidade local e no fortalecimento da comunidade, podemos reconhecer como elas contribuem para a construção de uma consciência coletiva e para o enriquecimento do patrimônio cultural imaterial da região. Ao transmitirem valores e tradições ao longo das gerações, essas expressões culturais perpetuam a história e as práticas culturais locais, fornecendo um campo singular para estudos e reflexões no âmbito acadêmico.

1.3 OBJETIVOS DO TRABALHO

O presente estudo tem como objetivo geral compreender o papel desempenhado pela identidade, comunidade, e cultura na formação do engajamento e participação comunitária no movimento cultural da Barra do Jucu. Para tanto, foram selecionados referenciais teóricos pertinentes e aplicada entrevistas em profundidade com os

¹² Entrevista concedida por JORGE, Zeiza. [abril. 2023]. Presidente do Teatro da Barra. Entrevistador: Karina Solar Bergmann. Barra do Jucu, 2023.

líderes das organizações culturais do bairro. A pesquisa parte do pressuposto de que a tradição e atuação dos atores sociais envolvidos na cultura local é fundamental para a construção das dinâmicas culturais em curso no local, tendo em vista que suas ações e aspirações constituem elementos característicos do processo sociocultural local.

Inicialmente, o escopo empírico da pesquisa envolveu o mapeamento das organizações culturais existentes no bairro, o que resultou no levantamento de oito grupos distintos. Em seguida, foram agendadas entrevistas com representantes de cada organização cultural, sendo quatro formais e quatro informais, criados por e para a comunidade local, ainda que alguns deles tenham abrangência além dos limites territoriais do bairro. A abordagem desses elementos permitiu uma compreensão da dinâmica cultural do bairro e da influência dos movimentos culturais na construção e na preservação da identidade coletiva e da comunidade local. Partindo da premissa de que a relação entre identidade e território constitui um ponto fundamental na formação das organizações culturais no bairro, dessa forma, formula-se a hipótese de que, embora as memórias individuais desempenhem um papel relevante na construção da identidade, o senso de comunidade que permeia tais movimentos decorre, em grande medida, da complexificação social manifestada no desenvolvimento da sociedade contemporânea, na qual a expressão cultural assume um papel importante na preservação de aspectos culturais que se encontram em risco de serem homogeneizados.

Com base no fundamento teórico apresentado e nas entrevistas realizadas com os participantes, foi possível constatar que a construção da identidade local é fundamentada em três elementos basilares. O primeiro deles é o território, que se refere ao espaço físico e suas características originais, que moldam a identidade e a cultura da comunidade local. Em seguida, destaca-se a valorização da diversidade cultural pela comunidade, que se manifesta em expressões artísticas, ambientais, religiosas e outras formas de manifestação cultural. Por último, o reconhecimento das organizações culturais e seus atores sociais como meio de preservação das características tradicionais do bairro, além de ser um instrumento de apoio e resistência aos desafios enfrentados pela comunidade local.

A compreensão desses elementos é fundamental para a construção de estratégias de desenvolvimento local que valorizem a identidade cultural e as tradições da

comunidade. Por fim, é importante destacar que os processos sociais característicos das sociedades globalizadas têm levado a uma maior complexidade social, muitas vezes gerando conflitos e desagregando as relações comunitárias. No entanto, é evidente que esses mesmos processos têm dado origem a novas formas de interação social, estimulando a diversidade de identidades e revitalizando o sentido de comunidade por meio da emergência de organizações sociais que se dedicam à proteção e à promoção da cultura local.

1.4 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este estudo aborda principalmente o paradigma dos movimentos sociais contemporâneos, utilizando as abordagens da sociologia atual e conforme o objetivo, buscamos uma compreensão sob a perspectiva da identidade, cultura e comunidade nos movimentos sociais contemporâneos manifestados na Barra do Jucu, bairro do município de Vila Velha / ES – BR, local escolhido para análise empírica. Touraine (1998), destaca a importância de um movimento social estabelecer uma identidade clara e reconhecível tanto para o público em geral quanto para seus próprios membros. Isso implica em definir a quem o movimento representa, em nome de quem atua e quais interesses são protegidos ou defendidos.

Todo movimento social precisa, em primeiro lugar, assumir uma identidade reconhecível aos olhos do público em geral e de seus próprios militantes. Isso significa que o movimento deve definir a quem representa, em nome de quem fala e age, quais os interesses que protege ou defende. A questão a desenvolver neste plano é a da definição de um grupo reivindicatório, de forma que seja socialmente identificável e significativa (TOURAINÉ *apud* GALIANO, 1988, p. 273).

Segundo Abers e Bulow (2011), as discussões teóricas e metodológicas sobre movimentos sociais nos trazem mudanças significativas no início do século XXI. Alguns teóricos seguem acreditando que essas alterações iniciaram uma fase pós-paradigmática, no qual rompe os marcos teóricos até então praticados desde 1960. Entretanto, outros pensadores, compreendem a contemporaneidade como um meio de conseguir um entendimento maior entre a abordagem teórica dos movimentos sociais e os debates em relação ao repertório da ação coletiva. Essa discussão será melhor abordada no decorrer do trabalho, buscando compreender a mesclagem desses embates teóricos e analíticos.

Segundo Melucci (1995), o interesse pela análise cultural cresceu nas últimas duas décadas, juntamente com uma grande transformação cultural da sociedade global. As ciências sociais estão trazendo uma nova essência aos debates teóricos na sociologia. Os novos debates mudaram o foco, onde antes prevaleciam somente conflitos de classe e questões políticas, o cenário mundial nos traz dilemas socioculturais.

Alonso (2009), argumenta que numa análise conjuntural das teorias sobre os movimentos sociais¹³, que os confrontos da sociedade moderna insurgem além do discurso político economicista, elevam as tendências culturais à linguagem dominante, aos códigos que organizam a informação e moldam as práticas sociais, combinando política e cultura na direção dos movimentos sociais. Ou seja, esses movimentos são caracterizados por contestações pós-materialistas, impulsionadas por motivações simbólicas e orientadas para a construção ou o reconhecimento de identidades coletivas. Ou seja, esses movimentos buscam promover mudanças sociais e culturais, transcendendo as preocupações meramente materiais e destacando a importância de questões simbólicas e coletivas na luta por transformação social.

Os novos movimentos sociais seriam, então, formas particularistas de resistência, reativas aos rumos do desenvolvimento socioeconômico e em busca da reapropriação de tempo, espaço e relações cotidianas. Contestações “pós-materialistas”, com motivações de ordem simbólica e voltadas para a construção ou o reconhecimento de identidades coletivas (ALONSO, 2009. p. 64).

Seguindo essa linha de raciocínio, a presente revisão bibliográfica tem por objetivo apresentar a teoria dos movimentos sociais contemporâneos, utilizando-se dos conceitos de identidade e formação identitária como ferramentas analíticas para examinar o engajamento desses grupos e a participação da comunidade nas manifestações culturais do bairro. Alonso (2009) argumenta que as novas mobilizações sociais não possuem uma base social claramente definida, no qual seus participantes não se identificam mais predominantemente por meio de uma atividade específica, mas sim por suas formas de vida. Os novos sujeitos envolvidos nessas mobilizações não seriam caracterizados como classes, mas como grupos marginalizados em relação aos padrões socioculturais considerados normais. Em

¹³ Teoria de Mobilização de Recursos (TMR); Teoria do Processo Político (TPP) e Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS).

outras palavras, esses movimentos englobam uma diversidade de indivíduos que não se encaixam nos moldes convencionais da sociedade e buscam reivindicar suas identidades e direitos, desafiando as estruturas e normas preestabelecidas.

As novas mobilizações não teriam uma base social demarcada. Seus atores não se definiriam mais por uma atividade, o trabalho, mas por formas de vida. Os “novos sujeitos” não seriam, então, classes, mas grupos marginais em relação aos padrões de normalidade sociocultural (ALONSO, 2009, p 76).

Nesse sentido, busca-se aprofundar o entendimento sobre como as dinâmicas sociais moldam as identidades coletivas e como essas identidades, por sua vez, influenciam as formas de organização e mobilização dos movimentos sociais. Para tanto, serão considerados diversos estudos e teorias que se debruçam sobre a temática, a fim de fornecer uma visão abrangente e consistente sobre o assunto.

Dessa forma, ao trazermos a realidade do bairro, buscamos explicar como essas organizações surgiram, como se constituem, quais são seus objetivos e como se relacionam entre eles. Para relatar os elementos de formação da comunidade, da identidade e da cultura, buscamos realizar uma breve pesquisa sobre a história e as tradições do bairro. A partir de então, entender como a comunidade foi formada, quais foram os fatores que a uniram e quais são as características que a sua construção identitária. Além disso, é importante compreender como a identidade cultural da comunidade se desenvolveu ao longo do tempo, quais são as tradições, valores e práticas que a definem.

Nas últimas décadas, os estudos sobre os movimentos sociais vêm apresentando um crescimento significativo, nos levando a um pluralismo de conhecimentos. Não mais somente da sociologia e ciência política, mas envolvendo outros saberes como: geografia, história, antropologia, psicologia, economia, direito e outros. Esse aumento de interesse, permeando os mais diversos campos de aprendizagens, nos trouxe a necessidade de nova visão quanto a orientação metodológica para a pesquisa empírica (DELLA PORTA, 2014).

A metodologia se utiliza da abordagem hipotético-dedutivo, no qual partimos do pressuposto de que, ao formular hipóteses e testar suas predições, é possível avançar no conhecimento científico e na compreensão dos fenômenos estudados. Onde por meio da dedução lógica e a partir das hipóteses estabelecidas, são elaboradas proposições que podem ser submetidas a testes empíricos, elaboradas por meio da

observação e experimentação. Se as previsões derivadas das hipóteses se confirmarem, isso fortalece a validade das hipóteses e contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico na área em questão. Dessa forma, o método hipotético-dedutivo é uma abordagem sistemática e estruturada que permite a formulação de conjecturas, a realização de testes e a obtenção de resultados que corroboram ou refutam as hipóteses propostas (Marconi e Lakatos, 2003).

Segundo Marconi e Lakatos (2003), as técnicas metodológicas de observação direta intensiva, que abordam a observação e a entrevista, são formas de coletar dados e obter informações sobre determinados aspectos da realidade. No qual, a observação vai além de simplesmente ver e ouvir, envolvendo diversos fatos ou fenômenos a serem estudados. Já a entrevista é um encontro entre duas ou mais pessoas, com o objetivo de obter informações sobre um determinado assunto, por meio de uma conversa direcionada ao tema em análise. Esses métodos são amplamente utilizados na pesquisa social, tanto para coletar dados como para auxiliar no diagnóstico ou tratamento de problemas sociais.

De acordo autores, as entrevistas apresentam vantagens significativas para a pesquisa. Elas permitem conhecer o pensamento e as crenças das pessoas em relação aos fatos investigados, compreender sua conduta por meio de seus sentimentos e aspirações, obter dados relevantes e significativos que não estão disponíveis em fontes documentais, analisar não apenas as respostas, mas também as reações e gestos dos entrevistados, além de possibilitar repetir, esclarecer e reformular perguntas ao longo do processo. Essas características tornam as entrevistas uma ferramenta valiosa na investigação social, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre o objeto de estudo.

Por meio de entrevistas semiestruturadas, combinando perguntas abertas e fechadas, o entrevistado teve a possibilidade de discorrer melhor sobre o tema proposto. O roteiro abordou questões previamente definidas, no qual é dado direcionamento para o tema retratado, a fim de que os objetivos da pesquisa sejam alcançados com plenitude.

A estrutura da entrevista compreendeu três partes, totalizando 18 perguntas. No primeiro bloco, buscou-se compreender a percepção do entrevistado acerca dos conceitos de movimento social e da sua participação na comunidade. No segundo

bloco, foram explorados os entendimentos do entrevistado tanto em relação ao seu papel quanto ator social e quanto ao reconhecimento comunitário. Por fim, no terceiro bloco, foram abordados temas relacionados à cultura, carência e simbolismo, no qual buscamos compreender melhor as perspectivas e experiências do entrevistado em relação a tais questões. A adoção de uma estrutura clara e organizada, com blocos temáticos bem definidos, permitiu que a entrevista fosse conduzida de maneira objetiva, assegurando a obtenção de informações relevantes e precisas sobre as percepções e experiências do entrevistado.

Teremos como base metodológica, principalmente, dados qualitativos, não descartando os quantitativos, buscando a triangulação das informações coletadas por meio de entrevista, observação e a teoria relatada. O resultado deste trabalho será elaborado por meio descritivo, relatando conforme os objetivos de pesquisa o resultado das entrevistas (DUARTE, 2009).

Conseqüentemente, a presente pesquisa adotou uma estratégia metodológica que teve início com a definição do tema central que versa sobre os movimentos sociais e a composição das organizações culturais locais, visando a compreensão da influência da identidade cultural na comunidade da Barra do Jucu. Para a consecução desse objetivo, empreendeu-se um estudo voltado ao objeto de pesquisa, com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre o tema em questão. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de investigação em fontes primárias e secundárias, envolvendo teóricos que investigam a temática, tais como Alberto Melucci, Alan Touraine, Angela Afonso, Antoni Giddens, Beatriz Pontes, Charles Tilly, Camila Escudeiro, Della Porta, Elisa Reis, Lurds Oberg, Manuel Castells, Maria Gohn, Stuart Hall e Zygmunt Baumann, dentre outros.

Por meio do método escolhido, foi estabelecida uma relação de estreita proximidade e envolvimento com as organizações culturais locais. Essa conexão foi possível por meio da participação ativa como integrante da coordenação da ABECA¹⁴ e do AMORABARRA¹⁵. Ao considerar a atuação em rede das organizações culturais no bairro, o processo de aproximação e mapeamento das atividades e atores envolvidos ocorreu de maneira fluida e colaborativa.

¹⁴ ABECA – Associação Beneficente da Criança e do Adolescente da Barra do Jucu, instituição localizada na Barra do Jucu que assiste 60 crianças em risco de vulnerabilidade social.

¹⁵ AMORABARRA – Associação de Moradores da Barra do Jucu.

Durante a etapa de entrevistas, foi observada uma média de duração de 25 minutos por participante, embora em alguns casos tenha sido necessário estender a entrevista para até 45 minutos, dependendo da profundidade das respostas. O local e horário para realização das entrevistas foram acordados previamente com cada participante, a maioria optando por ser entrevistada na sede da organização que representa ou em um local que reflita o contexto da organização na Barra do Jucu.

Como parte essencial do processo metodológico, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, no qual foram informados sobre os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como sobre o uso de sua imagem e depoimento, autorizando sua participação sem ônus algum na presente dissertação de mestrado.

As entrevistas foram filmadas e serviram tanto como fundamento teórico por meio da redação da história de vida dos entrevistados quanto como produção técnica de um documentário¹⁶ relatando seus conceitos acerca de movimentos sociais, reconhecimento identitário e cultura barrense. Dessa forma, as filmagens nos permitiram a captar a emoção da fala em conjunto com a expressão corporal, tornando-se um acervo histórico-cultural importante para esses atores da Barra do Jucu. A partir das gravações, realizou-se a transcrição completa das entrevistas para análise no contexto do presente trabalho.

Portanto, com a perspectiva de entender a riqueza cultural e a singularidade de cada entrevistado, realizamos entrevistas em profundidade para retratar parte das experiências de vida de cada um desses atores sociais, buscando, por meio de seus relatos, uma narrativa única e singular sobre sua trajetória. Pretendeu-se entender o que motivou cada entrevistado a se tornar um agente de cultura. Nos foi dada uma oportunidade de conhecer melhor pessoas singulares e ouvir seus relatos, e observar a importância de cada uma delas na construção de uma identidade comunitária.

Assim, o presente estudo se propõe a examinar a interação dos atores sociais no contexto dos movimentos culturais, bem como sua participação na comunidade, para então compreender a construção da identidade cultural e sua influência nos repertórios dos movimentos que representam. Desse modo, foi elaborado um recorte teórico baseado na revisão bibliográfica de conceitos fundamentais relacionados aos

¹⁶ Dinâmicas Culturais na Barra do Jucu. Disponibilizado no link: <https://youtu.be/62Jly-IFzyQ>

movimentos sociais, atores sociais, identidade, cultura e comunidade. A presente investigação empírica foi conduzida por meio da coleta de oito depoimentos de líderes sociais que se encontram vinculados as organizações culturais criados e geridos na comunidade em questão.

Por fim, a pesquisa busca fornecer uma contribuição para a compreensão das dinâmicas de interação entre os atores sociais engajados em movimentos culturais, bem como suas implicações na construção e consolidação da identidade cultural e no fortalecimento da participação comunitária.

1.5 PERFIL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Nesta seção, apresentaremos o processo de escolha das organizações culturais selecionadas para a pesquisa no qual foram submetidos a entrevistas. Esses grupos serão mais explorados posteriormente. O processo de busca começou com o mapeamento dos grupos culturais que promovem a cultura na comunidade da Barra do Jucu. Para isso, estabelecemos quatro critérios a fim de enquadrá-los no objetivo da pesquisa, onde: (1) ser uma organização que promove a cultura; (2) ser localizado na Barra do Jucu, Vila Velha/ES; (3) podendo ter sua constituição jurídica como formal ou informal; e (4) ter envolvimento com a comunidade.

A escolha desses critérios foi baseada em razões específicas, no qual o primeiro foi selecionado para garantir que as organizações entrevistadas tivessem seu enfoque na promoção da cultura. O segundo critério foi determinado para garantir que as organizações escolhidas estivessem geograficamente localizadas na área de interesse da pesquisa. O terceiro critério, que permitiu a inclusão de organizações formais e informais, foi estabelecido para abranger uma ampla gama de organizações atuantes na área em questão. Por fim, o quarto critério foi incluído para assegurar que as organizações escolhidas tivessem um envolvimento efetivo com a comunidade.

Com a definição desses critérios, foi possível estabelecer um grupo de organizações que atendiam aos requisitos estabelecidos, possibilitando a realização da pesquisa de forma mais direcionada. Para completar o mapeamento do objeto de pesquisa, definimos o perfil dos grupos selecionados. Nesse sentido, a realização do mapeamento cultural tem como propósito principal a identificação das organizações

culturais presentes em determinado contexto. A elaboração do perfil dessas organizações, por sua vez, busca caracterizá-las de forma abrangente, levando em consideração aspectos como sua formalização jurídica, objetivos institucionais, estrutura organizacional, estratégias de atuação e parcerias estabelecidas. Essa análise visa proporcionar um panorama das características e dinâmicas das organizações culturais, oferecendo subsídios para uma compreensão de sua atuação e contribuição no contexto cultural em questão.

Na Barra do Jucu, diversas organizações culturais desempenham papéis cruciais na promoção e preservação da cultura local. A AMORABARRA mobiliza a comunidade, promovendo eventos e fortalecendo os laços entre os moradores. O grupo Barra de Renda valoriza a tradicional renda de bilro da região, enquanto o Bloco Surpresa anima o carnaval local com desfiles irreverentes. O Conscientezarte utiliza a arte para conscientização social, e as Madalenas do Jucu inovam na cultura do congo, promovendo a participação feminina. O Museu Vivo da Barra do Jucu oferece uma imersão na história local, apoiando grupos menores e promovendo exposições e eventos. O grupo Raízes da Barra, banda de congo recente, valoriza tradições locais, e o Teatro da Barra dedica-se às artes cênicas, abordando tradições comunitárias. Essas organizações são fundamentais para o cenário cultural, contribuindo para a preservação e difusão da identidade local.

| Organização Cultural / Representante | Constituição Jurídica | Objetivo cultural | Estrutura | Estratégia de ação | Parcerias e apoios |
|---|------------------------------|--|--|--|--------------------------------------|
| AMORABARRA Oscar Soares | Formal | Defesa e promoção da cultura | Sem sede - cedida a força tática | Eventos e aproximação entre poder público e comunidade | Comunidade, empresas e poder público |
| Barra de Renda Regina Rusck | Informal | Resgate cultural | Sede emprestada – cedida pela Prefeitura de Vila Velha | Oficinas de renda de bilro | Comunidade, empresas e poder público |
| Bloco Surpresa Carlos Magno | Formal | Carnaval cultural – crítica política e comunitária | Sede própria - galpão | Músicas e desfile com carros alegóricos no carnaval | Comunidade, empresas e poder público |

| | | | | | |
|--|----------|-----------------------------------|--|--|--------------------------------------|
| Conscientearte Isabeli Souza | Informal | Defesa do meio ambiente pela arte | Sem sede – encontros online | Pinturas, palestras, limpeza da praia | Comunidade, empresas e poder público |
| Madalenas do Jucu Beatriz Rego | Informal | Promoção do congo | Cedido aos sábados - local para ensaio | Apresentações e festas comunitárias | Comunidade e poder público |
| Museu Vivo Ricardo Vereza | Formal | Promoção da cultura local | Sede própria | Oficinas, eventos, apoio a outros movimentos | Comunidade, empresas e poder público |
| Raízes da Barra Rosângela Caus | Informal | Promoção do congo | Local cedido para ensaio – moradores | Apresentações de congo, apoio social | Comunidade e poder público |
| Teatro da Barra Zeiza Jorge | Formal | Artes cênicas | Sede emprestada | Peças de teatro com moradores locais | Comunidade e poder público |

Tabela 1 – Quadro organizacional das organizações culturais selecionadas

O mapeamento e o perfil das organizações sociais aconteceram em 2022, sendo um passo importante no processo de pesquisa, pois nos permitiu ter uma visão mais ampla e abrangente dos agentes envolvidos com os movimentos culturais na comunidade. A partir de então, iniciamos o processo de entrevistas (2023), o qual nos permitiram aprofundar a compreensão das experiências, opiniões e percepções dos atores responsáveis por essas organizações, bem como obter maior compreensão sobre suas atividades e estratégias de ação. Dessa forma, a combinação do mapeamento, perfil e entrevistas foi um meio para entendermos as manifestações culturais que acontecem no bairro; suas demandas, repertórios e perspectivas, bem como identificar sua formalização e interação na comunidade.

1.6 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Após a contextualização do local selecionado e a obtenção de uma visão abrangente do perfil dos entrevistados, prosseguimos com a estrutura e organização do trabalho. O primeiro capítulo versa sobre as perspectivas teóricas que permeiam a história dos movimentos sociais, assim como um breve panorama histórico sobre como esses movimentos se manifestaram no Brasil, além de apresentar as bases metodológicas para sua análise e compreensão da dinâmica dos atores sociais envolvidos. Nessa seção, nosso intuito é compreender os processos fundamentais intrínsecos às ações coletivas, especialmente aquelas suscitadas pelos movimentos sociais contemporâneos.

O segundo capítulo inicia com a definição de identidade, e buscando compreender a formação social e cultural. Em seguida, aborda-se a noção de comunidade, que é formada por um grupo de pessoas que compartilham características culturais, valores, crenças e práticas em comum. O conceito de cultura também é essencial nesse debate, pois é a partir dela que se constrói a identidade e a comunidade. A cultura é o conjunto fundamental para a formação da identidade individual e coletiva.

Ao longo do século XX, diversas concepções foram elaboradas sobre a ideia de integração entre identidade, comunidade e cultura. Desde a abordagem funcionalista até as teorias críticas, os debates teóricos têm sido intensos e muitas vezes contraditórios. No entanto, todas as correntes teóricas concordam que a cultura é um elemento fundamental para a construção da identidade e da comunidade. Assim, ao entendermos a relação entre identidade, comunidade e cultura, podemos compreender melhor como se dá a formação de grupos sociais e culturais, bem como as formas de resistência e afirmação identitária em face de processos de homogeneização cultural.

No terceiro capítulo, abordaremos as organizações culturais selecionadas. Dessa forma, por meio das entrevistas realizadas, buscamos compreender de forma mais ampla as suas perspectivas, demandas e desafios. Assim como sua formação, suas estratégias de atuação e as articulações com outros grupos e organizações, além de suas carências e ações sociais promovidas pelos grupos mapeados.

Por meio das considerações finais, busca-se aprofundar a compreensão da relevância das organizações culturais para a Barra do Jucu e para a preservação da identidade cultural da região. Pretende-se retomar a hipótese e os objetivos de pesquisa apresentados nesta introdução, e demonstrar como essas ideias se relacionam às discussões teóricas e às análises das entrevistas realizadas ao longo do trabalho. Nesse sentido, pretende-se avaliar a pertinência da hipótese inicial, bem como a relevância e consistência dos resultados obtidos.

Por fim, espera-se contribuir para a compreensão da realidade cultural da Barra do Jucu, expondo a atuação das organizações culturais como atores sociais do bairro. E ainda, que essa análise possa colaborar para o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas a promoção do desenvolvimento cultural da comunidade.

2. TEORIA, MÉTODO E PRÁTICA: A COMPREENSÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS AO LONGO DA HISTÓRIA

"Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possam mudar o mundo. Na verdade, é a única coisa que já mudou."

Margaret Meadr

A história dos movimentos sociais remonta aos primórdios da humanidade, quando os indivíduos se reuniam em grupos para pensar, planejar e lutar por seus direitos e interesses. Entretanto, a construção formal dos movimentos sociais modernos acontece com o surgimento das sociedades industriais e juntamente com as mudanças políticas e sociais sucedidas nos séculos XVIII e XIX (LÖWY, 1994). De acordo com Gohn (1997), embora a teoria clássica dos movimentos sociais nas ciências sociais tenha se espalhado além das fronteiras dos Estados Unidos, foi nesse país que ela mais se desenvolveu, ainda que seus autores não sejam exclusivamente americanos.

A análise dessa abordagem é importante atualmente por dois motivos: primeiro, a necessidade de lembrar as primeiras teorias e compreender as ações coletivas; e segundo, a retomada das referências conceituais do paradigma norte-americano na década de 90.

Os autores clássicos analisavam os movimentos em termos de ciclos evolutivos em que seu surgimento, crescimento e propagação ocorriam por intermédio de um processo de comunicação que abrangia contatos, rumores, reações circulares, difusão das ideias etc. As insatisfações que geravam as reivindicações eram vistas como respostas às rápidas mudanças sociais e à desorganização social subsequente.

A adesão aos movimentos seriam respostas cegas e irracionais de indivíduos desorientados pelo processo de mudança que a sociedade industrial gerava (GOHN, 1997 p. 24). Os movimentos sociais modernos surgem como resposta às desigualdades e injustiças criadas pela industrialização e urbanização, assim como à exclusão política e social de grandes setores da população. Iniciado na Europa - em meados do século XIX, movimentos de trabalhadores e sindicatos, tomam as ruas por

melhores condições de trabalho e por direitos políticos (LÖWY, 1994). Touraine (2006) compreende que é preciso adotar uma abordagem mais limitada em relação ao uso da noção de movimento social nas sociedades consideradas industriais, ao mesmo tempo em que é necessário conscientemente empregar essa ideia em outras sociedades. O que distingue a sociedade industrial é o uso de uma representação política da vida social, em que um conflito geral pode surgir em relação à aquisição do poder político. De acordo com Giddens (1998), a industrialização se dá por meio da produção mecanizada, que utiliza recursos energéticos como vapor ou eletricidade. As sociedades industriais, conhecidas principalmente como sociedades modernas, são marcadas por uma organização social diferente das anteriores. Nas últimas duas centenas de anos, os teóricos sociais têm buscado criar uma teoria geral para explicar a natureza da mudança social.

No entanto, nenhuma teoria isolada é capaz de explicar completamente a diversidade do desenvolvimento social humano, desde as sociedades de caçadores e pastores até os complexos sistemas sociais dos dias atuais. Giddens (1998) identifica três fatores principais que exercem influência na mudança social: o meio ambiente, a organização política e os fatores culturais.

Melucci (1989) discute que nas últimas duas décadas surgiram novas formas de ação social em áreas afetadas por conflitos sociais que antes não estavam envolvidas em tais ações. A crise das estruturas políticas e conceituais diante desses novos fenômenos tornou-se evidente nos anos 70, impulsionando uma reinterpretação da análise social e uma redefinição das categorias analíticas.

Dessa forma, de acordo com Melucci (1989), a observação das sociedades complexas contemporâneas revela algumas características importantes. Primeiramente, as novas formas de agregação social não são apenas conjunturais, mas têm uma natureza permanente e coexistem com categorias sociais consolidadas, como classes e grupos de interesse. Essas novas formas de solidariedade conflitual desempenham um papel de socialização e participação submersa, abrindo novos canais para a formação de grupos e a seleção de elites. Em consequência, os meios tradicionais de socialização política, inovação cultural e modernização institucional passam por redefinições. Além disso, o controle da complexidade nas sociedades contemporâneas requer uma análise cuidadosa da relação entre sistemas institucionais de representação e tomada de decisões e as novas formas de ação

social, que não se adaptam facilmente aos canais existentes de participação e às formas tradicionais de organização política.

Essas observações destacam a necessidade de compreender e lidar com as transformações sociais presentes nas sociedades complexas contemporâneas.

A partir da segunda metade do século XX, os movimentos sociais se diversificaram e se tornaram mais abrangentes, abordando uma ampla gama de questões, tais como direitos civis, direitos humanos, meio ambiente, paz, diversidade sexual, direitos dos animais, e muitas outras. Segundo Abers e Bulow (2011), as discussões teóricas e metodológicas sobre movimentos sociais nos trazem mudanças significativas no início do século XXI. Alguns teóricos seguem acreditando que essas alterações iniciaram uma fase pós paradigmática, no qual rompe os marcos teóricos até então praticados desde 1960.

Segundo Hall (2006), a compreensão da mudança socioestrutural, que se tornou cada vez mais evidente a partir do final do século XX, tem levado a transformações significativas nas sociedades modernas. Esse contexto dinâmico é marcado pela crescente globalização, pela tecnologização dos meios de produção e comunicação, e pelo aumento da diversidade cultural, desafios e oportunidades que têm impactado profundamente a organização e a gestão das sociedades contemporâneas. Tais mudanças repercutem de maneira expressiva na economia, na política, nas relações sociais e nas percepções identitárias, exigindo, assim, novas formas de pensar e de agir tanto por parte dos indivíduos quanto das instituições (CASTELLS, 2018).

Assim, conforme a análise dos autores citados, verifica-se a importância de se compreender as mudanças socioestruturais em curso e suas implicações nas sociedades modernas, buscando elaborar estratégias e políticas que sejam capazes de lidar com esses desafios e de promover um desenvolvimento mais justo, inclusivo e sustentável. Essas mudanças estão impactando a forma como as pessoas participam e entendem a ação social, e estão reconfigurando as identidades pessoais, alterando a concepção que temos de nós mesmos como sujeitos coletivos.

2.1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Nos últimos anos, houve um aumento na produção acadêmica que aborda os movimentos sociais, abrangendo não apenas os campos tradicionais da sociologia e da ciência política, mas também se estendendo a diversas outras áreas de estudo. Essa interdisciplinaridade reflete a necessidade de compreender o significado e a trajetória dos movimentos sociais neste século XXI (DELLA PORTA, 2014), buscando uma abordagem mais abrangente e multidimensional para analisar essas importantes expressões de contestação e transformação social.

Dessa forma, Della Porta (2014) relaciona diversas disciplinas acadêmicas desempenham um papel significativo no estudo dos movimentos sociais. A história fornece uma base essencial para compreender as lutas passadas, conquistas e desafios enfrentados por diferentes grupos ao longo do tempo. A antropologia, por sua vez, busca compreender as dinâmicas culturais, práticas sociais e formas de resistência presentes em diferentes sociedades, utilizando abordagens etnográficas e análises das relações de poder. A psicologia investiga os processos psicológicos individuais e coletivos que influenciam a participação e o engajamento nos movimentos sociais, analisando crenças, atitudes e identidades.

A economia contribui para a compreensão dos aspectos financeiros, recursos e consequências econômicas envolvidas nas mobilizações, examinando custos, benefícios e distribuição de recursos. O direito analisa as questões legais e jurídicas relacionadas aos movimentos sociais, compreendendo mecanismos legais de proteção, demandas por justiça social e lutas por direitos e igualdade. Essas disciplinas juntas, entre outras, proporcionam uma abordagem abrangente e multidisciplinar para o estudo dos movimentos sociais, permitindo a compreensão das complexidades e implicações dessas mobilizações (DELLA PORTA, 2014).

Mesmo com grande número de trabalhos que abordam o tema, e ainda com a diversidade de paradigmas que buscam compreender as questões dos movimentos sociais, não se pode afirmar que temos estudos o bastante sobre o assunto. Esse contexto, em parte, advém dos diversos conceitos e suas interpretações que analisam a temática (GOHN, 1997).

Kriesi (1988) observou que as pessoas comuns, quando indagadas sobre suas simpatias ou identificações com movimentos sociais (pela paz, antinucleares e

ecológicos), têm pouca dificuldade de identificar o que é movimento social, ao contrário dos cientistas sociais. Isto porque tais pessoas atentam para uma das dimensões dos movimentos, a do conteúdo da demanda em si. Elas vêem o movimento como um todo homogêneo, a partir da imagem que suas ações projetaram na sociedade. Tal não ocorre com os cientistas sociais, que necessariamente devem abarcar outras dimensões, tais como suas crenças, valores, diferenças internas etc.; e a dimensão das ações e eventos em si ou, em nosso entendimento, as práticas sociopolíticas desenvolvidas (*Apud* GOHN, 1997. p. 243).

Touraine (2006) argumenta que os movimentos sociais são ações coletivas que não podem ser entendidas apenas como crises ou como parte da evolução natural de um sistema. É possível discutir a existência de crises, inclusive a crise geral do capitalismo, sem recorrer à ideia de movimento social. A relevância da noção de movimento social na história da sociologia se deve ao fato de ter contribuído para superar o objetivismo presente em estudos sobre comportamento coletivo. A partir do estudo dos movimentos sociais, a sociologia passou a se preocupar com o sentido atribuído pelos atores sociais às suas ações, buscando compreender a lógica interna das ações coletivas.

Assim, é importante destacar que a ideia de movimento social se opõe à visão que atribui a razão de ser das ações coletivas apenas direcionadas a problemas estruturais de um determinado sistema, geralmente relacionados a aspectos econômicos.

Touraine (2006) argumenta que, ao longo de duas pesquisas realizadas com um intervalo de vinte anos, foi possível observar que a consciência da classe trabalhadora e a força central do movimento operário nos países industrializados mais antigos estavam relacionadas ao conflito entre a defesa da autonomia profissional e os métodos de organização científica do trabalho. No entanto, após esse conflito central, outras definições de trabalho, como nível, estatuto e função, foram retomadas, e essas categorias não geram mais um movimento social de impacto geral como o movimento operário do século XX. No qual, sugere que o mundo dos empregados e as diversas categorias operárias já não produzem um movimento social comparável ao do passado

É possível observar que a literatura sobre os novos movimentos sociais emerge de forma marcante na década de 1990, notadamente com o surgimento de uma busca por afirmação identitária e pelo bem-estar. A esse respeito, é válido destacar que os estudos das décadas precedentes se concentravam em grande medida na transformação de estruturas sociais e na representação de novos atores sociais.

Dessa forma, conforme relatado por Abers e Bullock (2011), tal cenário sofreu significativas transformações ao longo do século XX, o que se reflete na literatura atualmente disponível sobre o tema. Alonso também expõe sobre o assunto:

É que as teorias dos movimentos sociais se constituíram diante de um quadro bastante distinto, o do Ocidente dos anos 1960, quando o próprio termo “movimentos sociais” foi cunhado para designar multidões bradando por mudanças pacíficas (“faça amor, não faça guerra”), desinteressadas do poder do Estado. Até então concentrados em pensar revoluções – ou a ausência delas [...] (ALONSO, 2009. p. 49).

Gohn (1997) destaca três fatores principais que geraram os diferentes entendimentos sobre as interpretações que envolvem o conceito de movimentos sociais. Inicialmente a mudança ocorrida nas ações coletivas proposta pela sociedade civil, ou seja, seu repertório e suas bases sociais. Seguido dos novos paradigmas que surgiam com as análises dos cientistas sociais, e por fim, as alterações estruturais da economia e das políticas de estado. As transformações sociais contemporâneas têm gerado uma série de fenômenos complexos e multifacetados, e a fim de se compreender tais fenômenos, muitos teóricos têm desenvolvido novos postulados e abordagens, embora ainda existam discordâncias teóricas importantes.

De fato, as mudanças socioestruturais em curso têm impactado de forma profunda e diversa a vida social, política, econômica e cultural, exigindo uma reflexão constante e uma reconfiguração das teorias e conceitos que compõem as ciências sociais. Nesse sentido, há uma tendência crescente de se pensar em abordagens transdisciplinares e em perspectivas críticas que buscam compreender as complexas interações entre as estruturas sociais e as subjetividades individuais e coletivas.

Segundo Melucci (1989), o engajamento social em ações coletivas na contemporaneidade não se baseia apenas em motivações econômicas. As lutas sociais passaram a se voltar para a solidariedade e para a defesa das novas identidades (Pizzorno, 1983; Melucci, 1982, citados por Melucci, 1989). O objetivo

dessas ações é alcançar a autorrealização, rompendo com orientações políticas tradicionais e questionando a lógica cultural e cotidiana que é imposta às pessoas.

Melucci (1989) argumenta que a perspectiva analítica que associa movimentos sociais apenas a sistemas políticos é limitada nas sociedades complexas. Os conflitos sociais contemporâneos vão além do âmbito político, pois afetam o sistema como um todo. A ação coletiva não se resume à troca de interesses em um mercado político, e nem todos os objetivos podem ser calculados de forma racional. Os movimentos sociais contemporâneos também possuem uma orientação antagônica que surge dentro dessas sociedades complexas e tem o poder de alterar sua lógica

Segundo Alonso (2009), a sociologia desenvolveu três correntes explicativas para compreender o desenvolvimento dos movimentos sociais, as quais serão descritas adiante. O objetivo desta etapa é fornecer uma visão concisa e dinâmica da trajetória dos movimentos sociais, abordando o processo político e social de sua construção, bem como suas adaptações frente aos desafios apresentados pelos movimentos do século XXI.

2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS: DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO

Antes da década de 1960, a teoria dos movimentos sociais era pouco abordada e ainda estava emergindo como campo de estudo. Algumas das primeiras teorias sobre os movimentos sociais foram desenvolvidas no final do século XIX e início do século XX, principalmente pela sociologia clássica. Uma das primeiras teorias sobre os movimentos sociais foi proposta por Émile Durkheim, um dos fundadores da sociologia moderna. Durkheim argumenta que os movimentos sociais são a manifestação da anomia social, um estado em que as normas sociais e os valores estavam enfraquecidos ou ausentes, deixando as pessoas sem orientação moral e levando a um comportamento desviante (PONTES, 2015).

Outro teórico importante foi Karl Marx, que via os movimentos sociais como uma expressão da luta de classes. Marx argumentou que os movimentos sociais surgiam quando grupos marginalizados e explorados pela classe dominante, no qual se uniam para lutar por mudanças sociais e políticas (ALONSO, 2009).

Durante o período compreendido entre os anos 1930 e 1960, a sociologia empreendeu uma abordagem crítica às teorias revolucionárias, culminando em perspectivas que enfatizavam a desmobilização política. Autores de diversas vertentes, como Riesman e Adorno, convergiram em teorias que atribuíam tal fenômeno à influência cultural e às correlações entre a estrutura da personalidade e a organização da sociedade. Essas perspectivas salientavam a importância dos elementos culturais e psicológicos na compreensão dos processos políticos e sociais contemporâneos (ALONSO, 2009, p. 50).

Com o tempo, a teoria do movimento social passa a enfatizar a importância da organização e da ação coletiva para a mudança social. Piven e Cloward (1979), argumentam que os movimentos sociais são importantes meios de resistência contra as formas de opressão e exploração que são perpetuadas pela estrutura social. Destacam a importância da organização e da ação coletiva para a mudança social, especialmente no contexto da luta por direitos e melhores condições de vida das populações marginalizadas e empobrecidas. Além disso, os autores argumentam que os movimentos sociais surgem como resposta à exclusão política e social de grandes setores da população, que muitas vezes não têm acesso aos meios formais de participação política e, portanto, recorrem à mobilização coletiva como forma de fazer suas vozes serem ouvidas.

Assim, os movimentos sociais configuram-se como uma relevante via de exercício de pressão política e de promulgação de mudanças sociais, contrapondo-se às estruturas de poder preexistentes e empenhando-se na consecução de um maior escopo de justiça e equidade.

Tanto Tilly (2010) quanto Tarow (2009) discorrem sobre a evolução da teoria dos movimentos sociais ao longo do século XX, salientando seu progresso. Segundo esses autores, as teorias iniciais centravam-se predominantemente na relação entre ação coletiva e mudança social, negligenciando as dinâmicas internas dos movimentos sociais e as dimensões de identidade e cultura. No entanto, a partir das décadas de 1960 e 1970, emergiram novas abordagens que enfatizaram a relevância da cultura, identidade e subjetividade na compreensão dos movimentos sociais. Além disso, surgiram teorias que realçaram as relações de poder e os processos de mobilização como elementos cruciais para a formação e desenvolvimento dos movimentos sociais. Conforme Tilly (2010), essa evolução resultou em um maior

refinamento e complexidade da teoria dos movimentos sociais, permitindo uma compreensão abrangente e multifacetada desses fenômenos sociais. O autor destaca, ainda, que, apesar das divergências teóricas e metodológicas, essas abordagens compartilham a compreensão dos movimentos sociais como formas de ação coletiva voltadas para a transformação social.

Na década de 1960, conforme observado por Alonso (2009), ocorreu um ressurgimento das mobilizações sociais tanto na Europa como nos Estados Unidos. Contrariando as expectativas de alguns estudiosos da revolução, essas ações apresentaram características distintas. Ao invés de se basearem estritamente na luta de classes ou em uma revolução política tradicional, os movimentos passaram a focar questões relacionadas aos direitos civis, igualdade de gênero e estilo de vida. Esse novo repertório de ações marcou o surgimento de movimentos nos quais os proletários já não ocupavam o papel central como protagonistas. Diante desses novos fenômenos sociais, tornou-se evidente a necessidade de abordagens explicativas renovadas.

A fim de melhor conceituar os movimentos sociais na modernidade, na segunda metade do século XX, surgem três correntes teóricas por reorganizar a história dos movimentos. Conforme Brandão (*apud* SOUZA e PEREIRA, p. 126 2011), duas correntes teóricas distintas têm contribuído significativamente para o estudo dos movimentos sociais. Por um lado, há uma perspectiva europeia representada por renomados estudiosos como Alain Touraine, Jürgen Habermas e Alberto Melucci, que se concentram na abordagem conhecida como "Teoria dos Novos Movimentos Sociais". Por outro lado, há duas correntes norte-americanas distintas: a primeira é a Teoria de Mobilização de Recursos, proposta por McCarthy e Zald em 1977, enquanto a segunda é abordada por Charles Tilly, Sidney Tarrow, Doug McAdam, Jack Goldstone e o italiano Mario Diani, que analisam os movimentos sociais sob a ótica da Teoria do Processo Político ou, mais recentemente, da Teoria do Confronto Político. Essas abordagens teóricas apresentam perspectivas divergentes e enfoques complementares para a compreensão dos movimentos sociais.

De acordo com Souza e Pereira (2020), as mobilizações ocorridas nos países capitalistas durante as décadas de 1960 e 1970 foram pioneiras na concepção de novos meios estratégicos para a construção social e política. Nesse período, os movimentos de protesto foram liderados principalmente por estudantes, donas de

casa e idosos, em contraste com os trabalhadores que lideravam as mobilizações no passado. As reivindicações tiveram um caráter pluriclassista e estabeleceram uma abertura para novas pautas, como a etnia, gênero e meio ambiente. O objetivo desses movimentos não era a tomada do poder político. (BRANDÃO, 2011, p. 126, apud SOUZA e PEREIRA, 2020, p. 18).

De acordo com Gohn (1997), as primeiras fases do período clássico norte-americano testemunharam uma produção significativa sobre ações coletivas por autores como Zald (1988), Tilly (1983) e Tarrow (1994). Entretanto, esses trabalhos não as categorizavam especificamente como movimentos sociais. Gohn (1997) identificou cinco correntes relacionadas a esse tema. Três delas são consideradas teorias dos movimentos sociais, enquanto as outras duas são enquadradas como ações coletivas, dependendo de como seus formuladores as conceituaram.

A primeira corrente remonta à Escola de Chicago e a interacionistas simbólicos do início do século XX, destacando-se Herbert Blumer (1949) como principal representante. Ele é considerado o precursor da primeira teoria sobre movimentos sociais. A segunda corrente, nas décadas de 1940 e 1950, envolve teorias sobre a sociedade de massas de Eric Fromm (1941), Hoffer (1951) e K. Kornhauser (1959), que caracterizava os movimentos como formas irracionais de comportamento anteriores à modernidade.

A terceira corrente, nos anos 1950, enfatizou variáveis políticas, evidenciada nos trabalhos de S. Lipset (1950) e Heberle (1951), buscando articular classes sociais e relações de produção para compreender movimentos revolucionários, mobilização partidária e comportamento eleitoral. A quarta corrente combinou teorias da Escola de Chicago com a teoria da ação social de Parsons, analisando desde comportamento coletivo básico até a construção de ações coletivas em larga escala.

A quinta corrente, chamada organizacional-institucional, representada pelos trabalhos de Gusfield (1955) e Selznick (1952), encerra a abordagem clássica. Vale notar que a categorização de Gohn (1997) não segue uma ordem temporal estrita, pois algumas teorias coexistiram no mesmo período, sendo classificadas com base em suas características principais. No âmbito das Ciências Sociais, verifica-se um debate contínuo em torno dos movimentos sociais, que não apenas constituem um

objeto empírico de análise, mas também impulsionam o surgimento de múltiplas perspectivas teóricas e a concentração de atenção em diversos aspectos.

Essa dinâmica acadêmica reflete a complexidade e a relevância desses fenômenos sociais como agentes de transformação e expressão coletiva. Os estudos sobre movimentos sociais abrangem desde análises das estratégias de mobilização, organização e participação, até investigações das motivações, identidades, discursos e impactos políticos e culturais dessas formas de ação coletiva. A diversidade de abordagens teóricas e enfoques metodológicos reflete a pluralidade de contextos, demandas e dinâmicas sociais que os movimentos sociais englobam, oferecendo um terreno fértil para a construção do conhecimento científico nas Ciências Sociais.

A seguir, apresentaremos de forma concisa as principais teorias que acompanham a trajetória histórica dos movimentos sociais. Na era clássica, destacam-se a Teoria Marxista dos Movimentos e a Teoria das Massas, embora não iremos aprofundar nesses aspectos específicos. Já na modernidade, surgem abordagens teóricas como a Teoria da Mobilização de Recursos, que enfatiza a importância dos recursos disponíveis para a organização e ação dos movimentos sociais. A Teoria dos Processos Políticos, por sua vez, concentra-se nas interações políticas e nas dinâmicas de confronto entre os movimentos e as estruturas de poder. Na contemporaneidade, destaca-se a Teoria dos Novos Movimentos Sociais, que aborda as transformações sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas, dando ênfase à diversidade de demandas e identidades presentes nos movimentos sociais atuais. Essas teorias oferecem diferentes perspectivas analíticas e contribuem para a compreensão dos movimentos sociais em diferentes períodos históricos. (BODART, PEREIRA, 2017).

i. Teoria da Mobilização de Recursos

Durante a década de 1960, emergiu a Teoria de Mobilização de Recursos - TMR, uma abordagem que sustenta que a disposição para a ação coletiva resulta primordialmente de uma avaliação racional dos benefícios e custos individuais. Contudo, essa ação coletiva depende da disponibilidade de recursos materiais, financeiros, estruturais, humanos e organizacionais. Em outras palavras, embora a

TMR enfatize a importância da motivação individual na ação coletiva, ela reconhece que essa motivação só pode se transformar em ação efetiva se houver um apoio adequado de recursos. Essa abordagem oferece uma perspectiva fundamental para compreender como os recursos influenciam a capacidade dos movimentos sociais de se mobilizarem e alcançarem seus objetivos (GOHN, 1997).

A base organizacional para os movimentos sociais se faz principalmente com o surgimento de associações e o uso de estruturas comunitárias preexistentes. Nesse cenário, observa-se que a TMR usou a sociologia das organizações para seu propósito passando a comparar a estrutura organizacional dos movimentos sociais a uma empresa. De tal modo que a racionalização da atividade sociopolítica fica evidente no discurso da burocratização dos movimentos sociais (ALONSO, 2009).

Neste panorama a profissionalização se torna a base dos movimentos organizados, passando a coordenar ações e recursos. A estabilidade organizacional os torna cada vez mais burocratizados. Assim, num mercado de consumidores de bens políticos, em meio a cooperação e competição, os movimentos passam a depender de sua capacidade operacional, passando a se enfrentarem na busca por recursos materiais e seguidores (ALONSO, 2009).

A TMR, portanto, avalia os movimentos sociais igualando-os a um fenômeno social como outro qualquer, dotado das mesmas características que os partidos políticos, por exemplo. A explicação privilegia a racionalidade e a organização e nega relevo a ideologias e valores na conformação das mobilizações coletivas (ALONSO, 2009, p 53).

Nesse sentido, a capacidade dos mobilizadores de mobilizar recursos assume um papel fundamental na determinação da participação institucional. Grupos que carecem dos recursos necessários para garantir um amplo acesso à esfera institucional são levados a recorrer a formas de ação não institucionalizadas, tais como manifestações, passeatas, greves e ações violentas. Esses recursos são utilizados como meio de alcançar objetivos que, devido às barreiras impostas pela política institucional, não foram alcançados anteriormente (SOUZA e PEREIRA, 2020).

Sendo assim, quando grupos não têm acesso amplo à esfera institucional e, portanto, carecem dos recursos necessários para influenciar o sistema político de maneira convencional, é comum que recorram a formas de ação não institucionalizadas. Essas ações podem incluir manifestações pacíficas, passeatas,

greves e outras formas de protesto, bem como ações mais extremas e violentas. Em muitos casos, essas táticas são usadas como uma maneira de chamar a atenção para suas demandas e pressionar os poderes estabelecidos a tomar medidas em resposta às suas reivindicações. No entanto, é importante notar que as ações não institucionalizadas também podem ter efeitos colaterais negativos, incluindo o aumento da repressão estatal ou o distanciamento de potenciais aliados.

A variável mais crucial na abordagem da TMR, é a disponibilidade de recursos humanos, financeiros e de infraestrutura diversa. Os movimentos sociais surgem quando há recursos suficientes disponíveis para apoiar suas ações. Posteriormente, essa concepção foi alterada para considerar que os movimentos surgem quando se apresentam oportunidades políticas para ações coletivas e quando há líderes e facilidades disponíveis para tal. Os movimentos sociais também estruturam seu cotidiano de acordo com o estoque de recursos que possuem, sendo os mais importantes os recursos econômicos, humanos e de comunicação. Na abordagem da TMR, os movimentos sociais não são vistos como entidades distintas dos partidos políticos, grupos de interesse ou lobbies, como ocorre no paradigma clássico. Em vez disso, todos esses atores jogam e disputam pelo mesmo público consumidor, seja de militantes ou financiadores, em um mesmo campo (Gohn, 1997).

Conforme Piven e Cloward (1992, *apud* Gohn, 1997), a TMR comete um equívoco ao entender que os comportamentos convencionais e os de protesto são semelhantes, sem compreender suas diferenças fundamentais. A TMR tende a padronizar os movimentos de protesto, negligenciando as diferenças entre as formas de ação legalmente permitidas e as que são proibidas pela ordem estabelecida, isto é, pela lei. Consequentemente, a TMR também normatiza o impacto das ações coletivas, assim como outras formas convencionais de organização, reduzindo os protestos políticos das camadas populares a manifestações sem expressão.

A TMR enfatiza a perspectiva utilitarista, o que gerou críticas, inclusive dentro dessa própria teoria. Essas críticas deram origem a uma nova abordagem, conhecida como Teoria dos Processos Políticos. Diferentemente da TMR, a Teoria dos Processos Políticos reconhece a importância dos fatores ideológicos e culturais na compreensão do papel dos movimentos sociais nas mudanças sociais. Segundo Maia (2009, p. 89, *apud* Bodart e Pereira, 2017, p. 7), a nova abordagem enfatiza a

complexidade do processo de mobilização, levando em consideração a diversidade de atores envolvidos e a importância das ideias e valores compartilhados entre eles.

Em outras palavras, a Teoria do Processo Político expande a análise da TMR para incluir fatores além dos recursos materiais e interesses racionais, enfatizando a importância da cultura e da ideologia na compreensão das dinâmicas dos movimentos sociais e seus efeitos na sociedade.

ii. Teoria do Processo Político

Enquanto a TMR enfatiza a importância dos recursos materiais disponíveis para os ativistas individuais, a TPP expande a análise para incluir uma estrutura mais ampla de incentivos e constrangimentos políticos que delimitam as possibilidades de escolha dos agentes entre os meios de ação. Essa perspectiva aborda a compreensão das instituições políticas de maneira mais abrangente, não apenas como uma arena neutra em que os atores competem por poder, mas como um conjunto de relações de poder que moldam a ação coletiva. A TPP entende que a mobilização se baseia em um conflito entre partes, com uma delas momentaneamente ocupando o Estado e a outra falando em nome da sociedade. Essas posições são variáveis e os atores migram entre elas, o que significa que a mobilização pode envolver tanto a conquista como a transformação do Estado (ALONSO, 2009).

Nessa perspectiva, a ação coletiva não é apenas uma forma de expressão de interesses individuais, mas uma arena em que diferentes atores sociais lutam pelo controle da agenda política e pela transformação das estruturas de poder.

Diferentemente da abordagem da Teoria da Mobilização de Recursos, a Teoria dos Processos Políticos valoriza a mobilização política como um elemento central na análise dos movimentos sociais. Charles Tilly, citado por Alonso (2009, p. 54), introduz o conceito de Estrutura de Oportunidades Políticas¹⁷ – EOP, para compreender a organização dos movimentos sociais, enfatizando que é essa estrutura que direciona o contexto político no qual os movimentos operam. Tarrow (1998, p. 20, *apud* Alonso, 2009, p. 54) destaca a importância das mudanças nas EOPs, ou seja, nas dimensões formais e informais do ambiente político, que abrem novos canais para a expressão

¹⁷ EOP – Em suma, a teoria aborda que as oportunidades políticas se referem a mudanças nas regras, recursos e alianças políticas que podem favorecer ou desfavorecer a ação coletiva dos movimentos sociais.

de reivindicações por parte de grupos sociais externos à esfera política. Seguindo a perspectiva da TMR, a TPP sugere que a organização entre os ativistas desempenha um papel crucial na formação do ator coletivo, porém, os agentes coletivos são moldados e constituídos através de confrontos e embates no próprio processo contencioso (ALONSO, 2009).

A TPP adiciona um elemento cultural ao entendimento, onde a organização parte da solidariedade, priorizando uma cadeia de incentivos e/ou constrangimentos políticos, delimitando as possibilidades de escolha dos agentes entre cursos de ação. Desta forma, compreende-se que o processo político é influenciado por uma variedade de fatores, abrangendo as normativas políticas e sociais, as instituições políticas, os interesses e as estratégias dos atores políticos, assim como as relações de poder entre eles (ALONSO, 2009).

A TPP enfatiza que o sucesso dos movimentos sociais está diretamente ligado tanto ao reconhecimento do grupo como ator político, quanto aos benefícios concretos que são conquistados por ele.

Os pesquisadores da TPP reconhecem que, para estabelecer e sustentar um movimento social, não basta apenas ter uma causa justa e necessária. É crucial desenvolver ideias, símbolos e palavras-chave que sejam comunicáveis, significativos e cativantes para aqueles envolvidos. Por essa razão, muitos estudos se concentram na análise desses elementos (Bodart, Pereira, 2017). Essa abordagem busca compreender como as ideias e os símbolos são construídos e mobilizados pelos movimentos sociais, considerando sua capacidade de influenciar a opinião pública, mobilizar apoiadores e construir identidades coletivas. A análise desses elementos simbólicos permite uma compreensão mais profunda das estratégias de comunicação e da construção discursiva dos movimentos sociais, evidenciando sua importância na formação e no engajamento do público-alvo.

Conforme Alonso (2009), de acordo com a TPP, o sucesso político de um movimento social não depende apenas dos recursos disponíveis, mas principalmente da sua capacidade de estabelecer alianças estratégicas, articular demandas politicamente relevantes e se conectar com outros atores políticos. Essa abordagem destaca a importância das relações de poder, das coalizões e das interações políticas na dinâmica dos movimentos sociais. A habilidade de construir alianças efetivas e de

articular demandas que ressoem com outros atores políticos é considerada fundamental para ampliar a influência e o impacto do movimento. Além disso, a capacidade de adaptar-se às mudanças nas oportunidades políticas e de se engajar em processos de negociação e barganha política também são elementos-chave para alcançar êxito político. Ou seja, a TPP enfatiza a importância da dimensão política na análise dos movimentos sociais, destacando a necessidade de estratégias de articulação e negociação para alcançar seus objetivos.

Segundo essa perspectiva, a mobilização política ocorre como resultado de um conflito entre diferentes partes, em que uma delas temporariamente ocupa o Estado, enquanto a outra se apresenta como representante da sociedade. No entanto, essas posições não são fixas e os atores envolvidos podem migrar entre elas ao longo do tempo. Portanto, a análise dos movimentos sociais e da mobilização política deve superar as barreiras *convencionais que consideram o "Estado" e a "sociedade" como entidades coesas e monolíticas* (ALONSO, 2009, p. 56). Essa abordagem reconhece a dinamicidade e a complexidade das relações entre essas entidades, destacando a necessidade de uma análise mais abrangente e flexível que leve em conta as diferentes posições e interações dos atores políticos.

A TPP considera as oportunidades políticas e os símbolos construídos durante a mobilização com recursos, são meios para atingir objetivos em um ambiente com oportunidades e constrangimentos que configuram litígios e contenções. Essa teoria não abandona a questão da racionalidade dos atores sociais, mas a insere em um campo de disputas com variáveis mais amplas do que a pura racionalidade econômica da TMR.

A subjetividade dos indivíduos está contida na objetividade das ações coletivas dos movimentos sociais. A análise institucional e o papel das organizações e instituições nos movimentos sociais também são enfatizados, mas menos como organizações de movimentos e mais como redes de articulação que suportam e criam estruturas de oportunidades. Esses novos marcos referenciais teóricos estabeleceram laços entre as políticas institucionalizadas e os movimentos sociais (GOHN, 1997).

Tanto a crítica à TRM, surgida na década de 1960, quanto a TPP, desenvolvida na mesma época nos Estados Unidos, contribuíram para o surgimento da Teoria dos Novos Movimentos Sociais na Europa, especialmente a partir dos anos 1970. Essa

nova teoria representou uma ruptura com os paradigmas anteriores ao atribuir um papel de destaque à cultura em relação às outras dimensões da realidade social. Nesse sentido, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais questiona principalmente as abordagens anteriores, que tinham uma visão economicista e utilitarista. Essa crítica se baseia na compreensão de que as questões culturais, identitárias e simbólicas desempenham um papel fundamental na formação e no desenvolvimento dos movimentos sociais (BODART, PEREIRA, 2017).

Alonso (2009) relata que nos Estados Unidos, inicialmente, a TPP teve que enfrentar a concorrência da TMR, mas acabou por superá-la. De maneira semelhante, na Europa e nos Estados Unidos, a teoria foi amplamente aceita e aplicada em diversos países e períodos históricos. No entanto, na América Latina, sua adoção foi menos difundida. No Brasil, Boschi (1987) foi pioneiro ao utilizar uma versão adaptada da TPP para analisar as mobilizações ocorridas durante o processo de redemocratização do país. Esse estudo representou um marco significativo na aplicação da TPP no contexto brasileiro, contribuindo para o desenvolvimento de uma abordagem teórica mais adequada às particularidades da realidade política e social do país.

iii. Novos Movimentos Sociais

O estudo dos Novos Movimentos Sociais - NMS é abordado por diversos teóricos, como Alain Touraine, Jürgen Habermas e Alberto Melucci, que possuem diferentes perspectivas sobre o tema. Enquanto Touraine enfatiza a autonomia dos movimentos sociais e sua capacidade de transformação social, Habermas destaca a importância do diálogo e da comunicação na construção de consensos. Já Melucci enfoca a identidade e a subjetividade dos atores sociais e como elas se manifestam nas mobilizações (ALONSO, 2009).

Em relação à TPP, é importante destacar que ela enfatiza a importância das coalizões e das alianças entre diferentes grupos sociais para a realização de mudanças políticas significativas. Essa perspectiva é complementar às teorias dos NMS, que reconhecem a importância da cultura e das subjetividades na mobilização social (ALONSO, 2009).

Assim, a análise dos NMS e suas teorias é fundamental para a compreensão dos processos de transformação social e política na contemporaneidade. Diferentemente das teorias clássicas, os NMS enfocam a emergência de novos sujeitos coletivos que se mobilizam em torno de questões específicas, tais como a proteção dos direitos de minorias sociais.

De acordo com Touraine, os NMS têm em comum uma atitude de oposição, que busca persuadir a sociedade civil a um novo entendimento sociocultural. Nesse sentido, os movimentos não buscam mais conquistar o Estado, mas sim sensibilizar a opinião pública e criar uma nova cultura de respeito à diversidade. Os NMS reúnem indivíduos e grupos que se veem marginalizados em relação aos padrões de normalidade sociocultural, formando associações de defesa e busca por direitos. Entre os exemplos de movimentos, destacam-se aqueles que lutam pelos direitos de hispânicos, negros, índios, homossexuais, mulheres, jovens, velhos e intelectuais, entre outros (ALONSO, 2009).

Em síntese, os NMS evidenciam a complexidade e diversidade dos atores e mobilizações sociais na atualidade. A análise desses movimentos e suas teorias é importante para compreender as formas de resistência e transformação social que emergem em um contexto de mudanças culturais e políticas profundas.

Surgindo do núcleo da sociedade os novos movimentos sociais representam uma nova imagem social, numa tentativa de mudar seus valores depreciadores, se apresentando então, como um novo ator social, trazendo um projeto de base cultural (ALONSO, 2009).

Aí se configurariam “novos movimentos sociais”, não mais motivados por questões redistributivas, mas empenhados numa luta simbólica em torno de definições da boa vida. Os novos movimentos sociais seriam, então, formas de resistência à colonização do mundo da vida, reações à padronização e à racionalização das interações sociais e em favor da manutenção ou expansão de estruturas comunicativas, demandando qualidade de vida, equidade, realização pessoal, participação, direitos humanos (HABERMAS, 1981, p. 33 *apud* ALONSO, 2009, p. 62).

Segundo Melucci (1989), a nova forma de organização dos movimentos contemporâneos não é instrumental para alcançar seus objetivos, mas sim um objetivo em si. Ao concentrar sua ação nos códigos culturais, a forma do movimento é uma mensagem, um desafio simbólico aos padrões dominantes. Seu

comprometimento é de curto prazo e reversível, com liderança múltipla aberta a desafios, onde sua estrutura organizacional é temporária e *ad hoc* formando a base tanto para a identidade coletiva interna, quanto para um confronto simbólico com o sistema. Aos sujeitos são oferecidas a oportunidade de experimentar outra forma de tempo, espaço e relacionamentos interpessoais, em oposição à racionalidade operacional dos aparatos.

Dessa forma, os NMS surgem em resposta a mudanças sociais, políticas e culturais, que desafiam as estruturas tradicionais de poder e hierarquia. Eles se caracterizam por uma organização mais descentralizada, flexível e baseada em redes de relacionamento. Além disso, os NMS tendem a adotar uma variedade de táticas de ação, que vão desde protestos e manifestações até o uso de mídias digitais e estratégias simbólicas.

Alonso (2009) defende que a análise dos movimentos sociais não pode ser reduzida a uma dimensão política, mas deve levar em conta a complexidade e a multiplicidade de aspectos culturais, sociais e históricos envolvidos nesses processos. Assim, os movimentos sociais são objetos de estudo multidisciplinares que visam compreender como os indivíduos e grupos se organizam e mobilizam em busca de transformações nas diferentes esferas da sociedade.

Nessa perspectiva, a análise dos movimentos sociais não pode ser restrita apenas às suas reivindicações políticas, mas deve também considerar suas demandas culturais e sociais, que são igualmente relevantes para compreender suas motivações e formas de ação. No qual, a abordagem multidisciplinar permite uma compreensão mais ampla e profunda dos processos de mobilização social e das dinâmicas sociais envolvidas.

Tilly (2010) entende que, a teoria dos movimentos sociais surge como uma resposta às limitações da teoria clássica da ação coletiva, que não conseguiu explicar a emergência e a dinâmica dos movimentos sociais contemporâneos. À medida que os movimentos sociais se tornaram cada vez mais presentes na sociedade, as teorias existentes se mostraram insuficientes para explicar os novos fenômenos sociais. Consequentemente, novas abordagens teóricas começaram a surgir, como a TMR, que enfatiza a importância da organização e da mobilização de recursos para o

sucesso dos movimentos sociais, e a TNMS, que destaca a importância da luta por identidades e valores culturais.

Touraine (*apud* Picolloto, 2007) busca esclarecer os diferentes tipos de movimentos sociais atuais, a fim de entender sua amplitude. Ele identifica três tipos: movimentos culturais, históricos e societais. Os movimentos culturais têm como foco a afirmação de direitos culturais e menos conflito com adversários, destacando as orientações culturais da sociedade e as diferentes interpretações dadas pelos membros de um mesmo campo cultural em relação ao poder. Já os movimentos históricos questionam os modelos de desenvolvimento e confrontam as elites em vez da classe dirigente, convocando o povo contra o Estado e tendo grande potencial de mobilização. Por fim, os movimentos societais combinam conflito social com um projeto cultural, definido em relação a um sujeito e promovendo uma abordagem moral oposta à do adversário social.

A evolução da Teoria dos Movimentos Sociais é resultado do constante diálogo entre as ciências sociais e as transformações políticas e sociais contemporâneas. À medida que a sociedade se transforma, novos movimentos sociais emergem, demandando novas explicações e teorias que possam compreender suas dinâmicas e impactos na sociedade. Assim, a TNMS se desenvolveu em um contexto de mudanças sociais significativas, que tornaram necessária a revisão dos modelos teóricos existentes. Essas mudanças incluem, por exemplo, a ascensão da sociedade de consumo, a globalização, a diversificação cultural e a fragmentação social. Esses fatores criaram formas de conflitos e novas demandas sociais que não se encaixavam mais nas teorias tradicionais (GIDDENS, 1991).

Portanto, a Teoria dos Movimentos Sociais tem um papel fundamental no entendimento das dinâmicas sociais contemporâneas, fornecendo ferramentas teóricas e metodológicas para analisar e interpretar as transformações sociais em curso. Além disso, a constante evolução da teoria reflete a necessidade de adaptar-se às novas demandas sociais, a fim de compreender melhor os movimentos sociais emergentes e suas implicações na sociedade.

2.3 UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Atualmente, segundo Melucci (1989) o movimento social típico é composto por uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana, que exigem um envolvimento pessoal na experimentação e prática da inovação cultural. Eles surgem apenas para atender a objetivos específicos, como grandes mobilizações pela paz, aborto, política nuclear, meio ambiente, entre outros. A rede submersa é composta por pequenos grupos separados, mas funciona como um sistema de troca, onde pessoas e informações circulam, apoiados por algumas agências, como rádios livres locais, livrarias e revistas, que fornecem uma unidade específica. Essas redes, inicialmente descritas por Gerlach & Hine (1970), apresentam as seguintes características: a) permitem associação múltipla; b) a militância é apenas parcial e de curta duração; e c) a participação em muitos dos grupos buscando envolvimento pessoal e solidariedade afetiva. Esse não é um fenômeno temporário, mas sim uma mudança metodológica na estrutura da ação coletiva.

Dessa forma, Gohn (1997), nos fornece uma opção metodológica para estudos que envolvem estrutura de ação dos movimentos sociais. Inicia a abordagem ressaltando que a análise deve considerar dois ângulos fundamentais, o interno e o externo, os quais estão interconectados e proporcionam uma visão completa das diversas dinâmicas dos grupos. Internamente, esses movimentos constroem repertórios de demandas que se baseiam em valores, crenças e ideologias, e organizam estratégias de ação que são projetadas para o exterior. Ao mesmo tempo, os movimentos sociais também são afetados pelas condições externas, como o contexto político e econômico, a influência da mídia e as relações com outras organizações. Portanto, a análise da interação entre os aspectos internos e externos é fundamental para se compreender a natureza dos movimentos sociais e suas implicações na sociedade.

Segundo Gohn (1997), no âmbito interno, é importante pesquisar a ideologia, o projeto, a organização e as práticas do movimento social. Já no contexto externo, é necessário considerar o cenário sociopolítico e cultural em que o movimento se insere, os opositores (caso existam), as articulações e redes externas construídas pelas lideranças e militantes em geral, bem como as relações do movimento com outros movimentos de lutas sociais. Além disso, é preciso avaliar as relações do movimento:

com órgãos estatais e outras agências da sociedade política; e sua articulação com outras instituições e atores da sociedade civil, incluindo pequenos e médios empresários e suas organizações, e sua relação com a mídia em geral.

É importante compreender o movimento social em sua formação, que pode ser analisada sob dois aspectos: a origem social dos participantes e o princípio articulatório que os une. A origem social está relacionada às classes e camadas sociais que compõem o movimento, havendo frequentemente alianças entre setores das camadas médias e das classes populares, entre outras formas de organização. Contudo, é importante destacar que, a partir de exemplos históricos, podemos observar também a existência de movimentos sociais que surgiram a partir de setores das elites e das classes dominantes. Independentemente do paradigma teórico-metodológico adotado, existem movimentos sociais tanto dos dominantes quanto dos dominados (GOHN, 1997).

De acordo com Tilly (1978), ao longo da história, as formas de apresentação de demandas coletivas passam por transformações que acompanham as mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas e demográficas. O autor destaca que, entre os séculos XVIII e XIX, ocorreu um aumento significativo do direcionamento de demandas ao parlamento nas sociedades europeias, e que surgiram novas táticas de ação adotadas por certos atores, como a greve. Esses exemplos indicam que as formas de apresentação de demandas coletivas variam historicamente, conforme as possibilidades e as necessidades de ação coletiva para determinada sociedade ou grupo social (*apud* PEREIRA e SILVA, 2020).

Conforme a abordagem de Gohn (1997) sobre o princípio articulatório dos movimentos sociais, três elementos essenciais podem ser identificados: as bases demandatárias, as lideranças e as assessorias. As bases demandatárias referem-se aos indivíduos que compõem o movimento e expressam suas demandas. As lideranças têm a responsabilidade de articular essas demandas e direcionar as ações do movimento. Já as assessorias são atores externos que se associam ao movimento em algum momento, variando em influência de acordo com o tempo de envolvimento, podendo até mesmo fazer parte da formação inicial do movimento em alguns casos.

As relações estabelecidas entre os movimentos sociais e os atores sociais envolvidos desempenham um papel crucial na dinâmica da força social dentro de um

contexto específico. Ao analisar um movimento social, é fundamental considerar sua contribuição para o processo de mudança social, avaliando se esse processo resulta em avanços ou retrocessos. Isso pode ser observado por meio da participação e do emprego de repertórios de ações coletivas adotados pelo movimento durante os ciclos de protesto ocorridos em determinados períodos históricos (Gohn, 1997).

Dessa forma, a compreensão da interação entre os elementos internos e externos dos movimentos sociais, assim como a avaliação de suas estratégias e impactos na transformação social, são aspectos relevantes para a análise desses movimentos.

Segundo Pereira e Silva (2020, p. 619), Tilly conceitua que:

Os repertórios de ação são, portanto, vistos como os conjuntos historicamente limitados de formas de ação conhecidas e consideradas legítimas por indivíduos e grupos em determinado momento no tempo e no espaço, assim se tornando rotineiras. Nas palavras do autor, são “formas pelas quais as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados” (Tilly, 1995: 41).

Tilly (1978) argumenta que os repertórios de ação podem ser compreendidos como as línguas, conhecidas de forma tácita e tidas como óbvias por aqueles que as compartilham em dado recorte espaço temporal. Atores sociais tenderiam, portanto, a agir de acordo com essas formas de ação disponíveis, estando apenas eventualmente abertos a inovações.

Os movimentos sociais podem ser analisados considerando sua localização geográfica, abrangendo tanto áreas urbanas quanto rurais, em países ou continentes mais amplos. A categoria espacial está fortemente vinculada a aspectos sociais, resultando em denominações específicas como movimentos da periferia, dos guetos pobres ou movimentos camponeses. Em alguns casos, como nos movimentos ecológicos, a dimensão espacial desempenha um papel determinante na articulação de demandas, relacionadas à preservação ou restauração de áreas específicas. As ideologias desempenham um papel crucial na formação da identidade dos movimentos sociais, servindo como referências estratégicas. A compreensão da ideologia de um movimento requer análise de seus discursos, mensagens e produções materiais e simbólicas (GOHN, 1997).

O território é um elemento importante para os movimentos sociais, pois muitas vezes é o espaço físico onde se desenvolvem suas reivindicações e ações. Além

disso, a identidade também desempenha um papel fundamental, uma vez que os indivíduos se mobilizam a partir de uma identificação com um grupo, uma cultura ou uma causa. Assim, as organizações culturais em análise refletem a busca pela manutenção ou transformação de sua realidade a partir de uma perspectiva coletiva.

Segundo Castells (2018), os atores sociais constroem sua identidade por meio de um processo que envolve uma base cultural ou um conjunto delas, que podem estar inter-relacionadas. É possível que um indivíduo ou um grupo possua múltiplas identidades. No entanto, essa pluralidade pode gerar tensões e contradições tanto na representação de si mesmos quanto na ação social. Relata o autor:

[...] é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjuntos de papéis. Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação (CASTELLS, 2018, p 1).

Os códigos culturais utilizados pelos movimentos são moldados pelas ideologias e seus significados têm como objetivo ampliar o alcance dessas mesmas ideologias. Em muitos casos, os movimentos sociais lutam não apenas por recursos materiais, mas também pela criação ou alteração de significados culturais. Ao observar a cultura política, o pensar não deve ser apenas uma herança de tradições passadas, mas sim algo vivo e em constante construção ao longo da trajetória de um movimento. A construção cultural é moldada pela experiência cotidiana vivenciada por membros, que são informados por suas ideologias e representações, e configurados pelo projeto do movimento em si. O conjunto de práticas sociais que surge a partir dessa interação gera a cultura política do movimento (GOHN, 2009).

De acordo com Gohn (2009), o processo de organização de um movimento social pode ser tanto formal quanto informal. Normalmente, nas fases iniciais, a organização é informal, mas com o passar do tempo, surge uma crescente necessidade de formalização, incluindo a definição de funções, divisão de tarefas, cargos e duração de mandatos. Entretanto, há movimentos que conseguem sobreviver por décadas sem ter uma estrutura formal, atuando predominantemente no campo das ideias. Além disso, a organização possui níveis internos e externos, sendo

este último parte de uma rede de articulações. A estrutura de suporte da organização e os significados culturais e simbólicos construídos pelo movimento são elementos-chave para compreender as mudanças socioculturais e políticas geradas ou nas quais o movimento atua como ator fundamental.

As práticas de um movimento social envolvem ações diretas e discursos, podendo variar em níveis de organização. A autora identifica fases padrão em um movimento social: 1. identificação da situação de carência ou criação de ideias, metas e valores; 2. formulação das demandas por lideranças; 3. aglutinação de pessoas ao redor das demandas; 4. transformação das demandas em reivindicações; 5. organização básica do movimento; 6. formulação de estratégias; 7. práticas coletivas como assembleias e atos públicos; 8. encaminhamento das reivindicações; 9. práticas de divulgação como jornais e conferências; 10. negociações com opositores por intermédio de interlocutores; e 11. a consolidação e/ou institucionalização do movimento (GOHN, 2009).

Para uma compreensão mais completa dos movimentos sociais, é fundamental examinar seus elementos internos básicos, como as demandas e reivindicações, os repertórios de ações coletivas utilizados, a composição dos participantes e suas articulações tanto internas quanto externas. A compreensão desses aspectos permite identificar as estratégias e as escolhas táticas empregadas pelos movimentos sociais, bem como suas conexões com outras organizações e setores da sociedade. Além disso, é importante observar as transformações que os movimentos sociais sofrem ao longo do tempo, considerando as mudanças em suas demandas, estratégias e composição social.

2.4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: UM PANORAMA HISTÓRICO DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

Os movimentos sociais têm sido uma importante ferramenta de luta e transformação social no Brasil desde o período colonial. As primeiras manifestações ocorreram durante o período de escravização, quando os escravizados se rebelavam contra seus senhores. Desde então, diversos movimentos sociais surgiram no país, como os movimentos operários, estudantis, feministas, indígenas, quilombolas, sem-teto, sem-terra, entre outros. Alguns deles tiveram grande impacto na história do país,

como a luta pelo fim da ditadura militar, a conquista dos direitos civis e políticos das mulheres, a criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, e a luta pelos direitos dos povos indígenas.

Os movimentos sociais são indicadores fundamentais para a compreensão do comportamento das sociedades. Traduzindo o movimento das forças sociais, auxiliando na identificação das tensões entre os diferentes grupos de interesses e expondo os problemas dos complexos mecanismos de desenvolvimento social. Conforme o momento da história que se encontram, os movimentos sociais que revelam os espaços de falha estrutural, os focos de insatisfação, os desejos coletivos, permitindo a realização de um entendimento das relações sociais. Os movimentos sociais revelam, além das carências percebidas e os anseios de suas demandas, conhecer o modelo de sociedade dentro da qual se articulam, onde as necessidades se tornam visíveis por meio de seu repertório (BEM, 2006).

A história dos movimentos sociais no Brasil pode ser dividida em diferentes períodos. Desde o século XIX até a década de 80, diversos movimentos ganharam destaque. Entre eles, destacam-se a Independência do Brasil em 1822, e os movimentos sociais relacionados à terra e ao trabalho, que surgiram em decorrência da luta pela reforma agrária. Em 1888, ocorreu o movimento abolicionista, que culminou na abolição da escravatura, um processo histórico importante nessa época. Na década de 30, surgiu o movimento trabalhista liderado por Getúlio Vargas, que criou leis trabalhistas e promoveu a organização sindical. Já na década de 60, ocorreu a luta pela reforma agrária conduzida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, que reivindicava a distribuição de terras para os trabalhadores do campo. Além disso, houve a luta contra a ditadura militar, que governou o país entre 1964 e 1985, resultando em diversos movimentos de resistência e reivindicação por democracia e direitos civis.

Gohn (2009) expõe que os novos movimentos sociais, que antes buscavam soluções de direitos relacionadas à identidade e igualdade, tiveram um grande declínio a partir dos anos 90 no cenário internacional como movimentos sociais e assumiram mais um papel institucional. No entanto, no Brasil, esses movimentos continuam e alguns até com mais força, com o apoio de ONGs e movimentos internacionais, citando o movimento indígena. De acordo com Gohn (2009) Krischke, destaca estudos em que essa nova cultura social se caracteriza por uma maior

iniciativa individual e participação de atores mais jovens, expressando atenção maior por questões culturais e participação no debate político. Enfim, relata que há uma mudança nos valores e orientações que fundamentam a ação social.

No processo de formação do Estado brasileiro, a modernização trouxe consigo um modelo democrático com baixa participação popular. Porém, a emergência dos movimentos sociais politicamente organizados introduziu novas facetas na tensa relação entre Estado e sociedade, forçando-o a negociar e integrar as demandas sociais de forma constante (BEM, 2006).

Segundo Brandão (2011), com a redemocratização e a introdução do pluripartidarismo, novas relações começaram a surgir entre os movimentos sociais e os partidos políticos, bem como entre os movimentos e as agências públicas. Embora alguns autores tenham chamado o fenômeno de cooptação e refluxo dos movimentos sociais, contrariando a visão de Cardoso (1987), onde defende que:

Eu não gosto de falar "Estado" porque não houve tal relação e, inclusive, porque esse processo era muito parcial. Acontecia na saúde, por exemplo, mas não acontecia na educação; criava-se um conselho da mulher, mas não eram criados conselhos em outras áreas, quer dizer, era um processo extremamente fragmentado. Portanto, é difícil dizer que foi uma nova relação com o Estado, já que não fazia parte de uma política estabelecida. Contudo, esse processo foi aos poucos abrindo várias brechas e criando uma nova relação (Cardoso, 1987, p. 83 *apud* BRANDÃO, 2011 p 137).

Na década de 1990, o Brasil experimentou efeitos político-institucionais e transformações na relação entre sociedade e Estado, o que teve um impacto significativo sobre os movimentos sociais nacionais no contexto social, econômico e político. Como resultado, muitas pesquisas sobre movimentos sociais focaram no "novo quadro do associativismo brasileiro", onde houve ênfase em ONGs e entidades do Terceiro Setor, muitas das quais estavam ligadas ou financiadas por políticas de responsabilidade social de empresas. Além disso, também se destacou o impacto das políticas sociais públicas, que surgiram em grande parte da Constituição de 1988, na organização dos grupos sociais (BRANDÃO, 2011).

Segundo Gohn (2010), a compreensão da relação entre os movimentos sociais atuais requer uma visão ampla da conjuntura sociopolítica e econômica na qual estes se inserem. No atual cenário do associativismo, observa-se a emergência de novos tipos de movimentos, demandas, identidades e repertórios, que ultrapassam fronteiras nacionais e englobam demandas seculares, identitárias e comunitárias. A organização

popular também passou por mudanças, com a atuação em redes e a preocupação com a questão cultural. As questões políticas contemporâneas tiveram um papel importante nesse contexto, desorganizando os antigos movimentos e propiciando o surgimento de novos atores, como ONGs e organizações do Terceiro Setor.

No entanto, essas reformas também geraram violência, diminuição de oportunidades no mundo do trabalho formal, formas precárias de emprego e constrangimento dos direitos individuais. O Estado promoveu reformas na área social e criou programas sociais, mas muitos deles acabam tendo um caráter fiscalizatório ou fazem parte de redes clientelistas, em vez de promoverem um real controle social (GOHN, 2010).

Dessa forma, de acordo com Tatagiba, Abers e Kunrath (2018), uma das características atuais dos movimentos sociais é a sua habilidade em envolver questões que vão além da competição por propostas políticas. Eles também se inserem em conflitos relacionados à própria estrutura institucional do subsistema e a ideias mais gerais sobre a organização da vida social. Essa capacidade de desencadear conflitos associados à forma de vida em sociedade distingue a atuação dos movimentos sociais de outras organizações da sociedade civil que colaboram com o Estado e recebem recursos para implementar políticas públicas. Onde:

Tais repertórios aproveitam as oportunidades estabelecidas pelo duplo condicionamento do regime e do subsistema ao mesmo tempo que tensionam tais oportunidades tanto em termos da busca de novas formas de acesso institucional quanto em termos da própria configuração da institucionalidade na qual pretendem incidir (TATAGIBA, ABERS E KUNRATH, 2018. p. 9).

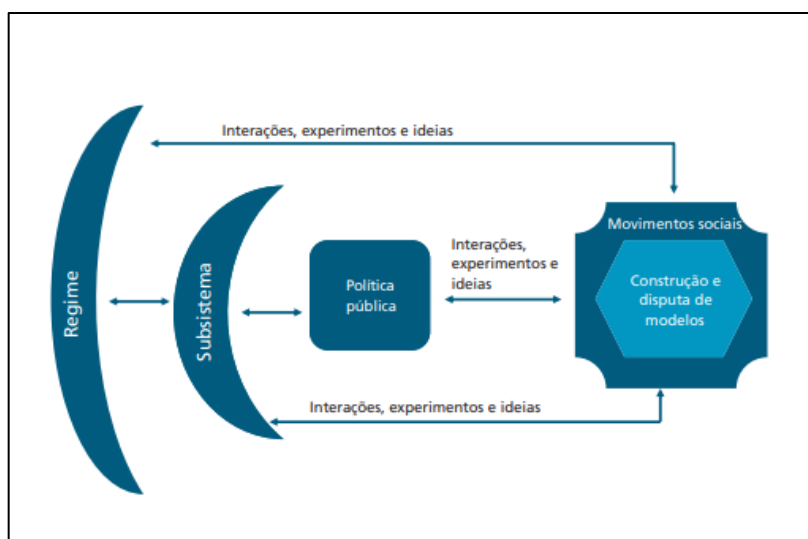


Figura 11- Os movimentos sociais na constituição das políticas públicas
Fonte: TATAGIBA, ABERS E KUNRATH, 2018, p 9

Conforme a imagem acima, os movimentos sociais são considerados um tipo singular de ator social, no qual está envolvido na produção de políticas públicas, criando, testando e debatendo modelos alternativos de políticas que refletem suas visões políticas em um determinado subsistema. Onde:

[...] busca-se mostrar a interação complexa entre movimentos sociais e políticas públicas. Os movimentos sociais avançam suas lutas em prol de modelos alternativos de política pública em atividades interativas, experimentais e ideacionais (representadas pelas linhas) que afetam e são afetados não somente pelo desenho das políticas em si, mas pela conformação dos subsistemas e do regime mais amplos. O resultado, em termos de conformação de uma política pública, surge da produção, experimentação e difusão de ideias por parte de movimentos sob condições estruturadas, por um lado, pelas configurações de regimes e subsistemas e, por outro, pela capacidade dos movimentos sociais para transformar as condições em que atuam e confrontar outros atores e redes que constroem, experimentam e defendem modelos de políticas públicas distintos (TATAGIBA, ABERS E KUNRATH, 2018. p 9).

A busca pela institucionalização de práticas que antes eram autônomas tem se tornado uma constante nos últimos tempos. Isso foi possibilitado pelo novo marco regulatório oficial¹⁸, que permitiu a criação de diversas inovações no campo da gestão democrática. Como resultado, o número de entidades e associações cresceu consideravelmente. Ainda assim, esse cenário é contraditório, com a coexistência de entidades que buscam a integração dos excluídos por meio da participação comunitária em políticas sociais exclusivamente compensatórias, e de entidades, redes e fóruns sociais que buscam a transformação social por meio da mudança do modelo de desenvolvimento atual do país, “*inspirados por um novo modelo civilizatório em que a cidadania, a ética, a justiça e a igualdade social sejam imperativos, prioritários e inegociáveis*” (GOHN, 2010, p 24).

¹⁸ O Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC), como é conhecida a Lei nº 13.019/2-14, é uma agenda política ampla, que tem como desafio aperfeiçoar o ambiente jurídico e institucional relacionado às organizações da sociedade civil (OSCs), também conhecidas como ONGs, e suas relações de parceria com o Estado. Conduzido pela Presidência da República em permanente diálogo com organizações da sociedade civil, gestores e especialistas, o trabalho está estruturado em três eixos: 1. contratualização com o poder público: parcerias com a administração pública em geral, com especial enfoque à implementação da Lei 13.019/2014; 2. sustentabilidade e certificação: simplificação e desburocratização do regime tributário (imunidades e isenções incidentes sobre as OSCs, proposta de Simples Social, incentivos fiscais) e dos títulos e certificados outorgados pelo Estado; 3. conhecimento e gestão de informações: produção de estudos e pesquisas, seminários, publicações, cursos de capacitação e disseminação de informações sobre o universo das organizações da sociedade civil e suas parcerias com a administração pública (fonte: IPEA).

2.5 ATORES SOCIAIS E SUA METODOLOGIA DE ATUAÇÃO: CONCEITO E PRÁTICA

Para iniciar a reflexão sobre a ação do sujeito social, recorreremos às abordagens de Bourdieu e Giddens, pois elas proporcionam um equilíbrio ao debater a autonomia ao sujeito/ator. O ator social exerce sua influência no mundo social e é, por sua vez, influenciado por ele em um processo mútuo.

Desde as análises clássicas da sociologia até as interpretações mais atuais, as teorias foram fundamentadas em duas perspectivas principais: as questões objetivas funcionalistas¹⁹ e estruturalistas²⁰; e as subjetivas - sociologia interpretativas: interacionismo simbólico²¹ e fenomenologia²². A partir do século XX, esses dilemas sociológicos surgem e é através dos argumentos interpretativos da teoria da estruturação de Anthony Giddens²³ e da teoria prática de Pierre Bourdieu²⁴ que o debate se renova, fornecendo novas perspectivas para compreender o agente contemporâneo (MOURA e MACIEL, 2013).

Assim, de acordo com Bourdieu (*apud* Ferreira, 2017), independentemente do campo social em que se encontra, o sujeito tem sua autonomia limitada pelo meio que condiciona sua ação. Ele também acredita que o poder simbólico atuante no campo social só pode ser exercido com a convivência daqueles que estão sujeitos a ele,

¹⁹ A perspectiva teórica em questão argumenta que a melhor explicação para os fenômenos sociais está nas funções que desempenham dentro de uma sociedade, contribuindo para sua continuidade. Essa visão considera a sociedade como um sistema complexo, no qual os componentes interagem entre si de maneiras que precisam ser compreendidas. (GIDDENS, 2008).

²⁰ Para Lévi-Strauss, o estruturalismo é um método que busca identificar e analisar as estruturas profundas que moldam as manifestações culturais, revelando padrões, oposições binárias e a universalidade dos processos mentais humanos (*apud* FRÓES, 2013).

²¹ Segundo Giddens (2008), esta abordagem foi desenvolvida por Mead que destaca a importância dos símbolos e da linguagem como elementos centrais de todas as interações humanas. Isso significa que os símbolos e a linguagem desempenham um papel fundamental na forma como os indivíduos se comunicam, interpretam o mundo e interagem uns com os outros. Essa abordagem reconhece a importância da comunicação simbólica para a compreensão e construção do significado social.

²² A fenomenologia, desenvolvida Husserl, conforme Alves (2021) busca descrever e compreender a experiência consciente tal como ela se manifesta diretamente à consciência, sem interpretações teóricas ou preconceitos. Husserl propõe a suspensão de juízos prévios e o foco na descrição pura dos fenômenos, buscando capturar sua estrutura essencial e intencionalidade.

²³ Este é um conceito sociológico recentemente introduzido por Anthony Giddens, no qual estrutura e ação estão intimamente ligadas. As sociedades, comunidades ou grupos só podem ser considerados ter uma "estrutura" quando as pessoas agem de forma regular e previsível. Da mesma forma, a "ação" só é possível quando cada indivíduo possui uma ampla gama de opções e escolhas disponíveis para si, o que é chamado de recursos de agência (Giddens, 2008, p 620).

²⁴ Pierre Bourdieu propôs uma teoria social que tentava unir as ideias do indivíduo e da estrutura, mas ainda via o indivíduo como alguém relativamente passivo, influenciado pela estrutura social em suas escolhas (*apud* Moura e Maciel, 2013).

mesmo que não percebam. Já Anthony Giddens (1989) reconhece que a estrutura social tem poder sobre o indivíduo, mas acredita que o agente social possui mais liberdade para construir sua própria ação. Para ele, as estruturas sociais interferem em algumas questões da vida do indivíduo, mas há espaço para o agente social influenciar e moldar seu próprio caminho.

Alan Touraine (*apud* Ferreira, 2017), aborda o conceito de agente social como um instrumento de mudança. O ator social é alguém que está envolvido em relações concretas, que podem ser profissionais, econômicas, mas também relacionadas à sua nacionalidade ou gênero. Esse indivíduo busca aumentar a sua autonomia e controlar o seu tempo e as suas condições de trabalho ou de existência.

O ator social é uma figura fundamental na construção da sociedade, pois é por meio de sua ação que a mudança social é possível. Destaca que o agente social não é apenas um indivíduo que age de acordo com seus próprios interesses, mas é alguém que se preocupa com o bem comum e com as consequências de suas ações na sociedade como um todo (Ferreira, 2017). Neste pensamento, o agente social é um agente de transformação, que busca mudar as estruturas sociais para que elas possam ser mais justas e igualitárias. Ele está engajado em lutas políticas e sociais, e busca sempre novas formas de resistência e de organização coletiva para atingir seus objetivos.

Os atores "produzem" a ação coletiva porque são capazes de se definir e sua relação com o meio ambiente. A definição que os atores constroem não é linear, mas produzida pela interação, negociação e oposição de diferentes orientações (MELUCCI, 1995. p. 53).

De acordo com Melucci (1989), os agentes sociais na atualidade não são mais categorizados pela sua classe social, como grupos definidos por uma condição social e cultural específicas. Os agentes envolvidos em conflitos sociais são cada vez mais temporários e sua função é revelar projetos específicos e anunciar para a sociedade a existência de um problema fundamental em uma determinada área. Essa forma de atuação dos agentes sociais é crucial para os debates sociológicos contemporâneos e explica o interesse crescente na análise cultural e na formação da identidade coletiva na compreensão dos movimentos sociais (MELUCCI, 1995).

Junior (2007) argumenta que as abordagens sobre os movimentos sociais nas Ciências, são impulsionadas principalmente pelas mudanças nos grupos e em seus

comportamentos coletivos e cooperativos, conforme discutido por Herbert Mead. Assim, a busca por organização e modelos associativos ocorre quando um indivíduo percebe e se identifica com as ações e atos de outros, construindo suas respostas em relação a um grupo específico. No entanto, para que a cooperação entre as pessoas ocorra efetivamente, é necessário observar dois pontos cruciais: compreender as formas de ação do outro e ajustar o comportamento pessoal de acordo com os interesses coletivos.

Os atores sociais desempenham um papel significativo na produção de mudanças sociais e políticas, sendo componentes de diversos grupos que compõem os movimentos sociais, tais como organizações sociais, coletivos e outros. Esses movimentos, quando bem articulados, possuem o potencial de promover a transformação social, seja por meio da defesa de direitos e da luta por mudanças nas políticas públicas, ou, em contrapartida, podem corromper e recorrer à violência para alcançar seus objetivos.

Enfim, o papel do ator social, em geral, é um reflexo da sociedade em que ele está inserido. Embora as organizações sociais possam adotar diferentes formas e abordagens, o papel desses atores²⁵ é de suma importância para fortalecer a democracia e construir uma sociedade mais equilibrada. Eles desempenham um papel ativo na promoção de mudanças sociais, na defesa de direitos e na busca por justiça social. O engajamento dos atores sociais contribui para ampliar a participação cidadã, estimular o diálogo e a diversidade de perspectivas, e garantir que as vozes e demandas de diferentes grupos sejam ouvidas e consideradas no processo de tomada de decisões.

²⁵ O papel dos atores sociais é considerado crucial para fortalecer a democracia e construir uma sociedade mais equilibrada quando suas causas são justas e visam o bem comum. Infelizmente, existem grupos problemáticos, como o terrorismo, que comprometem o cenário das mobilizações sociais. Esses grupos distorcem os conceitos, utilizando métodos violentos e antidemocráticos para alcançar interesses próprios, prejudicando a segurança e o bem-estar da sociedade. Um autor que aborda essa temática é Charles Tilly. Ele discute a complexidade dos movimentos sociais e como suas ações podem variar desde a busca legítima por justiça e igualdade até formas extremas de violência e destruição.

3. COMPREENDENDO AS INTERCONEXÕES ENTRE COMUNIDADE, IDENTIDADE E CULTURA

"A cultura é o que nos torna quem somos e nos conecta com os outros."

Chínua Achebe

Os movimentos urbanos, sobretudo aqueles que englobam os processos de mobilização social organizados em um território específico e com objetivos comuns, estão ligados a três conjuntos principais: a necessidade urbana por melhores condições de vida e consumo coletivo, a afirmação da identidade cultural local e a busca pela autonomia política e participação como cidadãos conscientes (CASTELLS, 2018).

Esses três conjuntos foram combinados em diferentes proporções pelos diversos movimentos sociais e os resultados obtidos foram, naturalmente, distintos. Contudo, em muitos casos, independentemente das conquistas mais evidentes do movimento, sua própria existência já produziu algum significado, não apenas para os atores sociais, mas para toda a comunidade. E isso vale não só para o período de duração do movimento (normalmente curto), mas para a memória coletiva da comunidade (CASTELLS, 2018. p. 96).

Segundo Gohn (2011), os movimentos sociais possuem uma historicidade que os torna perenes, uma vez que representam forças sociais organizadas e solidárias em torno de uma causa, e suas atividades geram criatividade e inovações socioculturais. A experiência dos movimentos não se limita às lutas do passado, mas sim se reinventa cotidianamente, diante das adversidades enfrentadas. A memória histórica é fundamental para a compreensão e significado das lutas contemporâneas.

Dessa forma, ela permite uma análise crítica dos acontecimentos do passado, favorecendo a compreensão das causas e consequências dos conflitos e resistências do presente. A partir da reflexão sobre a história, é possível compreender melhor a realidade social e política em que se vive, identificar as continuidades e rupturas, bem como reconhecer a atuação dos atores sociais que se engajaram em lutas passadas. Nesse sentido, a memória histórica contribui para a construção de uma consciência coletiva e para a afirmação da identidade cultural, política e social dos povos.

3.1 SOBRE COMUNIDADE

Ferdinand Tönnies²⁶ (*apud* Oliveira, 1988), é considerado um dos pioneiros da análise social sobre comunidade e sua obra continua a influenciar estudos contemporâneos sobre o tema. Ele se concentra nos fundamentos básicos das relações sociais e sua principal contribuição é a distinção clássica entre dois tipos de organização social: a comunidade e a sociedade.

Tönnies designa por comunidade uma forma especial de relações humanas cuja natureza se funda num conjunto de estados afetivos, hábitos e tradições, e que se contrapõe ao que ele chama de sociedade, que vem a ser uma forma de relações cuja natureza, ao contrário, se funda no interesse individual, racional de cada um (*Apud* OLIVEIRA, 1988. p. 106).

Inicialmente, a percepção sociológica de comunidade era de que ela constituía a primeira forma de agrupamento humano. Nessa visão, cada indivíduo desempenhava uma função como parte de um organismo compreendido como harmônico e uno em si mesmo. Com o tempo, a comunidade passou a ser definida pelo seu fator primordial de comunhão de sentidos. À medida que a sociedade evoluiu, essa concepção, juntamente com o acirramento das diferenças culturais e políticas, levou à formação dos estados nacionais e à definição de suas fronteiras geopolíticas correspondentes (LAZZARI, MAZZARINO; TURATTI, 2017).

Ferdinand Tönnies caracterizou a comunidade como sendo movida pela vontade essencial, enquanto a sociedade é motivada pela vontade de escolha ou racionalidade. Na comunidade, a vontade surge do próprio ser, do caráter e dos hábitos dos indivíduos, e as relações entre as pessoas são compreendidas a partir da tradição, parentesco e amizade. A informalidade é a base da construção da comunidade, que se forma a partir de sentimentos, semelhanças e experiências compartilhadas, podendo ser estabelecida por meio de laços de parentesco, vizinhança ou relações locais, assim, enquanto na sociedade as relações se mostram como mecânicas e competitivas, na comunidade seriam de natureza orgânica e cooperativas. (LAZZARI, MAZZARINO; TURATTI, 2017).

²⁶ Ferdinand Tönnies (1855-1936) foi um sociólogo alemão. Sua obra principal “Comunidade e Sociedade”, publicada em 1887, tornou-se no século XX de importância fundamental para o desenvolvimento da Sociologia na Alemanha. Foi especialmente sua concepção de comunidade que exerceu profunda influência sobre a maioria dos sociólogos contemporâneos. Fonte: https://www.ebiografia.com/ferdinand_tonnies/.

De acordo com Weber²⁷ (1973, *apud* Escudeiro, 2021), o conceito de comunidade é amplo e engloba conjunturas heterogêneas. O autor destaca duas abordagens para sua utilização. A primeira compreende a comunidade como uma contraposição radical à luta. Já a segunda enfatiza a participação dos sujeitos sociais. No entanto, Weber ressalta que nem toda participação em determinadas situações resulta numa comunidade. Ele afirma que a comunidade só existe de fato quando se baseiam em sentimentos comuns, nos quais as ações dos indivíduos estão em acordo, refletindo o sentimento pertencimento ao grupo. (ESCUDEIRO, 2021).

Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da situação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo (Weber, 1973:142, *apud* PERUZZO, VOLPATO, 2009. p. 141).

Weber explica que comunidade tem um conceito amplo, apoiado em fundamentos afetivos, emocionais e tradicionais. Entende que é um espaço de relação social em que a atitude na ação social, é inspirada no sentimento de solidariedade baseado num sentimento subjetivo, podendo ser afetivo ou tradicional (OBERG, 2018).

Ao comparar os conceitos de comunidade de Weber e Tönnies, podemos compreender que a comunidade é um espaço de afetividade, relações primárias, tradição, compartilhamento de interesses e território comum. Por outro lado, a sociedade é o oposto, caracterizada pela racionalidade, modernidade, relações secundárias com pouco contato pessoal e fins econômicos. Essa distinção entre comunidade e sociedade pode ser explicada de forma mais clara se considerarmos que as comunidades são baseadas em vínculos emocionais, onde as pessoas compartilham valores, tradições e interesses em comum. Já a sociedade moderna é caracterizada pela ênfase na racionalidade, burocracia e pela busca por objetivos individuais (OBERG, 2018).

Portanto, podemos entender que as comunidades são formadas por laços mais próximos e afetuosos entre seus membros, enquanto a sociedade moderna se baseia em relações mais impessoais e racionalizadas. Ambos os conceitos são importantes

²⁷ Max Weber (1864-1920) foi um importante sociólogo teórico alemão e professor de economia política. Fonte: https://www.ebiografia.com/max_weber/.

para a compreensão das dinâmicas sociais e podem ser aplicados a diferentes contextos e áreas de estudo.

Com o passar do tempo, as relações comunitárias foram sendo estabelecidas a partir da consolidação de suas identidades, que foram moldadas por suas vivências históricas e seu desenvolvimento nas relações sociais, políticas e culturais que estabeleceram. Essas identidades estão profundamente ligadas à memória construída em seu território e ao sentimento de pertencimento à comunidade. De acordo com Giddens (2008), a estrutura das sociedades, comunidades ou grupos depende da regularidade e previsibilidade das ações de seus membros. Essas ações, por sua vez, só são possíveis graças à quantidade de conhecimento socialmente estruturado que cada indivíduo possui. Podemos compreender que as identidades comunitárias são construídas a partir de experiências compartilhadas, como memórias, tradições e valores, que são transmitidos de geração em geração. Dessa forma, as comunidades são capazes de manter uma estrutura social coesa e duradoura, pois seus membros compartilham um conjunto comum de conhecimentos, práticas e crenças.

3.2 SOBRE IDENTIDADE

A questão da identidade e sua influência na construção da sociedade contemporânea é um tema amplamente discutido nas ciências sociais, principalmente na sociologia, antropologia e psicologia social. Segundo Castells (2018), a globalização e a construção de identidades são tendências conflitantes que moldam nossa sociedade. É importante destacar que, a partir do século XX, houve uma série de transformações que afetaram todos os níveis da sociedade.

Castells (2018) destaca a ocorrência de mudanças significativas no mundo contemporâneo. Ele menciona a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e a queda do estatismo como elementos que têm contribuído para uma nova realidade. Nesse contexto, surgem expressões poderosas de identidade coletiva, que desafiam a tendência globalizante e cosmopolita, valorizando a singularidade cultural e o controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes.

Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo. Entretanto, isso não é tudo. Com a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e a derrocada do estatismo, vivenciamos, no último quarto do século, o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. Essas expressões encerram acepções múltiplas, são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como as fontes históricas da formação de cada identidade (CASTELLS, 2018. p.62).

Nesse contexto, o debate sobre a identidade se torna cada vez mais relevante, pois é através dela que as pessoas se posicionam e se reconhecem no mundo. As ciências sociais comportam uma multiplicidade de cientistas que abordam a temática. A fim de compreendermos a identidade na sua composição macrohistórico, Hall (2006) apresenta três compreensões para diferenciar os conceitos de identidade, onde a primeira delas é o sujeito do Iluminismo, que se baseia na ideia do indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado de capacidades como razão, consciência e ação. Nesse modelo, o centro essencial do eu é a identidade da pessoa. Já o sujeito sociológico, por sua vez, reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo nem autossuficiente, mas é formado na relação com outras pessoas importantes para ele.

Dessa forma, os valores, sentidos e símbolos que formam o sujeito são construídos a partir das experiências vivenciadas e se modificam conforme o mundo lhe apresenta novas identidades. A identidade, para Hall (2006), é formada entre o eu e a sociedade, sendo que essa fragmentação da identidade trazida pelo sujeito sociológico se traduz no sujeito pós-moderno. Assim, o sujeito pós-moderno, é aquele cuja identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais ele é representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam. Nesse sentido, a identidade não é mais vista como algo fixo ou essencial, mas sim como algo em constante mutação e construção.

Hall (2006) discute a natureza fluida e em constante transformação da identidade, segundo ele, a identidade não é fixa nem determinada biologicamente, mas sim formada e remodelada continuamente em relação às representações e interpelações culturais que nos cercam. O sujeito, por sua vez, assume diferentes identidades em momentos diferentes, não sendo unificado em torno de um eu coerente. Dentro de cada indivíduo, existem identidades contraditórias que puxam em direções diferentes, resultando em um constante deslocamento de nossas identificações.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006. p. 13).

No entanto, Giddens (2008) propõe uma visão da identidade como uma construção que reflete a compreensão individual de si mesmo e a maneira como nos relacionamos com a coletividade. Em outras palavras, a identidade está relacionada à forma como conciliamos tradições, valores e comportamentos em nossa participação na modernidade. Ela é moldada pela socialização, ou seja, nossa interação com os outros e pelo ambiente em que estamos inseridos, mas também é influenciada pela nossa capacidade de agir e pensar de forma independente. Relata que a sociologia oferece uma conceituação variada acerca da identidade, mas, de maneira geral, está relacionada à compreensão pessoal de quem somos e aos valores sociais que nos afetam.

O conceito de identidade para Giddens (2008), pode ser entendida como as percepções individuais sobre quem somos e o que valorizamos em nós mesmos. Onde, a identidade social diz respeito às características que os outros atribuem a um indivíduo, geralmente baseadas nos grupos sociais aos quais se acredita que ele pertence. Esses atributos estabelecem as semelhanças entre o indivíduo e os outros. Já a identidade individual se refere àquilo que nos torna únicos como sujeitos, resultante do desenvolvimento pessoal e da interação contínua com o mundo ao nosso redor.

A identidade pode ser definida como as percepções que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para si. A identidade social engloba as características que os outros atribuem a um indivíduo. Estes atributos derivam frequentemente dos grupos sociais a que se pensa que um indivíduo pertence - como gênero masculino, asiático ou católico, por exemplo - e estabelecem a forma como um indivíduo é semelhante aos outros. A identidade pessoal diferencia-nos enquanto indivíduos, dizendo respeito ao sentido de um «eu» único que resulta do desenvolvimento pessoal e da interação constante de um indivíduo com o mundo exterior (GIDDENS, 2008. p 46).

A noção de identidade coletiva tem sido amplamente discutida na literatura acadêmica, principalmente no contexto dos movimentos sociais. Os conceitos de novos movimentos sociais e movimentos identitários têm sido frequentemente

utilizados para analisar essa ideia (Habermas, 1981; Touraine, 1985, 2000; Melucci, 1985, 1996, 2001; Cohen, 1985; Hunt e Benford, 2004; Calhon, 1994; Polletta e Jasper, 2001). A literatura sociológica contemporânea tem enfatizado os processos de solidariedade que surgem quando as pessoas se reconhecem como compartilhando uma identidade comum. Essa percepção de identidade coletiva leva à noção de vivenciar uma realidade compartilhada, juntamente com comportamentos, emoções e uma perspectiva de destino comuns (Owens et al., 2010, p. 490 apud Naujorks e Silva, 20016).

A construção da identidade coletiva é um processo complexo e multifacetado que envolve uma série de fatores interligados, tais como sociais, culturais e políticos. E quando acontece a formação harmoniosa das identidades individuais e coletivas pode-se promover uma interconexão cada vez maior entre as pessoas, as comunidades e as culturas, gerando uma compreensão mais profunda e empática das diferenças e similaridades entre elas. Nesse sentido, compreender a complexidade da formação da identidade coletiva é fundamental para a construção de organizações culturais.

Castells (2018) diferencia três principais formas de identidades coletivas: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. A identidade legitimadora tem sua origem vinculada às instituições dominantes, ou seja, é aquela que é legitimada pelo poder institucionalizado na sociedade. A identidade de resistência, por outro lado, é gerada por atores sociais que estão em posições desvalorizadas ou discriminadas, e busca resistir e contestar o poder estabelecido. Já a identidade de projeto é produzida por atores sociais que partem dos materiais culturais a que têm acesso para redefinir sua posição na sociedade.

Ao caracterizar esses conceitos basilares das identidades coletivas, Castells (2018) nos ajuda a compreender melhor como as identidades são construídas e a importância das relações de poder nesse processo. A tipologia proposta por pelo autor, apresenta diferentes tipos de manifestações que podem ser adotados pelos movimentos sociais, tanto os novos quanto os tradicionais. É importante ressaltar que, de acordo com o autor, não existem bons ou maus movimentos, mas contextos diferentes a serem compreendidos. Nessa dinâmica, é fundamental compreender os novos fenômenos socioculturais e acompanhar o movimento contínuo da sociedade e da cultura, já que isso abre possibilidades de transformação. Ainda que alguns

movimentos possam ser classificados como tradicionais, é importante destacar que eles também podem ser inovadores e trazer contribuições significativas para a sociedade.

A tipologia de Castells (2018) oferece uma visão ampla e flexível sobre os movimentos sociais, enfatizando a importância de compreender os diferentes contextos em que surgem e atuam. Essa perspectiva pode ajudar a promover uma compreensão mais completa dos nuances que os movimentos sociais apresentam, permitindo uma reflexão mais aprofundada da importância da compreensão da identidade sobre seu papel na sociedade e suas possibilidades de transformação.

Já Giddens (1991), chama a atenção para o desenvolvimento das relações sociais, ao abordar que, ao mesmo tempo em que elas se expandem horizontalmente, ocorrem pressões crescentes para a autonomia local e identidade cultural regional. Esse processo de expansão horizontal das relações sociais pode ser entendido como parte da globalização e do aumento da interconectividade entre diferentes regiões e culturas. Por outro lado, as pressões pela autonomia e identidade cultural regional podem ser vistas como uma resposta a esse processo, numa tentativa de preservar as características distintivas de uma região ou grupo social em um contexto cada vez mais homogeneizado.

Portanto, essas tensões entre a expansão das relações sociais e a busca por identidade cultural são importantes para entender as dinâmicas contemporâneas da sociedade e têm implicações diretas nas organizações culturais.

As identidades culturais podem ser elementos de resistência à homogeneização social²⁸. À medida que se constroem e se reinventam, podem ser catalisadoras de mudanças socioculturais ou preservadoras de tradições. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as evoluções se traduzem em práticas renovadoras. Algumas se manifestam como resistência à mudança, enquanto outras são concebidas como projetos de futuro (CASTELLS, 2018).

²⁸ Para Castells, a homogeneização social refere-se à tendência de redução das diferenças culturais e sociais em uma sociedade devido à disseminação de padrões culturais e comportamentais dominantes, impulsionados pela globalização.

3.3 SOBRE CULTURA

O estudo da cultura é um processo epistemológico, sendo assim, um processo de construção do conhecimento que tem sido amplamente explorado pelas ciências sociais. Coube à antropologia iniciar os estudos concretos com base em sociedades simples, oferecendo as primeiras análises para que se construísse um conceito (DIAS, 1994).

O conceito de cultura teve sua definição inicial formulada por Edward Burnett Tylor²⁹, considerado pai da antropologia cultural em sua era clássica, pois, pela primeira vez foi elaborada uma definição formal de cultura. Em sua concepção mais ampla, Tylor associa cultura e civilização, definindo como um complexo que engloba conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro da sociedade adquirida em grande parte inconscientemente e independente da hereditariedade biológica. Caracterizou a cultura pela sua dimensão coletiva (CASTRO, 2005).

Castro (2005) destaca a interconexão entre diferentes aspectos da civilização, como progresso, degradação, sobrevivência, renascimento e modificação, no qual esses elementos são vistos como parte de uma complexa rede que constitui a civilização. O autor sugere que, ao observarmos os detalhes triviais de nossa vida diária, podemos refletir sobre o quanto somos realmente os criadores desses aspectos da civilização, ou se somos apenas transmissores e modificadores dos resultados de eras passadas. Ao citar Tylor (*apud* CASTRO, 2005, p 40), o autor indica que essa perspectiva não é nova e remete a pensadores antigos. A ideia é que os padrões, valores e elementos culturais que observamos hoje em dia têm raízes profundas em eras antigas e são transmitidos e transformados ao longo do tempo. Isso nos leva a considerar a influência duradoura do passado em nossa vida presente e a compreender que somos herdeiros e agentes de uma história cultural contínua.

A Sociologia, inicialmente, demonstrou maiores dificuldades na definição do universo cultural. Ao longo do século XIX, a sociologia busca uma reflexão acerca da interação entre o homem e a sociedade, e a cultura passa a ser entendida como um hábito mental, um conjunto de atividades intelectuais e morais, ou seja, um modo de

²⁹ Tylor é considerado um representante do evolucionismo social. Em seus trabalhos *Cultura primitiva e Antropologia*, ele definiu o contexto do estudo científico da antropologia, baseado nas teorias uniformitárias de Charles Lyell. Fonte: <https://portalcafebrasil.com.br/edward-burnett-tylor/>.

vida. O século XX nos traz uma horizontalidade cultural. Na compreensão contemporânea, os processos culturais não são rígidos, muito menos, imutáveis, resultam de processos de identificação. Na atualidade, notamos o ressurgimento das culturas populares, mesmo que com algumas de suas características regionais modificadas, pois alguns processos de interação acarretam novos formatos às identidades culturais (SANTOS, 1994).

Baumann (*apud* SANTOS, 2021) oferece importantes contribuições para a compreensão da evolução do conceito de cultura ao longo da história. O autor propõe três universos distintos para definir o conceito de cultura: a cultura como conceito hierárquico, a cultura como conceito diferencial e a cultura como conceito genérico. No universo da cultura como conceito hierárquico, Baumann argumenta que é a sociedade que define quem é considerado culto, ou seja, quem é considerado educado e possui cultura, e quem é considerado inculto, ou sem cultura. Ele também sugere que há uma natureza ideal do ser humano, onde a cultura é vista como um meio para atingir esse ideal. Na abordagem da cultura diferencial, Baumann problematiza as diferenças de costumes e hábitos, e questiona as diferenças entre povos, comunidades ou regiões de um determinado país

Em seu conceito genérico de cultura, Baumann argumenta que o ser humano deve ser observado como um todo, um ser em constante transformação, com pensamentos e comportamentos complexos e variáveis. As ideias de Baumann nos permitem uma reflexão mais profunda sobre como a cultura é construída, compartilhada e vivenciada em diferentes contextos e sociedades ao longo do tempo (SANTOS, 2021).

Baumann (2012) ao abordar a natureza da cultura, destaca duas perspectivas contraditórias a ela associadas, no qual a cultura é percebida tanto como agente da desordem quanto como instrumento da ordem. Isso implica que a cultura tem a capacidade tanto de desafiar e perturbar normas estabelecidas, introduzindo elementos de desordem e mudança, quanto de estabelecer e reforçar normas sociais que trazem estabilidade e ordem. Além disso, a cultura pode ser tanto um fator de envelhecimento e obsolescência, ao preservar padrões e tradições que podem se tornar ultrapassados com o tempo, quanto um fator de atemporalidade, mantendo elementos essenciais que transcendem o tempo e permanecem relevantes.

No entanto, o autor argumenta que o trabalho da cultura vai além de sua autopropagação e reside em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças. Dessa forma, a cultura se autopropaga ao permitir e incentivar a modificação, a alteração e a substituição de padrões existentes por novos padrões ao longo do tempo. É a capacidade de evoluir e se adaptar que possibilita que a cultura continue sendo viável e influente (BAUMANN, 2012).

Assim, o autor destaca a dualidade da cultura como um agente de ordem e desordem, de envelhecimento e atemporalidade, e enfatiza que a cultura se mantém relevante e dinâmica ao permitir a possibilidade de mudança e renovação.

Baumann (2012) também aborda o paradoxo relacionado à desconstrução do conceito de cultura e à culturalização das ciências sociais. No século XVIII, o termo cultura foi utilizado para distinguir as realizações humanas dos fatos naturais, sendo que a cultura representava aquilo que os seres humanos podiam criar, enquanto a natureza representava aquilo a que eles deveriam obedecer.

No entanto, ao longo do século XIX, especialmente com a influência de Émile Durkheim e seu conceito de fatos sociais, houve uma tendência de naturalizar a cultura. Ou seja, os fatos culturais, embora sejam produtos humanos, passaram a ser vistos como algo que confronta seus criadores com a mesma obstinação e inflexibilidade da natureza. Os pensadores sociais concentraram-se em explicar por que os fatos culturais são assim e como funcionam, demonstrando que possuem uma rigidez e uma resistência semelhantes às da natureza (BAUMANN, 2012. p 6).

Portanto, o paradoxo mencionado pelo autor é que, embora a desconstrução do conceito de cultura tenha surgido como uma forma de questionar e criticar sua noção tradicional, essa desconstrução acabou acontecendo em um momento em que a cultura estava sendo cada vez mais naturalizada nas ciências sociais.

Giddens (2008), relata que na sociologia a abordagem atual do conceito de cultura refere-se aos aspectos da sociedade que são aprendidos e não herdados. São elementos compartilhados pelos membros da sociedade que viabilizam a cooperação e a comunicação entre eles. Dessa forma, a cultura de uma determinada região engloba tanto os aspectos tangíveis - como objetos, tecnologias e símbolos - quanto os intangíveis - como crenças, ideias e valores.

Giddens (2008) continua destacando a importância das ideias, valores e normas na cultura, argumenta que as ideias que definem o que é importante, útil ou desejável são fundamentais em todas as culturas. Relata que essas ideias abstratas, ou valores, dão significado e guiam os seres humanos em sua interação com o mundo social. Além disso, o autor enfatiza que as normas são as regras de comportamento que refletem ou incorporam os valores de uma cultura. Onde as normas são os padrões de conduta socialmente estabelecidos que determinam como os membros de uma determinada cultura devem se comportar. Portanto, as normas e os valores estão interligados e influenciam mutuamente a forma como as pessoas se comportam dentro de uma cultura específica.

A cultura exerce um papel significativo na perpetuação das normas e valores de uma sociedade, desempenhando um papel fundamental ao transmitir, reforçar e preservar as normas e valores estabelecidos em uma determinada comunidade. Isso significa que a cultura é responsável por manter a continuidade das práticas e crenças compartilhadas ao longo do tempo. Além disso, que a cultura também oferece oportunidades importantes de criatividade e mudança. Isso significa que, dentro da estrutura cultural, existem espaços e possibilidades para a inovação, a criatividade e a transformação. A cultura não é apenas um sistema estático, mas também permite que novas ideias, expressões e perspectivas surjam e influenciem a sociedade (GIDDENS, 2008).

Giddens (2008) reforça que as crenças e comportamentos culturais são diversos e variam de uma cultura para outra. Embora o contexto cultural e a conjuntura social sejam fatores importantes na formação da identidade pessoal, é a escolha individual que determina o sentimento de pertencimento.

De acordo com Giddens (2008), os valores podem ser contraditórios, mesmo dentro de uma comunidade, onde alguns grupos ou indivíduos podem ter valores diferentes, sejam eles mais tradicionais ou progressistas. Em um cenário marcado pela mudança, decorrente de movimentos globais de pessoas, bens e informações, os conflitos de valores culturais são comuns. As variações culturais entre seres humanos estão diretamente relacionadas com os diferentes tipos de sociedade presentes em nosso mundo.

A cultura é um reflexo do modo de vida dos membros de uma sociedade, dos grupos aos quais eles pertencem e se identificam. O que os une é o fato de se organizarem em relações sociais estruturadas conforme seus valores culturais. Parte importante desse processo é entender que os valores culturais podem ser contraditórios, mesmo dentro de uma comunidade e os conflitos culturais são parte do cenário de mudança global. As variações culturais estão relacionadas com os diferentes tipos de sociedade e a cultura é um reflexo do modo de vida dos seus membros.

Giddens (2008) destaca que a cultura não pode existir sem sociedade, e vice-versa. A cultura e a sociedade são interdependentes e se influenciam mutuamente. Sendo assim, a compreensão dos valores culturais e das relações sociais é fundamental importância para entendermos o funcionamento e as dinâmicas de uma determinada sociedade.

Por fim, a cultura é um conceito de vasta abrangência e profundo significado, que compreende tanto elementos tangíveis quanto intangíveis. Ela reflete a intrincada tapeçaria histórica das disciplinas das ciências sociais, que têm influenciado e continuam a influenciar as comunidades globais. A cultura é uma manifestação complexa da diversidade humana, englobando uma variedade de identidades individuais e coletivas. Abraçando crenças, valores e tradições, formando um mosaico singular de expressões culturais.

4. ANÁLISE DA INTERCONEXÃO ENTRE O MOVIMENTO CULTURAL, IDENTIDADE, TRADIÇÃO E MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA BARRA DO JUCU

*“Não tem jeito; quem mora aqui,
vive impregnado de poesia”.*
Marilena Soneghet

4.1 RASTREANDO A EFERVESCÊNCIA CULTURAL NA BARRA DO JUCU: UM LEVANTAMENTO DOS MOVIMENTOS CULTURAIS

Nesta etapa da pesquisa, nosso objetivo consiste em descrever o processo de construção dos grupos culturais em análise, empregando a metodologia apresentada para uma compreensão mais aprofundada da dinâmica desses grupos dentro do contexto do bairro. Por meio de entrevistas realizadas com os atores envolvidos, abordaremos aspectos relevantes, tais como a estrutura organizacional, as práticas de ação coletiva, as interações com a comunidade local e as formas de articulação com outros movimentos culturais. Nosso intuito é compreender como esses movimentos se estruturam e atuam em prol de suas causas, bem como avaliar o impacto dessas ações na comunidade em que estão inseridos.

4.2 ANÁLISE DO MOVIMENTO CULTURAL NA REGIÃO DA BARRA DO JUCU: MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS VOLTADOS PARA A CULTURA

Para uma melhor clareza sobre a temática da pesquisa, conforme descrito anteriormente, realizamos entrevistas com os organizações sociais que se dedicam à cultura na comunidade da Barra do Jucu. A fim de chegar no objetivo do estudo, a compreensão da relação dessas organizações com a comunidade, seus objetivos e estratégias de atuação se mostram fundamentais para entendermos o processo de engajamento e participação comunitária. Buscamos, dessa forma, entender o papel dessas organizações na promoção e preservação da cultura local.

É interessante salientar que tais grupos são constituídos pelos próprios membros da comunidade local, e suas atividades abarcam uma gama diversificada de aspectos culturais intrínsecos à identidade do bairro. A configuração desses grupos permeia a relação entre as dimensões pessoal, social e coletiva da identidade individual, engendrando uma congruência entre os significados presentes em cada uma dessas dimensões. Em outras palavras, é imprescindível que haja uma consonância entre as estruturas de significado que compõem cada dimensão identitária. No contexto da identidade militante, espera-se não apenas uma coerência entre os significados e sentidos presentes nos quadros interpretativos³⁰ do indivíduo e do movimento social, mas também uma correspondência entre os referentes presentes nas distintas dimensões identitárias do sujeito (NAUJORKS E SILVA, 2011).

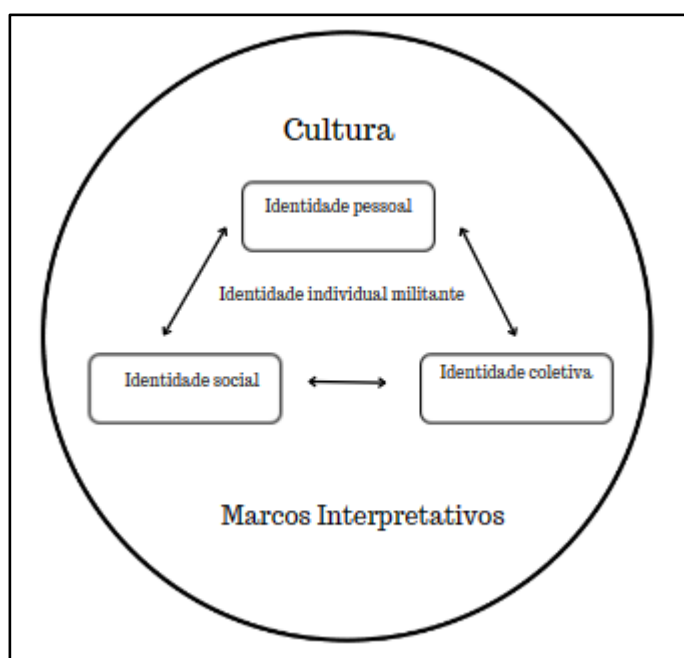


Figura 11 - Modelo relacional da identidade individual militante
Fonte: Naujorks e Silva (2016)

Conforme anteriormente mencionado, identificamos a existência de oito organizações culturais atuantes no âmbito do bairro em questão: AMORABARRA, Bloco Surpresa, Museu Vivo, Teatro da Barra, Conscientearte, Barra de Renda,

³⁰ Quadros interpretativos referem-se a estruturas cognitivas e interpretativas que moldam a forma como as pessoas percebem e compreendem o mundo ao seu redor. Eles são um conjunto de crenças, valores, conceitos e perspectivas que influenciam a forma como interpretamos eventos, situações e interações sociais. Ou seja, são entendidos, de forma ampla, como “os significados e definições compartilhadas por meio dos quais as pessoas definem sua situação” (McAdam et al., 1996, p. 5 apud Naujorks e Silva, 2011).

Banda de Congo Raízes da Barra e Madalenas do Jucu. Os agentes sociais envolvidos nesses movimentos encontram nos elementos culturais presentes no bairro os impulsionadores para seu engajamento na preservação e promoção das tradições locais.

[...] Como eu falei, logo no início, quando a gente teve essa ideia, que surgiu entre uma conversa entre amigos. Conheci a galera daqui, comentei sobre a paixão que eu tinha aqui e todo mundo já tinha essa vontade de cuidar, criar um projeto, de fazer alguma coisa. Então eu falei, vamos agarrar, vamos fazer. E todo mundo daqui me recebeu muito bem, me incentivou e vem me apoiando cada dia mais, me ajudando. E até o momento tá todo mundo assim de braços abertos e só incentivando a gente a crescer. (SOUZA, Isabele. 2023).

No contexto mapeado, vamos relatar as instituições que desempenham um papel significativo na promoção da cultura e engajamento comunitário. O AMORABARRA, liderado por Oscar Soares, é uma associação formalizada que atua nas lacunas deixadas pelo poder público, proporcionando apoio a outras organizações dentro do bairro e auxiliando a comunidade em demandas específicas. Outra instituição importante é o Bloco Surpresa, coordenado por Carlos Magno (Lilico), fundado em 1987 na comunidade local. O bloco busca a produção de cultura carnavalesca com crítica política e reflexão sobre o cotidiano dos moradores.

[...] O AMORABARRA é uma instituição que representa todos os moradores aqui do bairro da Barra do Jucu, é uma instituição de quase 45 anos, que representa os moradores aqui da Barra do Jucu e tem como ideologia fomentar a cultura, fomentar o turismo, fomentar os atrativos sociais que tem dentro do bairro. É basicamente isso que funciona a AMORABARRA (SOARES, Oscar. 2023).

[...] Então a 36 anos atrás a gente escreveu o estatuto e constituímos uma diretoria e essa diretoria composta fez com que acontecesse vários carnavais maravilhosos na Barra do Jucu e iniciamos um movimento cultural da Barra, carnavalesco em que o Bloco Surpresa no seu estatuto diz que é uma instituição puramente de cultura carnavalesca na Barra do Jucu (MAGNO, Carlos. 2023).

O Museu Vivo, liderado por Ricardo Vereza, também é uma instituição formalizada com o objetivo de fortalecer e apoiar todas as expressões culturais da Barra do Jucu, através da viabilidade de fomentos e parcerias com outras iniciativas no bairro. O Teatro da Barra, presidido por Zeiza Jorge, é outra instituição formalizada, sendo uma das mais antigas do bairro, com origem em 1974. O teatro surgiu com a chegada do teatrólogo Paulo de Paula, que sempre incentivou e trabalhou com a cultura local.

[...] O Museu Vivo é isso, é uma grande tenda, onde a gente quer estar acolhendo e apoiando todas as expressões culturais da Barra do Jucu e adjacências, projetando, trazendo recursos e com isso valorizando muito o nosso território da Barra do Jucu (VEREZA, Ricardo. 2023)

[...] O Teatro da Barra, que existe aqui na Barra do Jucu desde 1974. O Teatro é toda essa experiência que Paulo de Paula trouxe para gente e ele sempre gostou de trabalhar com a cultura local. Então é um trabalho que explora toda a cultura local da Barra do Jucu com todas as suas tradições (JORGE, Zeiza. 2023).

Além desses movimentos formalizados, existem outros quatro de grande importância para a comunidade local, mesmo que não estejam institucionalizados, tem grande influência cultural. O Conscientizarte é um movimento recente e busca conscientizar as pessoas por meio da arte, especialmente em relação ao impacto do lixo no meio ambiente. Já o Barra de Renda surgiu com a vontade de um grupo resgatar algumas expressões culturais da Barra do Jucu que foram se perdendo ao longo do tempo, seu foco é o resgate da tradição da renda de bilro. Por sua vez, a Banda de Congo Raízes da Barra busca incentivar a participação dos jovens na preservação da tradição do congo na comunidade, enquanto o grupo de congo Madalenas do Jucu se originou de uma oficina de congo e hoje tem composição formada somente por mulheres.

[...] “Conscientizarte” é um projeto novo, é um projeto que tem em torno de um ano, foi justamente quando eu vim pra cá. O objetivo do “Conscientizarte” é justamente conscientizar pessoas através da arte, em questão de meio ambiente, os impactos que o lixo tem no meio ambiente, o impacto que o ser humano está tendo negativo com a natureza (SOUZA, Isabele. 2023)

[...] O Grupo Barra de Renda surgiu da vontade da gente resgatar algumas expressões culturais da Barra do Jucu que foram se perdendo ao longo do tempo. Na verdade, quando surgiu, surgiu no Museu Vivo, a entidade que também participei da criação, de uma discussão sobre a ocupação dos espaços da Barra pelas coisas da cultura daqui, das brincadeiras, as músicas. As expressões culturais diversas. E aí a gente, na parte de cultura e educação, a gente criou o Museu Vivo e lá a oficina de renda de bilro natureza (RUSCK, Regina. 2023).

[...] Nós temos banda de congo sim. Porém, pessoas mais antigas, pessoas mais velhas, histórias sobre os congueiros, bem antigos. Então nós estamos fazendo o resgate dessa cultura, ou seja, trazendo os netos, bisnetos, tataranetos, o que for, que foi criado e nascido dentro do congo, “pocando”, desde pequeninhos, hoje, é formado pela Banda Raízes, por isso que tem esse nome, Raízes (CAUS, Rosangela. 2023).

[...] Bom! As Madalenas do Jucu, o grupo em sim, nasceu de um sonho muito antigo do Seu Honório. Que ele tinha uma vontade muito grande de ter mulheres tocando tambor e casaca. Porque as mulheres antigamente era só para cantar e dançar (REGO, Beatriz. 2023).

Em seu repertório, os movimentos culturais na Barra do Jucu são plurais e contemplam conferências, debates, palestras, oficinas, festivais, apresentações e resgate cultural. Convergente a todas essas iniciativas é a gratuidade de participação. Dessa forma, temos citamos alguns exemplos de ação coletiva, como o AMORABARRA, no qual colabora e apoia esses grupos culturais, buscando ampliar o alcance das iniciativas culturais e sociais na comunidade, especialmente nas áreas em que o poder público não alcança. O Bloco Surpresa, que trabalha na promoção e execução do carnaval local, com músicas, teatro e carros alegóricos construídos pela comunidade, também disponibiliza seu espaço para outros movimentos do bairro, tais como os de esporte, cultura e lazer.

[...] Então a gente ajuda como Associação, tenta ajudar ao máximo essas instituições a crescer cada vez mais, para a gente tentar chegar aonde o governo não chega, assim como falei no início (SOARES, Oscar. 2023).

[...] O que que o Bloco Surpresa vem mostrar, socialmente de mazela, foi alguma mazela aqui de dentro da Barra, de algum morador da Barra, foi no balneário, o prefeito fez alguma besteira que nós podemos malhar, o Presidente da República ou os caras que estão brigando fazendo Guerra Mundial aí e tudo mais. Então isso tudo se pensa bem, avalia e se cria para fazer a brincadeira chamada carnaval (MAGNO, Carlos. 2023).

O Museu Vivo, que busca valorizar o ser humano, fortalecendo o engajamento por meio da captação de recursos, de modo a projetar a Barra do Jucu para todo o estado. Procurando estar sempre imerso na comunidade, divulgando a cultura e promovendo ações culturais locais e fora dela. O Teatro da Barra, por sua vez, promove peças com atores da comunidade, valorizando os moradores da comunidade e suas tradições.

[...] O Museu Vivo é isso, é uma grande tenda, onde a gente quer estar acolhendo e apoiando todas as expressões culturais da Barra do Jucu e adjacências, projetando, trazendo recursos e com isso valorizando muito o nosso território da Barra do Jucu (VEREZA, Ricardo. 2023).

[...] O Teatro da Barra foi a primeira instituição que levou o Congo para o Teatro. Teatro Carlos Gomes, a primeira apresentação de uma banda de Congo foi com Teatro da Barra, na peça "Anchieta: Depoimento". Isso em 1976, né. O Teatro da Barra está aqui desde 1974. Mas ele foi fundado em 76. Então nós estamos falando de uma história que vem desde 74 para cá (JORGE, Zeiza. 2023).

Já o movimento Conscientearte, se mantém no cuidado do meio ambiente através da arte, atua por meio da educação, arte e diversão. O Barra de Renda, por sua vez, disponibiliza oficinas de renda de bilro para a comunidade e interessados, de terça a sábado, para adultos e crianças.

[...] Então o meu maior objetivo com esse projeto é segurar na mão desses outros projetos que tem esses mesmos objetivos e unir forças, e com isso fazer com que outras pessoas se interessem, fazer com que outras pessoas tenham vontade de correr atrás, de cuidar do meio ambiente. Acho que não é uma coisa muito difícil de fazer. Contanto que as pessoas consigam se unir. Porque quando as pessoas se unem tudo vai pra frente (SOUZA, Isabele. 2023).

[...] Bom! De lá para cá, essa oficina cresceu muito. Hoje nós somos por volta de 60 pessoas envolvidas e em 2017, a gente se tornou independente, formando o que é hoje o grupo Barra de Renda. O grupo Barra de Renda, ele tem alguns pilares, um dos pilares, o resgate social, outro dos pilares, geração de renda para comunidade e demais envolvidos. Nós somos prioritariamente integrantes da comunidade, mas nós temos participantes da Serra, de Guarapari, de Vitória e uma de Viana (RUSCK, Regina. 2023).

A Banda de Congo Raízes da Barra oferece oficinas de tambor, casaca e palestras nas escolas do município, além de se apresentar em eventos e datas tradicionais na comunidade. Assim como as Madalenas do Jucu, que atuam em eventos e apresentações em festividades tradicionais na comunidade e em outros lugares, promovendo a cultura do congo e realizando oficinas de jongo, tambor e casaca para mulheres da comunidade e de outras localidades.

[...] O objetivo é esse: não só a formação dessas crianças dentro da cultura, nós temos várias idades, criança é um projeto social que a gente envolve também, porque a gente faz esse resgate através de pessoas interessadas pela cultura, principalmente da nossa região (CAUS, Rosangela. 2023).

[...] Aí foi quando eu botei dois editais. Por quê? Porque eu queria formar um grupo em que as mulheres tocassem mesmo, não fosse só pra ficar sentada no tambor de enfeite não, que tocasse mesmo. Aí eu coloquei uma oficina de tambor e casaca, já pensando no grupo Madalenas, que foi o que aconteceu, peguei as mulheres da oficina, coloquei no grupo, chamei mais algumas e a gente realizou tudo isso. Então esse sonho agora eu já nem falo que é sonho, é uma realidade que a gente está vivendo hoje. E o grupo Madalenas foi uma homenagem mesmo às Madalenas do Jucu (REGO, Beatriz. 2023).

A relação entre as organizações culturais e a comunidade é um fator crucial para manter suas atividades e objetivos. Nesse sentido, o AMORABARRA se destaca por sua boa relação com a maioria na comunidade, atuando como um canal legítimo para as reivindicações do bairro. Porém, o Bloco Surpresa apresenta uma relação dual com a comunidade, uma vez que a diversão proporcionada pelo carnaval e o fomento à economia local são benéficos para alguns, mas a quantidade de pessoas atraídas pelo evento pode fugir do controle do poder público, o que gera preocupação para outros moradores. O Museu Vivo busca um melhor entendimento com a comunidade sobre seus objetivos, compreendendo que uma relação mais estreita pode resultar em uma produção cultural mais ampla e inclusiva. O Teatro da Barra

valoriza a participação da comunidade em todas as etapas do processo de produção teatral, incluindo a composição e a produção das peças.

[...] É muito bacana! Então a gente ajuda como Associação, tenta ajudar ao máximo essas instituições a crescer cada vez mais, para a gente tentar chegar onde o governo não chega, assim como falei no início (SOARES, Oscar. 2023).

[...] Nós apoiamos, a gente, o Bloco, aliás no estatuto, ele diz isso aí, a gente é parceiro, a gente é amigo, a gente quer compartilhar o melhor possível com uma única intenção, é criar movimentos sociais culturais dentro da Barra do Jucu. Então o Bloco, por exemplo, ele tem o espaço dele, o Bloco sede com maior tranquilidade para vários segmentos de esporte, de cultura, de lazer, sendo vindo da Barra do Jucu, entidades daqui, somos todos parceiros. Não abrimos mão disso aí (MAGNO, Carlos. 2023).

[...] Olha! O Museu Vivo, de 2015 a 2023 já vamos fazer 8 anos. A gente procura estar sempre inserido na comunidade, divulgando, mas a comunidade ainda não entende o papel do Museu. A gente tem um trabalho intenso de trazer eventos, recursos, valorizar a cultura, mas a população ainda não entende e acho que também não colabora. A gente anseia que essa relação melhore, para que a gente possa estar produzindo muito mais e envolvendo muito mais pessoas (VEREZA, Ricardo. 2023).

[...] Então, o pessoal da terceira idade e outros movimentos que foram se agrupando às histórias do Teatro da Barra. Os figurinos. Todos os figurinos, a maioria foi uma intervenção da Comunidade. O figurino do Auto de Natal, que é um figurino que tem mais de 100 personagens, ele foi feito assim, fazendo rifa, juntando as costureiras da Barra para produzir os figurinos. Então, essa que é a parte mais gostosa (JORGE, Zeiza. 2023).

O movimento Conscientearte relata um bom relacionamento com a comunidade, percebendo-a como receptiva e acolhedora, o que contribui para a difusão das ações ambientais por meio da arte. O Barra de Renda reconhece o apoio e a participação da comunidade como fatores essenciais para o resgate da tradição local da renda de bilro. A Banda de Congo Raízes da Barra relata uma relação inicial conflituosa com a comunidade, mas que vem melhorando com o tempo, devido ao engajamento crescente e ao reconhecimento local. Já o grupo de congo Madalenas do Jucu, busca esclarecer à comunidade a diferença entre grupo de congo e banda de congo, buscando passar uma melhor compreensão sobre o grupo.

[...] As outras organizações são os que me inspiram, são organizações que eu olho e tento aprender com elas (SOUZA, Isabele. 2023)

[...] Olha! É muito legal! Nós temos assim um apoio da comunidade muito grande. Nós temos uma participação muito grande como eu falei. Hoje nós somos cerca de 60 pessoas e são pessoas assim, que tem muito prazer em vir para cá e se dedicam muito, todos os projetos que a gente propõe que são de crescimento do grupo, de evolução ou de auxílio a um ou outro do grupo que tem situações mais vulneráveis, o grupo abraça, porque a gente tem muita confiança no nosso coletivo, todo mundo sabe qual é o espírito do grupo, quais são os princípios da gente e eu acho que isso irradia. Então a gente consegue criar esse ambiente favorável a essa receptividade. Então a

gente é muito feliz com a troca que a gente tem, né, com a comunidade (RUSCK, Regina. 2023).

[...] Então, foi aí que surgiu a Raízes, mas eu tive que enfrentar barreiras, como tudo aqui, a gente enfrenta barreiras. Mas a gente não pode deixar, porque se a gente não faz isso, se a gente não tivesse trabalhado isso, se a gente não fizesse isso, a cultura ela iria acabar, principalmente a que nós temos hoje, praticamente, é, ativas são três bandas de congo. São quatro, mas uma quase...está mais devagar, né? Aí vai...a gente está agregando. Aqui nós fizemos o Congo Aleluia, nós trouxemos três bandas, mas eu tive que colocar uma junto com a Banda Raízes. A Banda Raízes tem quase trinta pessoas, integrantes (CAUS, Rosangela. 2023).

[...] Então as pessoas, a comunidade em si, nos davam incentivo para a gente continuar. Outros davam incentivo para derrubar a gente, como eu sempre falo, que sempre querem derrubar a gente, a ponto de falar que o grupo veio pra tirar o lugar das bandas de congo, e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Quer dizer, eu sou de uma banda de congo, eu pertença a uma banda de congo, eu e mais cinco integrantes somos da Banda de Congo Mestre Honório e fazemos parte das Madalenas. Quer dizer, tem certos lugares, que eles pedem as Madalenas pelos motivos, e tal, e tem certos lugares que eles pedem a banda de congo (REGO, Beatriz. 2023).

A articulação entre as organizações sociais pode ser entendida como uma forma de fortalecimento e ampliação desses grupos, já que a união de forças e saberes possibilita o enfrentamento de desafios mais complexos e o aumento da capacidade de mobilização e pressão política sobre o Estado e outras instituições.

As principais ações das organizações culturais retratados acontecem principalmente no bairro, o que revela a importância da comunidade na participação e preservação da cultura local. Esses movimentos se configuram como espaços de promoção cultural, reconhecimento e valorização da diversidade do lugar.

[...] Os movimentos sociais são a cara da comunidade. O que que a comunidade tem como essência, né. E todas as suas tradições, né. Então os movimentos sociais que existem aqui na Barra do Jucu, eles sempre primam por essa coisa da identidade, dos antigos moradores, né (JORGE, Zeiza. 2023).

A maioria dos entrevistados registrou uma articulação significativa entre os movimentos culturais locais, evidenciando uma atuação em rede e uma colaboração mútua em prol do fortalecimento da cultura na Barra do Jucu.

4.3 TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS ATORES SOCIAIS: HISTÓRIAS QUE INSPIRARAM TRANSFORMAÇÕES

Para uma compreensão do papel dos atores sociais como agentes culturais, devemos considerar as trajetórias de vida dos indivíduos envolvidos nesses

movimentos. A partir das entrevistas realizadas, foi possível identificar que muitos desses atores sociais iniciaram sua participação nas atividades culturais por influência de familiares ou amigos, o que evidencia a importância da sociabilidade e da transmissão intergeracional de conhecimentos na manutenção e fortalecimento da cultura local.

Por outro lado, alguns desses atores sociais vieram de outras localidades e, ao se depararem com a diversidade cultural da comunidade, se propuseram a incentivar e defender a cultura local. Essas trajetórias de vida dos atores sociais são elementos fundamentais para compreendermos como as histórias individuais se entrelaçam com as transformações coletivas que esses movimentos culturais se propõem a promover.

Nosso propósito, neste ponto, é investigar os motivos subjacentes à autoimagem desses atores e a percepção que possuem da comunidade em relação a si mesmos, além de explorar sua visão sobre cultura local. Essa abordagem nos permitirá compreender as perspectivas e pontos de vista desses indivíduos em relação aos temas em análise.

Dessa forma, pode-se observar que os relatos dos atores entrevistados demonstram diferentes motivações para sua participação na comunidade. Para Oscar Soares (AMORABARRA), a vontade de recuperar o movimento estagnado por décadas motivou sua entrada no grupo, com o intuito de proporcionar mais vitalidade às reivindicações locais. Por sua vez, Carlos Magno (Bloco Surpresa) encontrou na inspiração de seus pais, típicos carnavalescos, a oportunidade de iniciar o movimento e valorizar a cultura local. Ricardo Vereza (Museu Vivo), ao se aposentar, decidiu usar sua experiência de vida em prol da valorização da cultura e do turismo, reconhecendo os desafios presentes nessa tarefa. Já Zeiza Jorge (Teatro da Barra) iniciou sua participação por meio de um amigo, mas, com o tempo, o convívio no movimento e a demanda da comunidade a motivaram a continuar engajada nas atividades.

[...] Eu entrei com intuito de, como eu falei antes, de fazer uma recuperação de uma associação que por décadas estava meio que estagnada, né, e eu por ser uma pessoa mais nova entrei para dar uma vitalidade nas reivindicações, né, e trazer mais um caráter organizacional também para nossa Associação e trazer aquela credibilidade que estava meio que estagnado (SOARES, Oscar. 2023).

[...] Quando nós começamos a fazer o carnaval eu me lembro que o primeiro carro alegórico foi o ônibus desarranjado, se você me permite, eu vou contar a história rapidinho desse enredo, foi o primeiro. O ônibus desarranjado, o que é isso? As beatas da Barra, inclusive a minha mãe, foram para Aparecida,

em 12 de outubro, que é a festa lá e na volta comeram uma comida que deu dor de barriga em todo mundo e o ônibus tinha que parar toda hora (MAGNO, Carlos. 2023).

[...] Então o Museu Vivo foi criado e eu estou participando dele como resultado de um movimento, para ver como os movimentos são importantes. E agora o Museu, tem uma estrutura, uma experiência de conquistas de recursos, de projetos de apoio a cultura de valorização e fortalecimento da cultura (VEREZA, Ricardo. 2023).

[...] E então foi quando o Paulo falou: “Zeiza, eu acho que você vai ter que ser nossa figurinista, a gente não tem dinheiro para te pagar, então você vai ter que ser também a produtora, porque aí você vai produzir e vai poder pagar seu trabalho”. Então foi assim que começou nossa história, né. Hoje o Teatro da Barra tem um figurino incrível (JORGE, Zeiza. 2023).

Isabele Soares (Conscientezarte) apaixonou pela beleza cênica local, o que a levou a iniciar o movimento com um grupo de amigos com o intuito de preservar a região. Regina Rusck (Barra de Renda) valoriza o patrimônio imaterial da Barra do Jucu, o que a motivou a buscar o resgate da identidade e história dos menos favorecidos. Já para Rosangela Caus (Raízes da Barra), a formação de outra banda foi a inspiração para seus projetos socioculturais, enquanto Beatriz Rego (Madalenas do Jucu) encontrou sua motivação na realização de um projeto para a construção de um grupo só de mulheres, aproveitando seu conhecimento por já fazer parte do movimento do congo.

[...] Então eu junto com esse grupo, tivemos essa ideia de não limpar apenas, mas educar. E não aquela questão de palestra, nem nada assim, é mais de forma indireta, que é a arte. A arte é algo que eu gosto, é algo que já tem aqui na Barra. É algo que muitas pessoas aqui na Barra se interessam e é algo que fala, que já diz sem você precisar dizer uma só palavra (SOUZA, Isabele. 2023).

[...] Nenhum povo é formado de uma classe social, nenhum povo é formado só de pessoas que, grandes pintores que estudaram em escolas de pintura pelo mundo afora e tal. Não! Tem outras que são grandes e nunca tiveram essa oportunidade e a história deles foi embora. Então o meu encanto com patrimônio imaterial é esse e como eu gosto muito de gente mais idosa, de conversar, então aí fui pescando essas coisas que tinham se perdido da cultura deles que já foi muito importante e já não existia. E com isso a ideia de resgatar, criamos o Museu com esse fim (RUSCK, Regina. 2023).

[...] Depois fiquei na frente da Associação das bandas de congo de Vila Velha, da Barra e depois de Vila Velha. E agora com a Banda Raízes, mas eu tenho esse histórico já de, vai para uns 24 anos já (CAUS, Rosangela. 2023).

[...] Então a minha entrada na banda de congo foi a partir daí, quando eu pude sentar no tambor e tocar o tambor. E uma coisa interessante, depois que eu entrei e só fiquei mais quatro ou cinco anos com Seu Honório, porque ele faleceu. Eu entrei em 1988 e ele faleceu em 1993. A gente já sabia tudo sobre o congo e tal. E quando ele faleceu, eu fiquei com aquilo na cabeça, que eu ia fazer um grupo de mulheres, só não sabia como, mas um dia eu ia realizar. E hoje eu falo assim: “Sonhar não custa nada, pode demorar um pouquinho, 30 anos, mas eu consegui” (REGO, Beatriz. 2023).

Os atores sociais presentes na Barra do Jucu compartilham do desejo de preservar a cultura local e valorizar a identidade barrense, mesmo que suas causas sejam diversas. A identidade coletiva é um tema recorrente nas discussões e atividades promovidas pelas organizações, pois a participação desses atores sociais na comunidade permite o resgate e a valorização da identidade local. Nesse sentido, a maioria dos líderes reconhecem como atores sociais, contribuindo para o fortalecimento da cultura local e para a promoção de outras organizações.

Para Oscar Soares, ser um ator social significa colaborar na promoção de outros movimentos, enquanto Carlos Magno se vê como um mantenedor cultural de saberes e fazeres. Ricardo Vereza, por outro lado, se cobra mais para aumentar o interesse dos jovens pela participação, enquanto Zeiza Jorge reafirma a importância de cada movimento para a comunidade.

[...] Olha! Eu considero! Eu considero não diretamente assim igual as outras instituições são ativas, né. Mas eu fomento de uma forma que essas organizações consigam usar a nossa Associação como trampolim. Então eu acho que eu me considero sim um ator social (SOARES, Oscar. 2023).

[...] Ator não! Não digo isso, mas assim: criar muito para que as pessoas pratiquem, né, a gente tem uma condição até de ensinar. Fazer! Como eu sou um artesão, eu procurei fazer muito carro alegórico do nada, sem ter condição financeira. Às vezes o Bloco não tinha, mas a gente criava, né. E ensinar para que as pessoas aprendam e deem continuidade aqui na Barra do Jucu para que continue esse grande evento que é o carnaval e a criatividade do barrense que tá na cara de cada um (MAGNO, Carlos. 2023).

[...] Eu me considero um ator social. Acho que faço pouco, acho que devo fazer um pouco mais. Incentivar mais pessoas a participarem mais e serem mais ativas. A Barra tem muitos jovens e os jovens precisam estar sendo direcionados para as questões sérias, importantes, questões culturais, da cidadania, etc (VEREZA, Ricardo. 2023).

[...] Eu ajudei como produtora, figurinista. Eu ajudei Paulo a realizar várias peças, né. Porque ele tinha as ideias e eu ia lá batalhar para conseguir verba, para conseguir os atores e os figurinos, e como que a gente elabora cada ideia que ele tinha e fiz isso com imenso prazer (JORGE, Zeiza. 2023).

Para Isabele Soares, seu projeto é muito recente essa percepção ainda está em formação, enquanto Regina Rusk reforça o papel de resgate cultural que promove, no qual alguém tem que fazer, pois esse processo não acontece espontaneamente. Rosangela Caus retrata sua vivência e colaboração na história do Congo de Vila Velha, enquanto Beatriz Rego reconhece seu papel como atora social recentemente e se vê como um exemplo para aquelas que querem fazer parte do movimento.

[...] A imagem é de um projeto novo, porque a gente deixa isso muito claro que é um projeto que se iniciou tem pouco tempo e é um projeto que está em experiência, desenvolvimento, novas ideias (SOUZA, Isabele. 2023).

[...] Sim! Eu me considero sim atora social, porque alguém tem que fazer esse papel desse resgate. Alguém tem que buscar as condições para que isso aconteça, porque não acontece assim espontaneamente (RUSCK, Regina. 2023).

[...] Eu considero! Eu considero! É o que eu te falei, a vivência e a experiência é aquilo que você já fez e faz na vida, faz com que você crie sua formação (CAUS, Rosangela. 2023).

[...] Sim! Eu não tinha sentido ainda esse grande papel que eu tenho. Eu ainda não tinha caído a ficha. Mas como você chega num lugar, que as pessoas falam bem assim: “Você é a Beatriz?”. Aí eu: “Sou!”. “Menina, eu era louco pra te conhecer” (REGO, Beatriz. 2023).

Quanto a percepção acerca de cultura dos atores sociais entrevistados é plural e abrangente, refletindo a diversidade de experiências, vivências e saberes que permeiam a comunidade da Barra do Jucu. Dessa forma, para Oscar Soares, a cultura faz parte do ser humano, sendo um conjunto de saberes ligados principalmente ao sentimento de pertencimento, relata ainda que a diversidade de atores culturais e a composição ambiental do bairro é o que a deixa tão singular. Carlos Magno entende o bairro como um celeiro de artistas e cultura, reforçando a Barra do Jucu como um exemplo de promoção cultural e lista alguns movimentos culturais locais.

[...] Nós temos instalados aqui, por exemplo raízes de várias vertentes, né. Nós temos a cultura do Congo, nós temos a cultura da Gastronomia, nós temos a cultura da música. Nós temos diversos atores aqui culturais que fazem do nosso cantinho, que se chama Barra do Jucu especial. Nós temos a cultura por ser um bairro bucólico, né. Um bairro que é receptivo, caloroso (SOARES, Oscar. 2023).

[...] Então tem que ter essas pessoas e principalmente na Barra, nós temos um celeiro de artista e aqui um celeiro cultural também, que todos sabem que a coisa funciona culturalmente muito bem. Então! A Cultura da Barra do Jucu, vamos dizer assim, uma cultura que, pelo que nós temos de riqueza como a Madalena como música, né, do Martinho da Vila que foi lá para o exterior. A Barra do Jucu é um exemplo de cultura (MAGNO, Carlos. 2023).

Ricardo Vereza compreende cultura sendo a expressão de um povo. A maneira como vive, age, observa, registra, transmite o dia a dia, a sua vida e como se lembra de sua ancestralidade. Sobre a cultura Barra compara ao aconchego, uma grande atração turística, a beleza natural, a musicalidade do povo, a riqueza natural, a Juventude da Barra, ao território, a praça, a Galeria e a pesca. Reforça que tudo isso é valorizada pelo morador, mas pouco valorizado pelo poder público. Já Zeiza Jorge, entende que cultura vivência de um povo, tudo que vem dos antepassados. Continua

relatando que cultura é preservação da história de cada comunidade, de cada pessoa. Sobre a cultura da Barra, aborda a diversidade de artistas, onde lista escultores, pintores, poetisas, cantores e atores.

[...] É um aconchego. É uma grande atração turística. É a beleza natural. É a musicalidade do povo. É a riqueza natural. A Juventude da Barra. O território, a praça, a igreja. A Galeria Livre que nós fizemos. A pesca. Tudo isso representa itens da cultura da Barra, que é muito atrativa, muito valorizada por todo estado. Valorizada pelo morador, mas pouco valorizado ainda pelo poder público que a Barra precisa ser muito valorizada (VEREZA, Ricardo. 2023).

[...] Cultura é toda vida de um povo, tudo que ele vivência, tudo que vem dos antepassados. Cultura é preservar toda a história de cada comunidade, de cada pessoa, né, toda a história de cada pessoa. Ela é maravilhosa! Porque são muitas vertentes, né. A gente tem artistas fantásticos aqui, escultores, pintores, poetisas, cantores, atores.. que acabamos tendo vários atores, né, que o teatro formou e que depois as pessoas foram seguindo adiante. Eu acho que é isso (JORGE, Zeiza. 2023).

Isabele Soares entende que cultura são práticas da comunidade ou de um grupo de pessoas, onde são passadas de geração a geração. Relaciona a cultura da Barra a arte, todo o tipo de arte. Regina Rusck compreende a cultura como os valores de um povo, tudo o que tem valor, exemplifica o cuidar do outro como cultura, assim como perpetuar fazeres e ofícios tradicionais. Sobre a Barra do Jucu reforça a força da resistência cultural local e o orgulho da comunidade de sua cultura, entende que se não fosse assim, o bairro seria uma periferia comum, sem diferencial. Rosangela Caus identifica cultura ao que se faz na comunidade, sendo a vivência do bairro. Relaciona a cultura da Barra a atuação dos movimentos culturais, citando o Congo, o Museu e a Renda. Por fim, para Beatriz Rego cultura é vida, é o congo, entende que quando se fala de cultura da Barra do Jucu é o congo quem a representa, sendo o principal fator de reconhecimento da comunidade por pessoas de fora.

[...] A primeira vez que eu vim pra cá, teve uma apresentação de congo que eu fiquei maravilhada, eu fiquei apaixonada. E você não precisa saber tanto da história da Barra pra você enxergar a cultura. Colocando o pé aqui você já sente toda essa energia da cultura barrensense (SOUZA, Isabele. 2023).

[...] Eu acho que cultura são os valores de um povo. O que o povo tem de valor. Cuidar do outro é cultura, porque desde pequeno as famílias ensinaram que cuidam dos filhos, cuidam dos filhos dos amigos, cuidam dos filhos da comunidade. Então isso é cultura, né. Eu acho que cultura também é você perpetuar esses fazeres, perpetuar os ofícios (RUSCK, Regina. 2023).

[...] Então a gente vive a cultura. A cultura para nós é sempre. É um bairro basicamente cultura. A cultura da Barra do Jucu que é essa que nós fazemos, que é o que nós atuamos, que é o Congo, que é o Museu, que é a Renda (CAUS, Rosangela. 2023).

[...] Cultura é vida! Cultura é como a gente fala. Eu não tenho outra coisa que eu não sirva a não ser a cultura do congo. Por isso que eu falo que o congo é cultura. É história (REGO, Beatriz. 2023).

Dessa forma, a compreensão dos atores sociais entrevistados acerca da cultura e identidade na Barra do Jucu evidencia uma compreensão ampla e diversa desse conceito, ressaltando a complexidade e a riqueza das manifestações culturais presentes na comunidade. A cultura é entendida principalmente como um conjunto de saberes que envolve a expressão do povo, sua história, suas práticas e valores, transmitidos de geração em geração.

Por fim, de acordo com os depoimentos dos entrevistados, torna-se evidente a relevância atribuída à pluralidade de agentes culturais presentes na Barra do Jucu, bem como a busca pela proteção da identidade cultural local. Além disso, a percepção dos atores sociais entrevistados revela a valorização da cultura como um componente essencial para a manutenção da identidade coletiva da comunidade, além de ser um meio de promover a resistência cultural e proteger o patrimônio histórico e artístico do bairro.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A comunidade da Barra do Jucu demonstra ter suas tradições enraizadas em sua cultura até os dias de hoje. A preservação da identidade local é valorizada e promovida por meio de organizações sociais, líderes comunitários e moradores entusiasmados. A relação estreita entre a comunidade e a composição paisagística natural que a cerca, desempenham um papel fundamental na construção dessa identidade coletiva. A cultura da Barra do Jucu é uma manifestação viva do passado histórico e das influências presentes, e sua preservação é essencial para fortalecer os laços comunitários.

Dessa forma, algumas considerações pertinentes podem ser feitas acerca da formação e características da comunidade. Em primeiro lugar, é importante destacar a influência da herança cultural deixada pelos nativos da região, assim como pelos negros e portugueses que se estabeleceram na área do bairro. Essa diversidade cultural se mostra um elemento significativo na construção da identidade local. Além disso, um aspecto relevante a ser mencionado é a limitação espacial que caracteriza o bairro. Conforme determinado pelo Plano Diretor Urbano de Vila Velha vigente, a construção vertical é restrita, permitindo apenas a edificação de até dois andares e um terraço. Essa restrição contribui para preservar a paisagem e o caráter mais tradicional do local, evitando um crescimento vertical excessivo.

Outro elemento distintivo é a presença da vegetação nativa que cerca a região. Essa cobertura vegetal exerce um importante papel na configuração do cenário paisagístico da Barra do Jucu, inibindo o avanço imobiliário e atraindo moradores que buscam um lugar com características de uma vila, mas ainda próximo aos grandes centros urbanos.

Em resultado dessa combinação de fatores, a Barra do Jucu apresenta-se como uma área de dimensões reduzidas, com uma população limitada e poucas oportunidades para o crescimento urbano. Essas particularidades conferem um caráter único e um senso de comunidade estabelecido, tornando a Barra do Jucu um local singular dentro do contexto urbano mais amplo.

A relevância do ambiente natural na construção da identidade cultural da comunidade da Barra do Jucu pode ser destacada de forma significativa. A

preservação da vegetação nativa e da fauna local desempenha um papel fundamental na manutenção das tradições e dos valores ancestrais dos moradores. Além disso, a defesa do Parque de Jacarenema é uma questão de grande importância para a comunidade, que percebe essa área como um patrimônio cultural e natural a ser preservado. É interessante observar que a atuação da comunidade em relação a essa questão não se restringe apenas a manifestações públicas e à representatividade no conselho de meio ambiente, mas também se estende à inclusão dessa defesa no calendário de eventos culturais do bairro. Esse fato revela uma forte interligação entre a cultura local e a preservação ambiental.

Essa sinergia entre cultura e meio ambiente evidencia a compreensão da comunidade sobre a importância de preservar não apenas suas tradições culturais, mas também o ecossistema que sustenta sua existência. Essa interconexão entre identidade cultural e preservação ambiental fortalece a coesão social, despertando um senso de responsabilidade coletiva e contribuindo para a sustentabilidade ecológica do bairro.

Neste contexto, a pesca desempenha um papel significativo na formação cultural da Barra do Jucu, estabelecendo uma conexão intrínseca com uma série de expressões culturais presentes na região. Entre essas expressões, destaca-se o congo, considerado o movimento cultural mais antigo do local. A tradição do congo, assim como a composição paisagística do bairro, fazem parte dos atrativos culturais de captação de novos moradores (principalmente no final do século XX), o que fomentou a singularidade cultural característica da comunidade.

Com a chegada de novos residentes, a cultura local se beneficiou com maior contingente de pessoas em defesa da cultura local, resultando no fortalecimento de organizações sociais dedicadas a enfrentar as questões culturais do bairro, com um foco específico na preservação, manutenção ou resgate da identidade local. É interessante notar que, das organizações entrevistadas, cinco delas são lideradas por indivíduos que migraram de outras localidades para a Barra do Jucu. Essas lideranças externas incluem Regina Rusck - Barra de Renda, Isabele Soares - Conscientearte, Ricardo Vereza - Museu Vivo, Rosangela Caus - Raízes da Barra e Zeiza Jorge - Teatro da Barra.

Essas organizações desempenham um papel crucial na promoção e preservação da cultura local, buscando fortalecer os laços comunitários e valorizar a identidade cultural da Barra do Jucu. A liderança vinda de fora da comunidade traz consigo novas perspectivas, saberes e experiências, enriquecendo ainda mais a diversidade cultural do bairro. Essa interação entre moradores, líderes locais (Oscar Soares - Amorabarra, Carlos Magno - Bloco Surpresa e Beatriz Rego – Madalena do Jucu) e líderes externos contribui para um ambiente cultural dinâmico e inclusivo, que valoriza a história, as tradições e as expressões artísticas da Barra do Jucu.

A percepção acerca da cultura dos atores sociais entrevistados é plural e abrangente, refletindo a diversidade de experiências, vivências e saberes que permeiam a comunidade da Barra do Jucu. Para os entrevistados, a cultura é parte intrínseca do ser humano, sendo um conjunto de saberes ligados principalmente ao sentimento de pertencimento. A maioria das entrevistas enfatizaram a importância da cultura como forma de expressão e da preservação da identidade da comunidade. Além de reconhecerem o local como um celeiro de artistas e cultura, relatam diversas produções culturais.

Considerando a análise realizada sobre os grupos culturais presentes na Barra do Jucu, constatou-se que metade desses grupos está juridicamente formalizado, adotando uma estrutura organizacional alinhada com os princípios da Teoria de Processo Político. Essa constatação revela que, apesar de contar com o apoio de grande parte da comunidade local, esses movimentos enfrentam constantes desafios na obtenção de recursos e apoio político. Essa necessidade de recursos e apoio político se faz presente tanto para o custeio das atividades dos grupos como para a promoção de eventos e ações culturais. Ficou evidente que essas organizações dependem de recursos financeiros e de parcerias políticas para viabilizar suas atividades e ampliar seu impacto na comunidade.

Por outro lado, os movimentos informais encontram respaldo nas organizações institucionalizadas da comunidade, devido à sua preferência por uma gestão menos burocrática. Apesar dos desafios associados à informalidade, eles optam por manter essa abordagem. A flexibilização dos incentivos, por meio de projetos oferecidos pelas secretarias de cultura municipais e estaduais, tem sido um suporte crucial para ambos os tipos de organizações culturais.

Essa dinâmica constante de busca por recursos e apoio político reflete os desafios enfrentados no fomento à cultura local, destacando a necessidade de priorizar a valorização e o financiamento das atividades culturais. Assim, é crucial estabelecer programas de parcerias entre os grupos culturais e o poder público, visando garantir a continuidade e expansão das iniciativas culturais na Barra do Jucu. Fortalecer os mecanismos de suporte e incentivo à cultura é essencial para que possam continuar contribuindo ativamente para a preservação cultural da comunidade da Barra do Jucu.

Podemos observar que a articulação entre as organizações revela um trabalho em rede, que, embora possa apresentar alguns pontos de conflito (os quais podem ser analisados em estudos futuros), é principalmente composto por ações coletivas organizadas para alcançar objetivos socioculturais. Essa construção de alianças políticas e estratégicas visa defender identidades próprias e buscar autonomia, mas de maneira cooperativa e colaborativa em prol de objetivos compartilhados. Dessa forma, podemos entender que a união dessas organizações busca não apenas promover suas demandas específicas, mas também consolidar uma rede mais ampla de organizações culturais em busca de transformações coletivas.

No entanto, a articulação entre as organizações em análise também enfrentam desafios, como divergências ideológicas, desigualdades de recursos e a possibilidade de cooptação por parte de setores contrários. Portanto, é fundamental que essa articulação seja desenvolvida de maneira democrática e participativa, priorizando a valorização da diversidade e o estabelecimento de um diálogo contínuo entre todos os grupos envolvidos.

Uma divergência evidente pode ser observada entre as bandas de congo do bairro. A dificuldade de estabelecer um diálogo harmonioso entre elas é um fenômeno presente, no qual fatores como os laços familiares entre os mestres, a busca pelo reconhecimento como a melhor e mais influente, e a ausência de uma liderança comum podem contribuir para essa situação. No entanto, é importante ressaltar que esse é um caso de natureza complexa que demandaria um estudo mais aprofundado das bandas de congo do bairro para uma análise mais precisa.

A preocupação com a cooptação de atores sociais na comunidade da Barra do Jucu é um reflexo da consciência sobre a importância de manter a autonomia e a

efetividade dos grupos locais. Esse cuidado visa proteger as iniciativas culturais contra possíveis manipulações ou instrumentalizações que possam surgir. Por outro lado, a implementação de políticas públicas voltadas ao movimento cultural, como a instituição do Dia da Rendeiras de Bilro e a criação da Semana Municipal do Congo de Vila Velha, demonstra o reconhecimento e o apoio governamental às expressões culturais únicas da região. Essas ações contribuem para fortalecer a identidade coletiva da comunidade, valorizando suas tradições e promovendo o engajamento cívico e cultural dos moradores.

Essas conquistas são resultado do esforço e engajamento dos atores culturais da comunidade da Barra do Jucu, desempenhando um papel fundamental na promoção e preservação da cultura local. Ao instituir datas comemorativas e realizar eventos específicos, as políticas públicas contribuem para fortalecer a identidade coletiva da comunidade e valorizar as expressões culturais únicas da região. O apoio governamental também fomenta a participação da comunidade, incentivando a valorização de suas tradições, o orgulho cultural e o senso de pertencimento. Além disso, essas políticas contribuem para a divulgação e difusão da cultura local, promovendo o intercâmbio cultural e fortalecendo a comunicação entre os diversos segmentos da sociedade.

Os grupos culturais da comunidade têm se empenhado na defesa e promoção da cultura local, e uma reivindicação quase unânime é a retomada da Casa da Cultura da Barra do Jucu. O espaço foi criado no bairro em 2004 com o objetivo de oferecer um local específico para a realização de diversas atividades culturais, como oficinas, saraus, palestras e eventos. No entanto, o espaço foi encerrado quase cinco anos após sua inauguração (sendo transformada em posto de saúde e com a promessa de construção de um novo local), deixando muitos fazedores de cultura sem um espaço para promover atividades culturais no bairro. A Casa da Cultura foi mencionada como um espaço de encontro e interação entre os moradores, contribuindo para a manutenção de um senso de comunidade forte e coeso.

A cultura local é dotada de uma expressividade marcante tanto entre os habitantes quanto nos meios culturais ativos. No decorrer das entrevistas, buscamos a seleção de um símbolo que melhor representasse a essência cultural do bairro. Um leque diversificado de elementos foi destacado, abrangendo desde a casaca, o tambor e o congo até a paisagem característica e o sentimento de orgulho barrense. Cada

uma dessas opções assumia uma carga simbólica e histórica de significância ímpar para os entrevistados, espelhando distintos matizes da identidade cultural barrense.

Essa diversidade de significados e representações simbólicas enriquece ainda mais a compreensão da complexidade e da profundidade das expressões culturais presentes na Barra do Jucu.

Nesse sentido, podemos inferir que a identidade cultural da Barra do Jucu exerce uma influência significativa sobre as atividades promovidas pelas organizações culturais locais. As tradições arraigadas na comunidade permeiam os projetos desses grupos, tanto os formalmente estabelecidos como os de natureza mais informal. A preservação da cultura local emerge como uma das principais motivações desses grupos, que utilizam as expressões culturais como um meio de fortalecer os laços comunitários e promover a identidade coletiva.

Por fim, constatamos que a articulação em rede e a busca de parcerias com o setor público são estratégias adotadas por essas organizações com o propósito de facilitar a concretização de empreendimentos culturais locais. Esse comprometimento evidencia a preocupação dessas entidades em preservar sua autonomia e salvaguardar sua identidade, ao mesmo tempo em que colaboram entre si para fomentar transformações socioculturais de maior alcance. Essa abordagem colaborativa e integradora reflete a convicção de que a proteção do patrimônio cultural da comunidade exige esforços conjuntos e uma participação ativa dos diversos intervenientes na cena cultural da Barra do Jucu.

BIBLIOGRAFIA

ABERS, Rebecca. BULOW, Marisa Von. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e Sociedade? Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 28, set./dez. 2011, p. 52-84.

ALVES, P. C.. Fenomenologia e teoria social. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 21, n. 1, p. 12–22, jan. 2021.

AMORABARRA. Associação de Moradores da Barra do Jucu. Disponível em: <<https://barradojucu.org/>>. Capturado em: 26 de janeiro de 2022.

ALEGRIA; Paula, BULGARELLI Lucas, PINHEIRO-MACHADOII Rosana. Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia (2008–2018). Disponível em: <https://bibanpocs>.

ALONSO, Angela. As Teorias dos Movimentos Sociais: Um Balanço do Debate. Ed. Lua Nova, São Paulo. 49-86, 2009.

AMORABARRA. Disponível em: <https://barradojucu.org/>. Capturado em 15 de abril 2023.

BANDA DE CONGO RAÍZES DA BARRA - Fincada de Mastro de São Benedito 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/barra-do-jucu-fincadas-de-mastro-de-sao-benedito-comecam-neste-domingo-18-1222>. Capturado em 15 de abril 2023.

BARRA DE RENDA. Disponível em Fonte:https://issuu.com/barraderenda/docs/apresentac_a_o_e_cata_logo_projeto_barra_de_renda_. Capturado em 15 de abril 2023.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio Sobre o Conceito de Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEM, Arim Soares do. A Centralidade Dos Movimentos Sociais Na Articulação Entre o Estado e a Sociedade Brasileira Nos Séculos XIX e XX. Educ. Soc., Campinas, vol.

27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br2006>> Capturado em: 19 de março de 2023.

BISON, Ivano; DIANI, Mario. Organizações, Coalizões e Movimento. Revista Brasileira De Ciência Política: Dossiê "Movimentos sociais e ação coletiva" nº 3 - Brasília, janeiro/julho de 2010.

BLOCO SURPRESA. Disponível em: https://photos.google.com/share/AF1QipPabvujcdkckujHpCD3ty9ljevrt_K2q_0HNK0JhlsuS94EAG_2PhN2qpVmj_uVBg?key=SXRJQINURmN0bGxwTHlyMmoybkdKQkdZMjdt1d3. Capturado em 15 de abril 2023.

BODART, Cristiano das Neves. PEREIRA, Jesus Marmanillo. Apontamentos Para Uma Agenda De Pesquisa Em Torno Dos Movimentos Sociais. Revista Café com Sociologia | v. 6, n. 3 | p. 03-18 | jul./dez. 2017.

BRANDÃO, Lucas C. A literatura sobre Movimentos Sociais: Interações Entre a Política Institucional e a Política não Institucional. BIB, São Paulo, n. 71, p. 123-143, 1º Semestre de 2011.

CÂMARA, A. A. F.; SOARES, P. B. D.; TERRA, A. D. G. Theoretical perspectives on Social Movements. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 9, p. e56510918601, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18601. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18601>. Acesso em: 8 abril. 2023.

CAMPOS, Rodrigo Moreira. Dissertação de Mestrado. Perspectivas críticas no ensino da História : manifestações culturais e turismo cultural na Barra do Jucu, Vila Velha-ES. Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 1. ed. Vol 2. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CASTRO, Celso. Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Fraser. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

DELLA PORTA, D. Social Movement Studies and Methodological Pluralism: An Introduction. In: DELLA PORTA, D. Methodological Practices in Social Movement Research. Oxford: Oxford University Press, 2014.

DIAS, Fernando C. Trabalho apresentado no Encontro de Sociologia da Cultura. Política da Identidade e da Diferença. UnB, junho de 1992. Sociedade e Estado, vol VIII, nº 1 e 2/1994.

ESCUADERO, Camila; CAETANO, Lucia; REINA, Eduardo. A Construção dos Conceitos de Comunidade, Identidade e Memória a partir da Prática da Comunicação Comunitária. Intexto, Porto Alegre, n.52, e97056, jan./dez. 2021.

FERREIRA, Dina Maria Martins. Do Semelhante ao Mesmo, do Diferente ao Semelhante: Sujeito, Ator, Agente e Protagonismo Na Linguagem. RBLA, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 619-640, 2017.

FREITAS, S M. História Oral: Possibilidades e Procedimentos. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FRÓES, Henrique. O Conceito de Inconsciente em Lévi-Strauss Revisitado. Pólemos, Brasília, vol. 2, n. 4, dezembro de 2013. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/download/11566/10181/20889>> Capturado em 02 de junho de 2023.

GALVÃO, Andréia. Marxismo e Movimentos Sociais. Revista Crítica Marxista, n.32, p.107-126, 2011.

GALVÃO, Andréia. O Marxismo Importa na Análise dos Movimentos Sociais. 32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS GT 24 - MARXISMO E CIÊNCIAS SOCIAIS. Caxambu, 2008. Disponível em: < <https://www.anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt24-15/2522-andreiagalvao-o-marxismo/file>>. Capturado em 08 de abril de 2023.

GALVEAS, Homero Bonadiman. A História da Barra do Jucu - Gênese da Cultura Capixaba. Editora própria. Espírito Santo, 2001.

GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS; Anthony. Sociologia. 6.a Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Caxambu (MG), de 17 a 20 de Outubro de 2010.

GOHN, Maria da Glória. Teoria Dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. Edições Loyola, São Paulo: 1997.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos Melo. A ação coletiva e seus intérpretes. As perspectivas teóricas de Charles Tilly e Mancur Olson. Associação Nacional de História – ANPUH - XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

LANG, A. B. da S. G. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. Cadernos CERU, [S. I.], v. 11, p. 121-134, 2000. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v11i0p121-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75077>. Acesso em: 13 abr. 2023.

LAZZARI, Artur; MAZZARINO M. Jane; TURATTI, Luciana. Comunidade: a busca de um conceito. Revista ESPACIOS. ISSN 0798 1015 Vol. 38 (Nº 03). 2017.

LIMA, V. R.; BRAND, A. J. e MARINHO, M. História, Identidade e Desenvolvimento Local: Questões e Conceitos. História & Perspectivas, v. 1, p. 363-388, 2008.

LÖWY, Michael. As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão De Münchhausen. Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento, São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LUCHMANN, Lígia Helena Hahn. Modelos Contemporâneos de Democracia e o Papel Das Associações. Revista de Sociologia e Política, [S.I.], v. 20, n. 43, out. 2012. ISSN 1678-9873. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31834/20328>>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MADALENAS DO JUCU. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/madalenas-do-jucu-conheca-o-grupo-de-congo-so-de-mulheres-0322>. Capturado em 15 de abril 2023.

MELUCCI, Alberto. Chapter 3 - The Process of Collective Identity. In JOHNSTON, Hank ; KLANDERMANS, Bert. Social Movements and Culture. Ed.: University of Minnesota Press. Minnesota. 1995.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Lua Nova. 1989. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451989000200004>>. Capturado em: 03 de junho 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Ação Pública. 2016.

MOURA (UFCG), J. M. B. de; MACIEL, C. F. A construção teórica de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens: as articulações entre as ações dos sujeitos e a estrutura social. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. I.], v. 11, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/19590>. Acesso em: 9 abr. 2023.

MUSEU VIVO. Disponível em: <https://museuvivodabarradojuçu.com.br/>. Capturado em 15 de abril 2023.

NAUJORKS, C. J.; SILVA, M. K. Correspondência identitária e engajamento militante. Civitas: revista de Ciências Sociais, [S. I.], v. 16, n. 1, p. 136–152, 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2016.1.18139. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/18139>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BERG, Lurdes Perez. O Conceito de Comunidade: Problematizações A Partir da Psicologia Comunitária. Estud. Pesqui. Psicol., Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 709-728, ago. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018>.

OLIVEIRA, Luciano. Comunidade e Sociedade - Notas Sobre a Atualidade do Pensamento de Ferdinand Tönnies. EstSoc., Recife, v.4 n.J,p.IOS-118, jan./jun., 1988.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Movimentos Sociais em Ação: Repertórios, Escolhas Táticas e Performances. Sociol. antropol. | rio de janeiro, v.10.02: 615 – 645, mai. – ago., 2020.

PMVV - Prefeitura Municipal de Vila. Perfil Socioeconômico por Bairros. Velha, 2013. Disponível em: <<https://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/Perfil%20socio%20economico%20R2.pdf>>. Capturado em 21 de abril de 2023.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo De Oliveira. Conceitos De Comunidade, Local e Região. Líbero São Paulo – V. 12, N. 24, P. 139-152, Dez. De 2009.

PERUZZO, Cicilia M Krohling. Pressupostos Epistemológicos E Metodológicos Da Pesquisa Participativa: Da Observação Participante À Pesquisa-Ação. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. XXIII. Universidad de Colima, México, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406009>> Capturado em: 04 de maio de 2023.

PIVEN, Frances Fox; CLOWARD, Richard A. Poor People's Movements. Why They Succeed How They Fail. New York, Vintage Books Edition, 1979.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PONTES, Beatriz Maria Soares. Os Suportes Epistemológicos Dos Movimentos Sociais. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 04, N. 01, 2015. Disponível em: < https://periodicos.ufpe.br/revistas/revista_mseu/issue/view/2223> Capturado em: 20 de janeiro de 2023.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História. São Paulo, n. 15, abr./1997, p. 13-49.

REIS, Elisa P. Sociologia Política e Processos Macro-históricos. Dossiê: Tendências e desafios contemporâneos da Sociologia Política • Sociologias 17 (38) • Jan-Apr 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/15174522-017003802>> Capturado em 10 de setembro de 2022.

RIOS, F. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: Revista Intratextos, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

SANTOS, B. de S. Modernidade, Identidade e a Cultura De Fronteira. Revista Social. São Paulo: USP, 1994, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1994.

SANTOS, Rosana Maria dos. OS MÚLTIPLOS CONCEITOS DE CULTURA. ENECULT. 2021. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132370.pdf>>. Capturado em: 20 de março de 2023.

SETURES. Riquezas do Espírito Santo. Disponível em: <<https://setur.es.gov.br/Media/setur/Setur/Releases/Release%20Cultura%20Capixaba.pdf>>. Capturado em 10 de abril de 2023.

SOUZA, Cláudio André de, PEREIRA, Carla Galvão. Movimentos sociais. Salvador: UFBA, Faculdade de Direito; Superintendência de Educação a Distância, 2022.

TARROW, Sidney. O Poder em Movimento. Movimentos Sociais e Confronto Político. Tradução Anna Sallun. Petropolis, RJ. Vozes. 2009.

TATAGIBA, Luciana; ABERS, Rebecca; SILVA, Marcelo Kunrath. Movimentos sociais e políticas públicas: ideias e experiências na construção de modelos alternativos. Repositório do Conhecimento do Ipea. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8601>>. Capturado em: 07 de março de 2023.

TEATRO DA BARRA DO ESPÍRITO SANTO – Disponível em: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/teatro-da-barra/>. Capturado em 15 de abril 2023.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 133-160.

TOURAINÉ, Alan. NA FRONTEIRA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2006.